SOMA

OCUPAÇÕES . HURTMOLD . VOLTA AS AULAS . ANDY MUELLER . VIRADA PUNK . JONATHAN HARRIS

JULHO . 07 #01

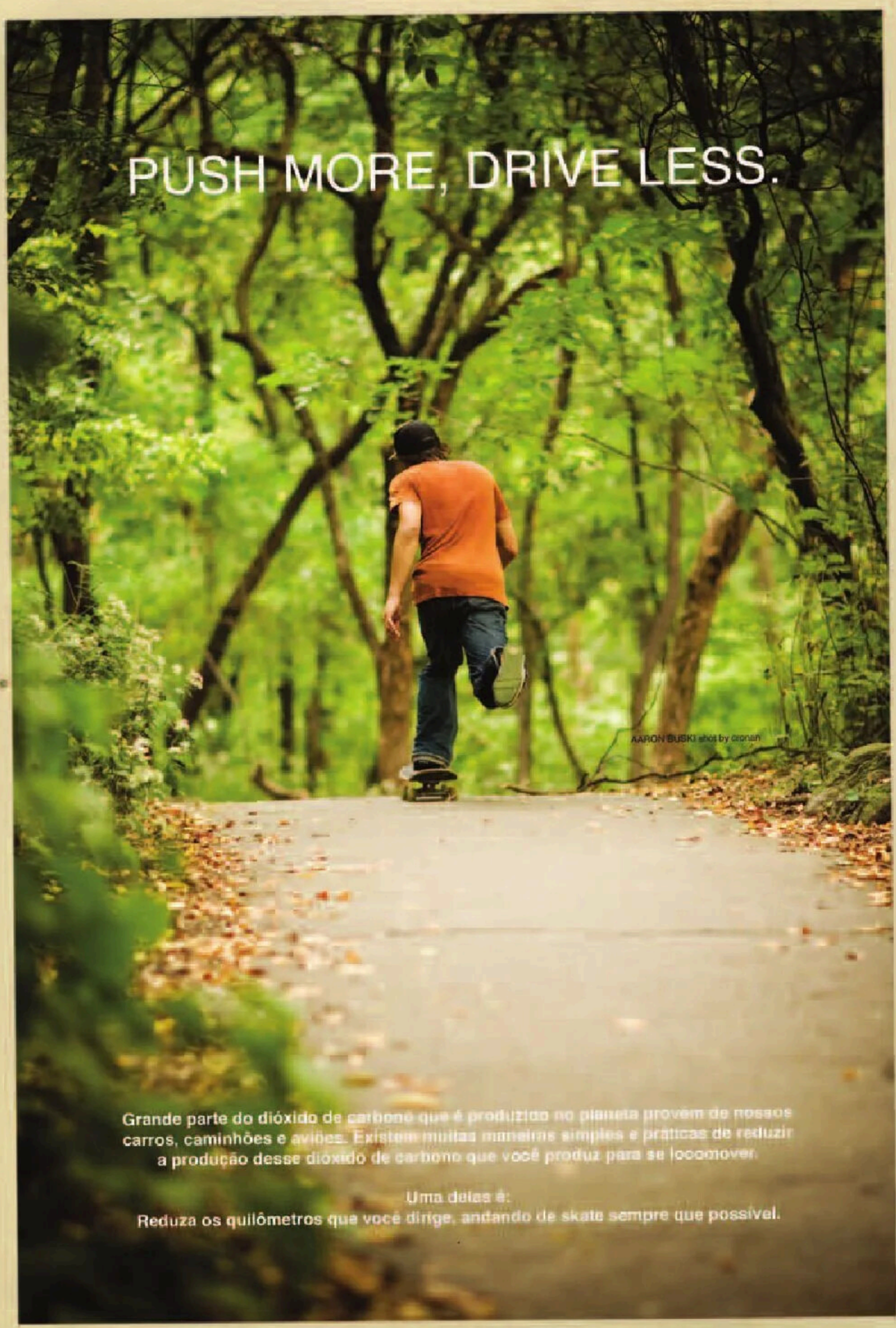
# SOMA

s i N ta

SENTA, PENSE (?)...

001

JULHO . 07 # 01
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA




Grande parte do dióxido de carbono que é produzido no planeta provém de nossos carros, caminhões e aviões. Existem muitas maneiras simples e práticas de reduzir a produção desse dióxido de carbono que você produz para se locomover.

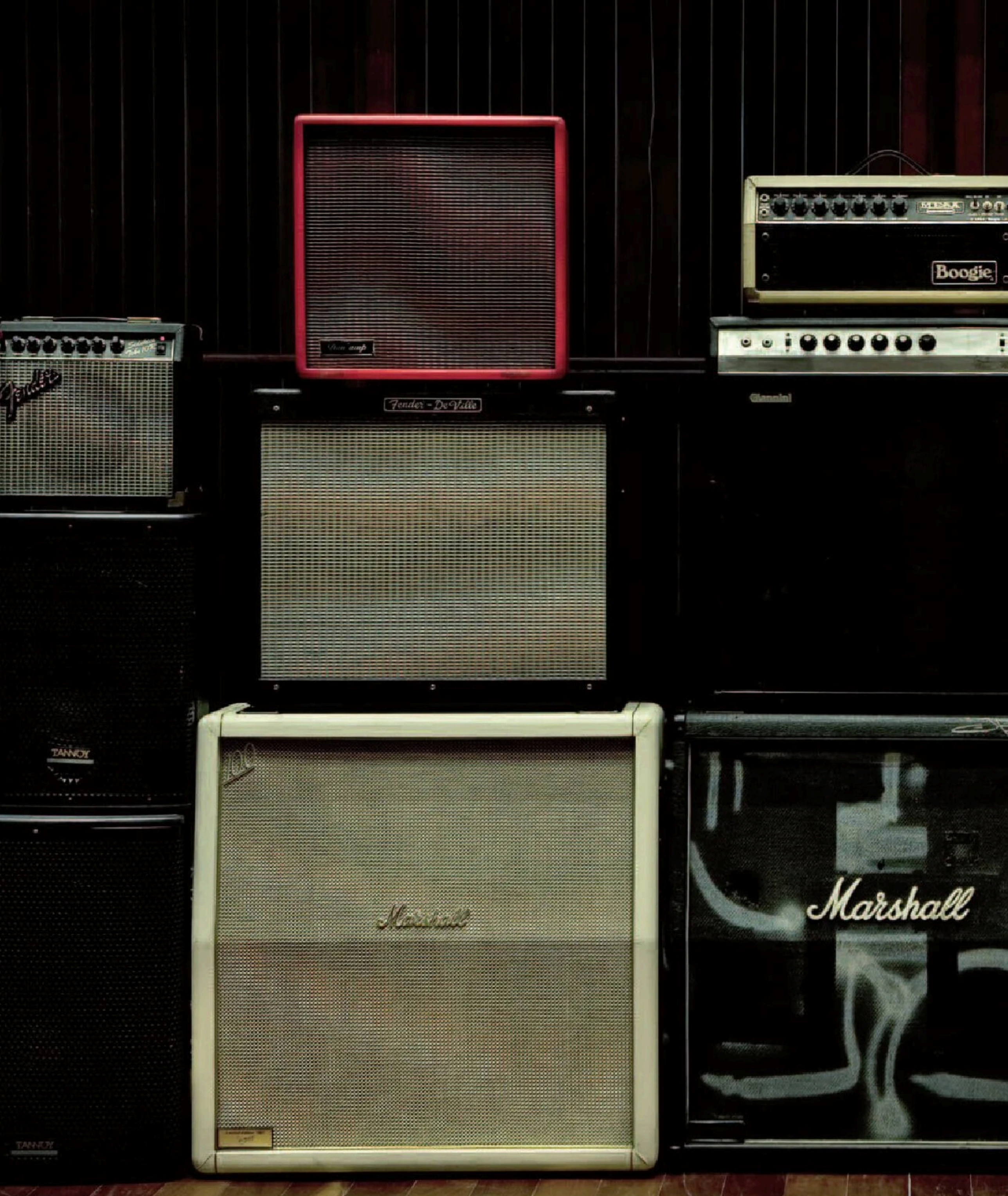
Uma delas é:
Reduza os quilômetros que você dirige, andando de skate sempre que possível.

volcom
v.co-logical
series

...moving in the right direction

learn more about the volcom v.co-logical series and
how to do your part for the environment at volcom.com
please recycle this magazine

MEMBER 1% FOR THE PLANET


Boogie
Fender - De Ville
TANNOY
Marshall
Marshall

# +SOMA . #1

**A +Soma deu resultado.**

A revista que está na sua mão é o resultado da soma de idéias e esforços de pessoas com diferentes vivências e estilos, mas que de alguma forma se destacam naquilo que fazem. Pessoas que criam, correm atrás e não ficam sentadas de braços cruzados esperando tudo cair do céu.

Assim nasceu a idéia da revista e do portal de informação +Soma, com o mesmo espírito "faça-você-mesmo" que você vai encontrar em quase todo conteúdo da revista. Afinal de contas, a cena independente sempre se manteve viva e forte graças a essa atitude.

Não dá prá negar que a internet é hoje a maior aliada na divulgação artística, e comunidades como Orkut, Myspace, Youtube, Fotolog e Flickr são ferramentas importantes para a difusão de um trabalho. Por outro lado, sentíamos falta de uma revista que cumprisse este mesmo papel e que, além disso, agrupasse e valorizasse diferentes manifestações culturais.

**A +Soma é uma revista impressa bimestral que dá voz e amplifica o que existe de mais interessante na cultura contemporânea.**

Nessa primeira edição, questionando o valor do espaço urbano, temos o ensaio fotográfico "Ocupações", do coletivo Cia de Foto. Fomos até o estúdio El Rocha assistir ao ensaio da banda Hurtmold, que resultou em uma entrevista exclusiva, uma espécie de mesa-redonda, discutindo os processos e ideais da banda.

Intimamos Flávio Samelo para escalar dez artistas que customizaram carteiras escolares e doaram seus trabalhos para uma boa causa. E também entrevistamos o fotógrafo e artista norte-americano Andy Mueller, que prova que – sim! – é possível unir trabalho e diversão.

Além disso, esta edição conta com um editorial de moda que questiona a sustentabilidade, uma cobertura do palco Punk da Virada Cultural, entrevista com o pesquisador Jonathan Harris e muito mais.

Esperamos que você se divirta lendo esta revista da mesma forma que a gente se divertiu fazendo.

Até a próxima!

+SOMA

# +CONTEÚDO


Shuffle ..... 13

911 ..... 14

Hurtmold ..... 26

Submarine ..... 38

Expressar-se é preciso ..... 40

Volta às aulas ..... 42

Andy Muller ..... 56

Cinema Artesanal ..... 68

Moda por um fio ..... 70

Virada Punk ..... 80

Mzuri Sana ..... 87

Liquidus Ambiento ..... 88

MJP ..... 89

Low_res nyc trash mobile cam shots ..... 90

Jonathan Harris ..... 92

Reviews ..... 98

Abarréta ..... 102

Dias de um fantasma suicida ..... 104

# SOMA

O projeto **+Soma** é uma iniciativa da **Kultur**,
estúdio criativo com sede em São Paulo.
Para informações acesse: **www.maissoma.com**

Iniciativa .

KULTUR

**Kultur Studio**
Rua Sampaio Gois . 70 . Vila Nova Conceição
04511 070 . São Paulo . SP
www.kulturstudio.com

**REVISTA SOMA #1**
Junho/Julho 2007

Fundadores .
**Alexandre Charro, Fernanda Masini, Rodrigo Brasil e Tiago Moraes**

Conselho Editorial .
**Alexandre Vianna, Flávio Samelo, Fran Sperb,**
**Helena Sasseron, Marcelo Fusco e Rafael Jacinto.**

Editor . **Tiago Moraes**

Projeto gráfico e diagramação . **Fernanda Masini**

Arte . **Fernanda Masini e Tiago Moraes**

Capa . **Detalhe da obra de Bruno Kurru**

Foto . **Cia de Foto**

Fotografia . **Cia de Foto**

Colaboradores de texto . **André Maleronka, Fran Sperb,**
**Guilherme Barrela, Gustavo Mini, Marcos Kichi, Phil Rossetto,**
**Renato da Silva, Tiago Nicolas e Zico Farina.**

Colaboradores de foto . **Andy Mueller, Jozzú e Leandro Cunha.**

Colaboradores da arte . **Apo Fousek, Breno Tamura,**
**Bruno Kurru, Dea Lellis, Felipe Motta, Herbert Baglione,**
**Karen Jones, Nani Inisam, Renan Cruz e Tide Hellmeister.**

Colunistas . **Keke Toledo, Lu Krás e Tiago Nicolas**

Produção de moda . **Helena Sasseron**

Revisão . **Mirtis Valim**

Publicidade . **Rodrigo Brasil**

**Agradecimento especial** a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que essa revista se tornasse realidade. Ao conselho editorial, a todos os colaboradores de texto, foto e arte, à modelo **Gabriela Dianui** da Ford Models, ao maquiador **Lao Neves** e a todos da **Cia de Foto**.

Periodicidade . Bimestral
Distribuição . Gratuita em lojas, restaurantes, bares, cafés,
galerias de arte, museus, centros culturais, cinemas, shows e casas noturnas.
Impressão . Prol Gráfica
Tiragem . 10.000 exemplares

Todos os artigos assinados e fotografias são de responsabilidade única de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

Para anunciar ou enviar material para review, entre em contato através do telefone **11 3849.3302** ou escreva para **info@kulturstudio.com.**

# +COLABORADORES

**Breno Tamura**

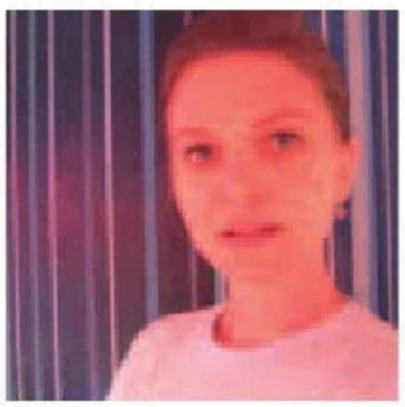
É quadrinhista, ilustrador,
dj nas noites vagas, viciado
em videogame e ainda tem duas
bandas, a Brendon Toshiro e Húngaro.
Quando não está com muita preguiça
faz trabalhos com vídeos, mas na maior
parte do tempo está desenhando
ou jogando videogame.

**Tiago Nicolas**

Chaka Powerful Music.
Tentando achar 100%
das coisas boas do mundo
nos 5% que valem a pena.

**Flávio Samelo**

Fotógrafo de skate, artista plástico e
colecionador compulsivo de vinil e de
dezenas de gigabytes de MP3.
Amante da boa música, apesar de apenas
funcionar em mono, dizem que, depois que
foi atropelado por um ônibus e ficou em
coma, o figura encontrou um rumo na vida.
Recentemente lançou seu primeiro livro
intitulado “Skate Arte” e, indo na
contramão do mercado, ao invés de vender
as cópias resolveu distribuir gratuitamente
de mão em mão para seus amigos.



**Francesca Sperb**

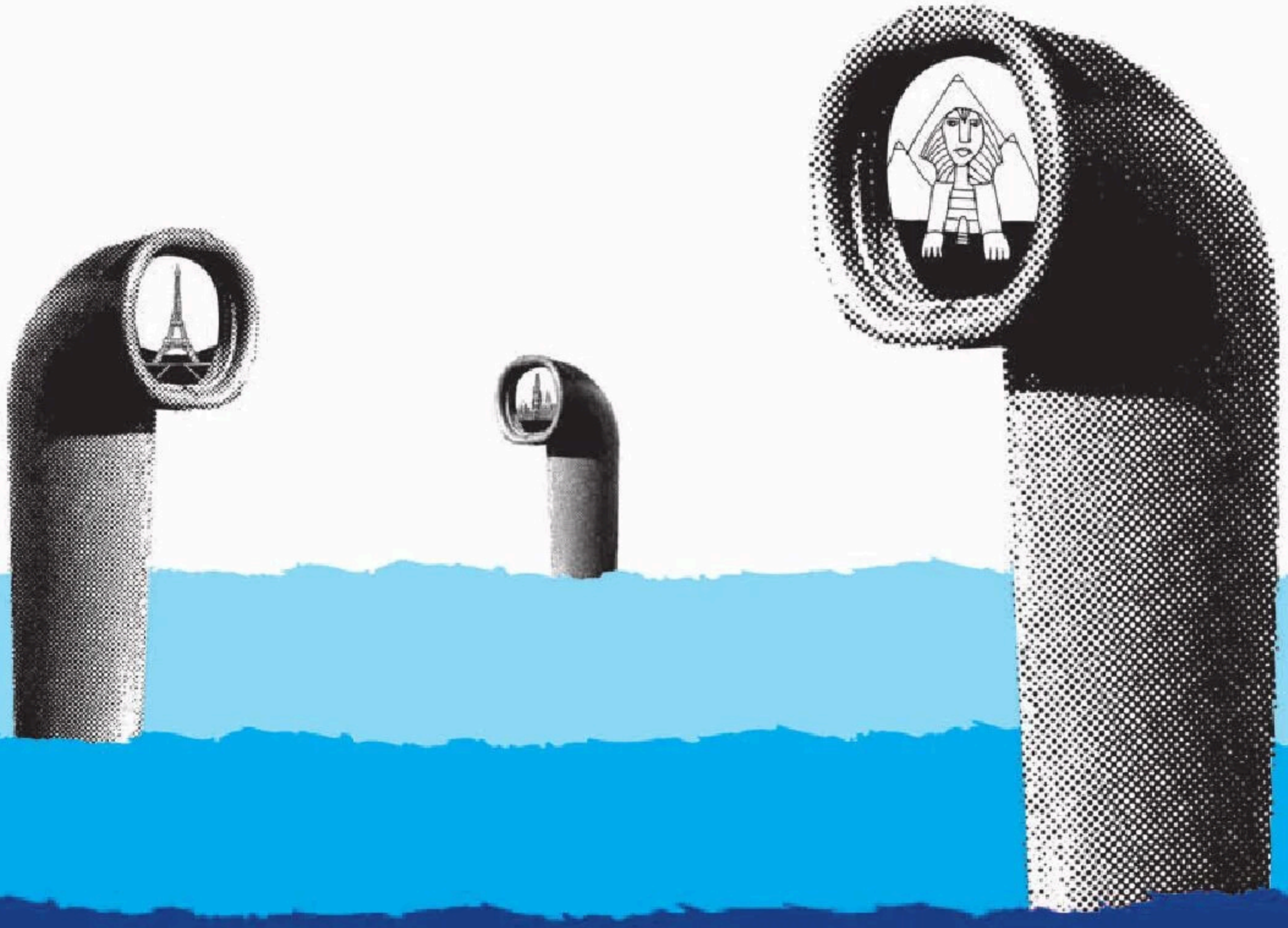
É jornalista de moda e coordenadora
de conteúdo editorial da Tricô.
Achava que não vivia sem música
all day long e sem seus gatos,
mas viu que é capaz de abrir mão de
muita coisa. Ainda não fez um
"all my life for sale", mas quem sabe...
Foi morar num refúgio budista porque
só faz o que acredita.

**Gustavo Mini**

É editor do blog Conector,
guitarrista dos Walverdes
e redator senior na Escala Com.
Foi  também editor do fanzine
Pôneifax de 1999 a 2001.

**Helena Sasseron**

É responsável pelo desenvolvimento
de produtos da Bangoo e também dirige
os projetos especiais do Estúdio Pedra.
Principais dramas da vida:
arte, música, cinema e literatura – tudo
aquilo que tem como ponto de partida
o que chama de “estética emocional”,
aquilo que vem de dentro para fora e
então para dentro novamente.
“Conhecer, sempre, e transmitir".



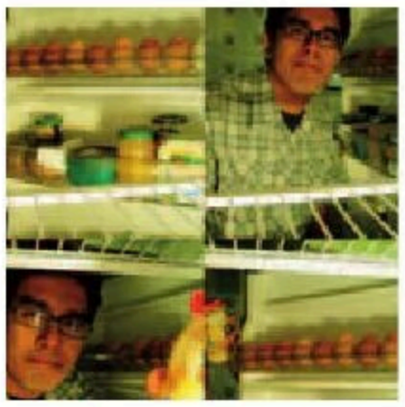
new designs out now / on and off since 1997 / www.thequietlife.com

THE QUIET LIFE

# +COLABORADORES

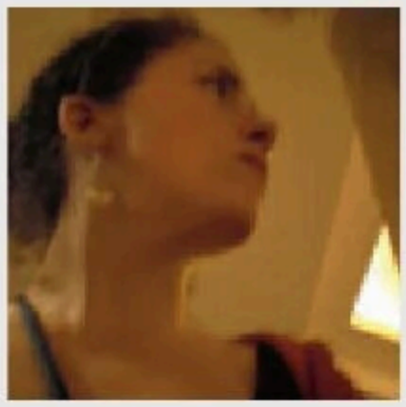
**Philip Rossetto**

É um comunicador multimídia, especialista em Semiótica e em Cinema, costuma fazer pesquisas de referência para várias produtoras de filmes e TV do país.
Já teve seus vídeos selecionados em diversos festivais no Brasil e no mundo.
Também edita o Zine Ringue, sobre música.



**Cauê Ueda**

Diretor de fotografia e especialista em usabilidade. Faz parte da Tamago, uma produtora que aposta na renovação da linguagem através do encontro da engenharia de software e dos processos artísticos de criação.



**Jordana Viotto**

Escreve sobre tecnologia, é fã de música e cultura pop e estuda o encontro desses dois mundos. Desenvolve conteúdo para publicações online e impressas.
Já fez reportagens para Folha de S. Paulo, O Estado de São Paulo, Omelete, Bizz e outros veículos. Seu esporte preferido é fazer as malas e colocar o pé na estrada. Não acredita em bruxas, mas que elas existem...

**Nani Inisam**

Nascida no Oriente Médio, aos 7 anos se mudou para o Brasil com sua família, fugindo da guerra. Depois de passar muito stress em São Paulo, mudou-se para uma pequena praia do litoral Norte, onde leva uma vida tranqüila ao lado de seu cachorro Ômus e de seu marido Ogait.

**Guilherme Barrela**

Comanda a loja Peligro, o selo Open Field e em breve estréia a revista eletrônica Brasa.

**Felipe Motta**

É um cara que parece loja de 1,99: tem um pouco de tudo e ainda leva pelo bom-humor e miscelânea. Artista, designer gráfico, ilustrador compulsivo, grafiteiro sem fanfarronice, ator de filme B, animador oficial de shows underground. Dentre muitos dos seus reconhecidos trabalhos, traça uma história importante no cenário do skate brasileiro com seu design e atuação. E é melhor ficar por aqui, senão esse texto vai parecer lista de compras no início do mês.

**Kichi**

É um toy collector,
um lowrider tattoo maniac
e fã incondicional de filmes e
series antigas
de TV e do cinema.

**Keke Toledo Piza**

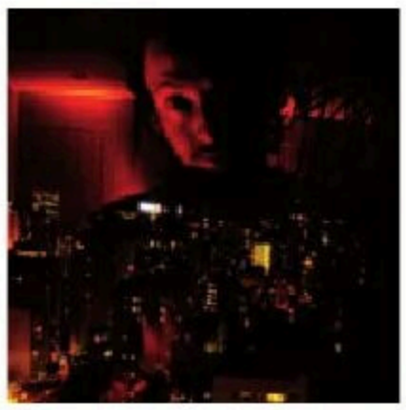
Vive atualmente em Nova Iorque,
trabalhando como criativo na
agência Lowe Worldwide.
Já foi redator do programa
"Pânico na TV", dirigiu o
documentário "A Orquestra
Invisível e Outros DJs
Pioneiros do Brasil" e
também realizou videoclipes.

**Lu Krás**

Vive atualmente em Nova Iorque,
com sua câmera digital sempre
à mão e os olhos atentos para
o cotidiano da cidade.
Movida a música, moda e tendências,
seu currículo inclui anos de trabalho
como assessora nos eventos
mais variados e bacanas de
São Paulo, além da sua formação
em desenho industrial.

**Leandro Cunha**

Paraibano da cidade de João Pessoa,
se encantou pela produção imagética a
partir de uma experiência que teve como
assistente de câmera em um curta
metragem. De lá prá cá não parou de
produzir e investir nos conhecimentos
da produção da imagem. Tenta ser
uma pessoa simples e é apaixonado
pelos seus livros, vinís e em acordar
ao som da Billie Holiday.



**Jozzú**

Retratista...

**Renato da Silva**

Editor do Fanzine Colateral
e estudante de Letras na
Universidade de São Paulo.
Sua vida se resume a arte,
música, literatura e
nada de televisão.

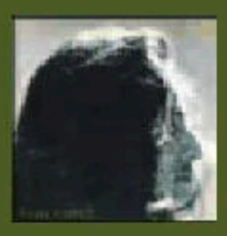
# 5HUFFL€

## POR TIAGO NICOLAS

Para começar essa coluna com o pé direito, eu e o +Soma (menos o Brasil que se perdeu e foi parar quase em Sorocaba) fomos visitar o meu grande amigo Guilherme Granado (integrante do Hurtmold, Bodes e Elefantes, SP Underground e do Chaka), que está lançando o primeiro disco do seu projeto solo Bodes e Elefantes pelo selo Submarine.

O Grana, como sempre, foi muito receptivo e uma idéia que poderia ter sido de 10 minutos demorou mais de uma hora, se estendendo até uma mesa do boteco mais próximo.

Quando o assunto é som, vocês sabem que é difícil parar tão cedo. Aqui vocês poderão conferir a sua discoteca através de perguntas aleatórias relacionadas aos seus discos. Não foi fácil, mas ele tirou de letra. Espero que vocês gozem.



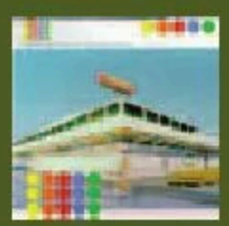
**Último Disco Escutado**
Maria Bethânia. "A Tua Presença"

**Dois extremos da coleção**
Napalm Death. "From Enslavement To Obliteration"
Alice Coltrane. "Journey To Satchidananda"

**Disco Mais Escutado**
John Coltrane. "Meditations"

**Disco mais metal**
Iron Maiden. "Powerslave"

**Quatros discos mais escutados enquanto fazia "Bodes e Elefantes"**
1- J Dilla. "Donuts"
2- Pharoah Sanders. "Live At The East"
3- Reminder. "Continuum"
4- David Holland Quartet.
"Conference Of The Birds"



**Disco mais indie**
Promise Ring. "Nothing Feels Good"

**Disco presente**
Minutemen. "Double Nickels On The Dime"

**Disco do coração partido**
Cartola. "Segundo Disco"

**Disco para os amigos ouvirem.**
Stark Reality. "1969"

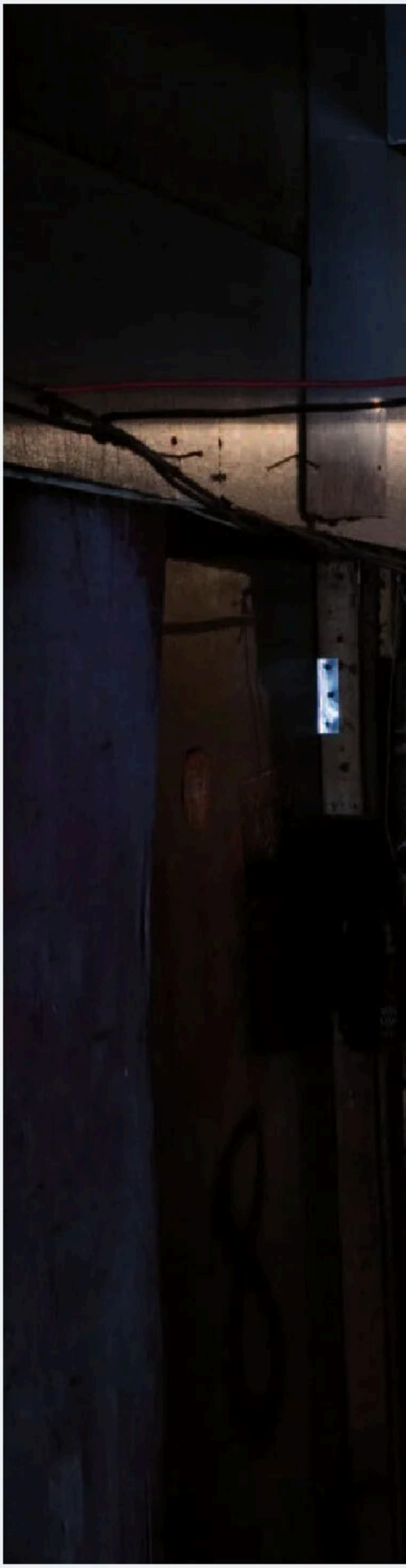
**Disco mais valioso**
Prensagem original do Albert Ayler Trio.
"Spiritual Unity"

**Disco Escolhido pelo Nicolas**
Cannibal Ox. "The Cold Vein"

# 911 . CIA DE FOTO

Este ensaio é a nossa discussão sobre o valor do espaço urbano.
O número 911 da Av.Prestes Maia, no centro de São Paulo, abriga 1.680 pessoas. Brasileiros do Sul, do Nordeste,
bolivianos, peruanos, gente de todo lugar faz dali a maior ocupação vertical da América Latina.
Estas fotos retratam o abandono de 12 anos do antigo prédio da Cia. Têxtil Nacional, há 4 anos ocupado por 468 famílias.
Estes últimos anos do 911 determinam seus ambientes. As instalações elétricas improvisadas, a água, o sonho de cidade que acontece ali,
questionam o valor de um espaço na nossa cidade. Um retrato pictórico do improviso de um lugar.

USO EXCLUSIVO
DOS MORADORES DO
14°B
FAVOR NAO INSISTIR!
ASS:COORDENAÇÃO
GERAL



13
DOIS MIL E DOIS

COPYRIGHT . CIA DE FOTO

OUTPUT
INPUT
CE

# HURTMOLD

por Renato Silva . fotos Jozzú

*Entrevistar uma banda como o Hurtmold não é fácil. São seis integrantes com idéias que conflitam boa parte do tempo, mas que de alguma maneira formam uma unidade quase imperceptível até aos próprios.*

*Essa confluência transparece em um encontro na casa do baixista Marcos, numa agradável tarde de sábado do outono paulistano no bairro da Pompéia. Uma sugestiva mesa redonda inspirou acalorado debate, no qual foram postas idéias e conclusões que felizmente conseguimos trazer quase na íntegra. Afinal de contas, para uma transcrição completa dessa entrevista, seria necessária uma edição inteira somente com registros desse apetitoso banquete. Sejam bem-vindos. Sentem-se e sirvam-se. E porque não dizer: bom apetite!*

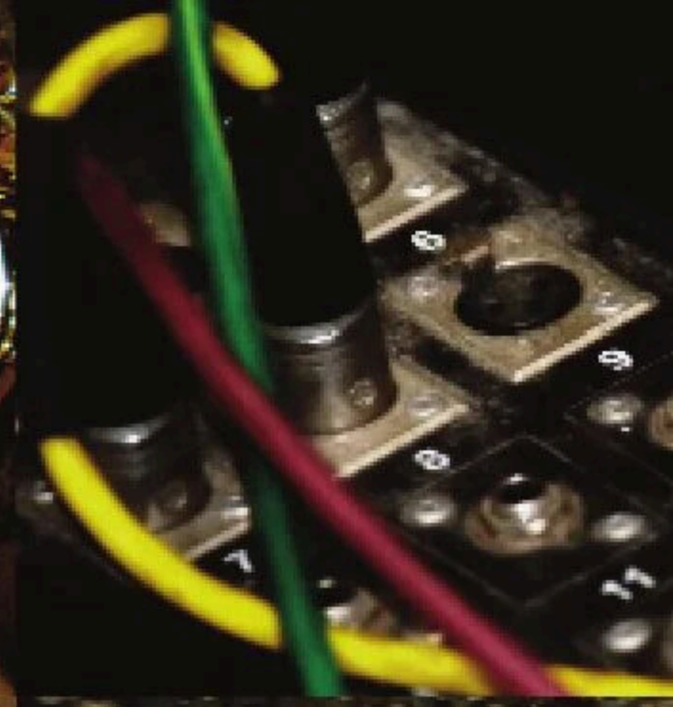
**Queria começar falando do CD novo. Na verdade, tive o privilégio de ouvir antes, depois de uma guerra com o Fred (Submarine) prá ter o CD na mão. A impressão que eu tive foi a mesma que tive também no show de vocês lá no STUDIO SP...**

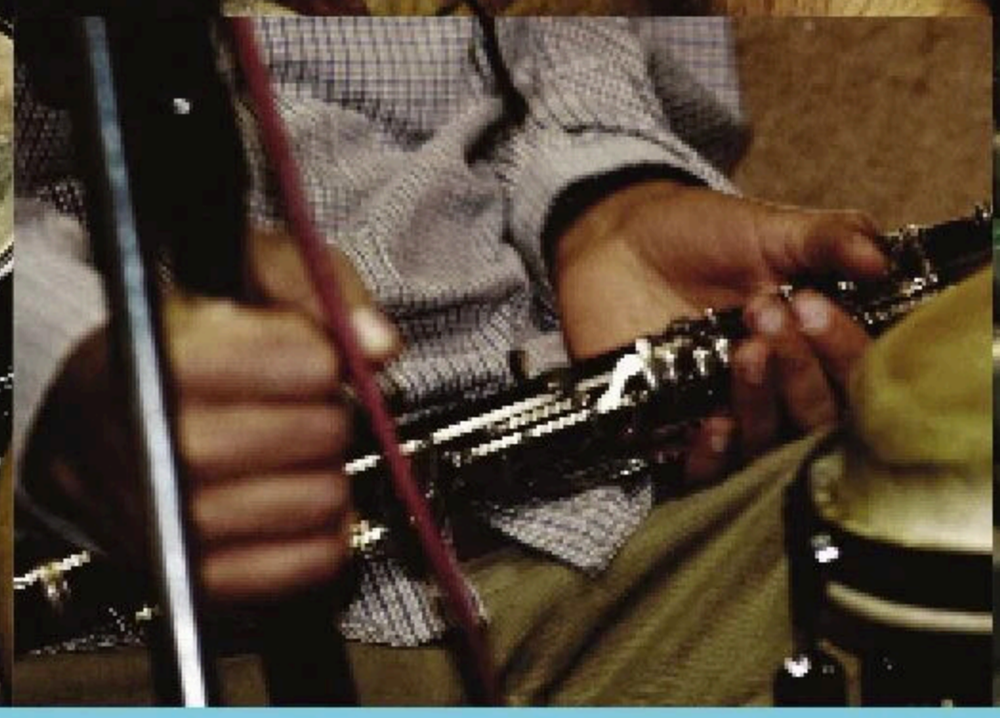
**Guilherme.** *(interrompendo)* Isso foi dois dias antes da gente começar a gravar o disco.

**Exatamente. Enfim, acho que a grande mudança no que diz respeito a tudo o que eu já tinha ouvido do Hurtmold é a questão da percussão. É evidente isso para todo mundo que ouviu. De onde veio isso? É o Maurício? É a entrada do Roger? Porque isso? Por que o Hurtmold está tão percussivo?**

**Guilherme.** Eu acho que sempre foi, de um jeito mais sutil, mas acho que a gente está sim. É um jeito de tocar as coisas. Não sempre, mas acabamos tendo um jeito mais percussivo de tocar todos os instrumentos. Sempre foi uma coisa muito rítmica, a gente nunca foi uma banda muito melódica. Tudo era uma coisa mais de ritmo mesmo. E, claro, com o Roger entrando muito mais possibilidades se abriram para isso também. É uma seqüência natural das coisas. Natural, mas ao mesmo tempo com esse ponto referencial que foi a entrada do Roger. Ele tinha acabado de entrar e a gente já tinha meio que começado. Agora a gente compôs, vem tocando há um tempo junto e depois a coisa acabou indo para esse lado mesmo.

**Roger.** Acho que é um pouco por ter esse outro elemento percussivo que agrega congas e outras coisas pequenas de percussão que antes





não existiam. E então o foco vai para esse tipo de instrumento. Mas foi sem querer.

**Guilherme.** Não foi consciente. A gente nunca conversou sobre isso, "Ah, vamos fazer uma coisa mais percussiva."

**Roger.** E se virou percussiva, de repente nem percebi também.

**Marcos.** Percussivo a gente sempre foi, acho que o Hurtmold, desde o "Etc", tem essa coisa mais percussiva. Tem a bateria e o baixo mais destacado. É rítmico. Mas, quando entraram o Roger e os novos elementos de percussão, a conga e instrumentos menores fazendo parte da composição deram uma característica mais forte para o que já tinha essa direção, já tinha esse caminho.

**Todos vocês estão tocando percussão? Houve alguma pesquisa musical? Pesquisa musical direcionada para percussão?**

**Guilherme.** Não. Talvez o Maurício e o Roger tenham mais isso porque trabalham com isso o tempo inteiro.

**Maurício.** O Roger na real é um cara que apresenta sempre coisa nova, não musicalmente, mas ele chega sempre com instrumentos novos e formas novas. Acaba sendo uma coisa que dá uma luz natural. Sem nem querer saber, ele aparece com um sino que dá um "puta" som da hora. É importante prá caramba! Cada instrumento tem sua vida e é um mundo.

**Guilherme.** Eu e o Maurício fomos viajar uma vez para tocar com o São Paulo Underground e a gente foi comprar umas coisas para o Hurtmold. Compramos baquetas, sinos, coisas de percussão, porque é uma coisa que todo mundo pode tocar.

**Roger.** Tem essa coisa dos elementos de percussão que todo mundo tem o seu toque. Tem o seu jeito. Querendo ou não essa coisa que todo mundo toca, tem que ter essa unidade. É outro tipo de energia que tem, envolve todo mundo.

**Guilherme.** E quem assiste ao show acaba percebendo mesmo que é algo muito vivo.

**Maurício.** E até por ser a primeira forma de música da história tem essa coisa primitiva que todo mundo tem na pele.

**Como foi a dinâmica de composição desse disco? De repente mudou o foco para o lado percussivo ou foi completamente natural?**

**Roger.** Não, foi natural. A parte da percussão sempre veio junto com a composição.

**Marcos.** A dinâmica de composição é a mesma. Cada um vê as possibilidades e vai sugerindo, se encaixando.

**Guilherme.** Nesse foi um pouco diferente.

**Maurício.** A gente quis fazer umas coisas diferentes para a gente. Muitas músicas teriam parado num certo ponto antes, mas nesse caso nós dobramos o trabalho.

**Guilherme.** Fizemos um esforço consciente para mudar, para que ficasse um trabalho interessante prá gente. Para a gente continuar tocando.

**Fernando.** Queríamos meio que surpreender a nós mesmos.

**Maurício.** É reflexo de uma realidade. Tem tantos discos, tanto acesso a informações, músicas, isso reflete de forma indireta. Vira algo além da conta. Não é lançar um disco, mas "o" disco. Antes a gente naturalmente acabava não dando importância a um momento histórico da banda, que é o de lançar um disco.

**Guilherme.** Nesse meio tempo entre o "Mestro" e o novo disco a gente fez um monte de coisas e muitos shows. A gente viajou, tocou com

outras pessoas, ficou mais velho, teve outras experiências, casou ou separou. Conforme você vai ficando mais velho, e você toca e se empenha no que faz, quer que a coisa aconteça. Isso tudo é muito determinante na hora de compor. Não são idéias só musicais, é algo meio brega, mas é a afirmação da vida. A gente vive junto. Nossa música é a expressão de nossas experiências enquanto pessoas que se gostam, que estão juntas, que têm experiências em comum.

**Marinho.** Esse disco novo me lembra o "Cozido", em relação ao processo de gravação, da seguinte forma: a gente naquela época sentou para fazer um disco diferente, uma coisa nova. A gente gravou o "Etecetera" com coisas que já tínhamos há dois anos. E o "Mestro" também. Quando o Roger entrou aquelas músicas já existiam. Eu não escutava na minha casa, já tinha cansado. Já esse disco novo não, ele foi inteiro novo. As últimas músicas terminamos praticamente no estúdio.

**O disco já tem nome?**

**Marinho.** Não tem.
**Guilherme.** Na verdade, acho que nem vai ter nome.
**Fernando.** Provavelmente vai ser o nome da banda.

**E as músicas, já têm nome?**

**Marinho.** Falta uma só.

**Vocês podem falar o nome de umas algumas músicas?**

**Todos:** "Olvecio e Bica", "Halijascar", "Smoothz da Police", "Deni", "Xurumba" e "Sater".

**De onde surgiu o gosto por essa temática de nomes incomuns?**

**Guilherme.** É muito difícil você dar um nome. Por exemplo, quando você está sozinho e vai dar um nome para uma música que você fez, só tem você para responder. Pode ser brega, beleza. Mas, quando você está num grupo e nesse grupo todo mundo tem opinião forte, então é muito difícil chegar num consenso.
**Fernando.** Várias vezes acontece de colocar como nome o apelido que tínhamos colocado na música, como aconteceu na Churumba.
**Guilherme.** Aquilo sintetiza o que é o som.
**Maurício.** Às vezes é o caminho contrário.O som dá um nome para a música.
**Guilherme.** Pode não parecer, mas tudo faz um sentido para a gente. É claro que se você não passar um tempo com a banda você não vai saber.

*"...Eu por exemplo tenho ouvido música etíope,*
*que eu conheci o ano passado e tô achando muito louco,*
*entro no Soulseek e baixo tudo."*

**Ainda sobre as impressões do disco novo, vi sonoridades nunca experimentadas pelo Hurtmold. São diversos temas dentro da mesma música. Antigamente, quando eu ouvia era assim: "Camadas que davam uma identidade de sonoridade única", e, nas músicas que eu ouvi desse disco novo, vejo temas diferentes que não chegam a formar essas camadas. O Hurtmold hoje tem uma identificação com o jazz que é muito latente, e já no "Etecetera" e no "Cozido", mais rock e punk. Vocês concordam?**

**Maurício.** É o fato de as músicas trabalharem de forma mais repetitiva, sobrepondo, mudando a dinâmica dentro da mesma idéia. Antigamente as músicas começavam num caminho que ia crescendo e hoje em dia não, são vários caminhos dentro de uma mesma música. Isso tem a ver com uma estrutura mais jazzística. Até de uma forma inconsciente, que na verdade eu só parei prá perceber agora que você falou. Mas todo mundo na banda gosta de muita coisa de jazz e isso acaba influenciando.
**Roger.** De repente não usamos o estilo jazz, mas a liberdade dos músicos de jazz.
**Marcos.** A gente gosta muito desse lado espiritual que tem o jazz.
**Fernando.** Mas se colocar a gente prá tocar como uma banda de jazz acho que não rola.

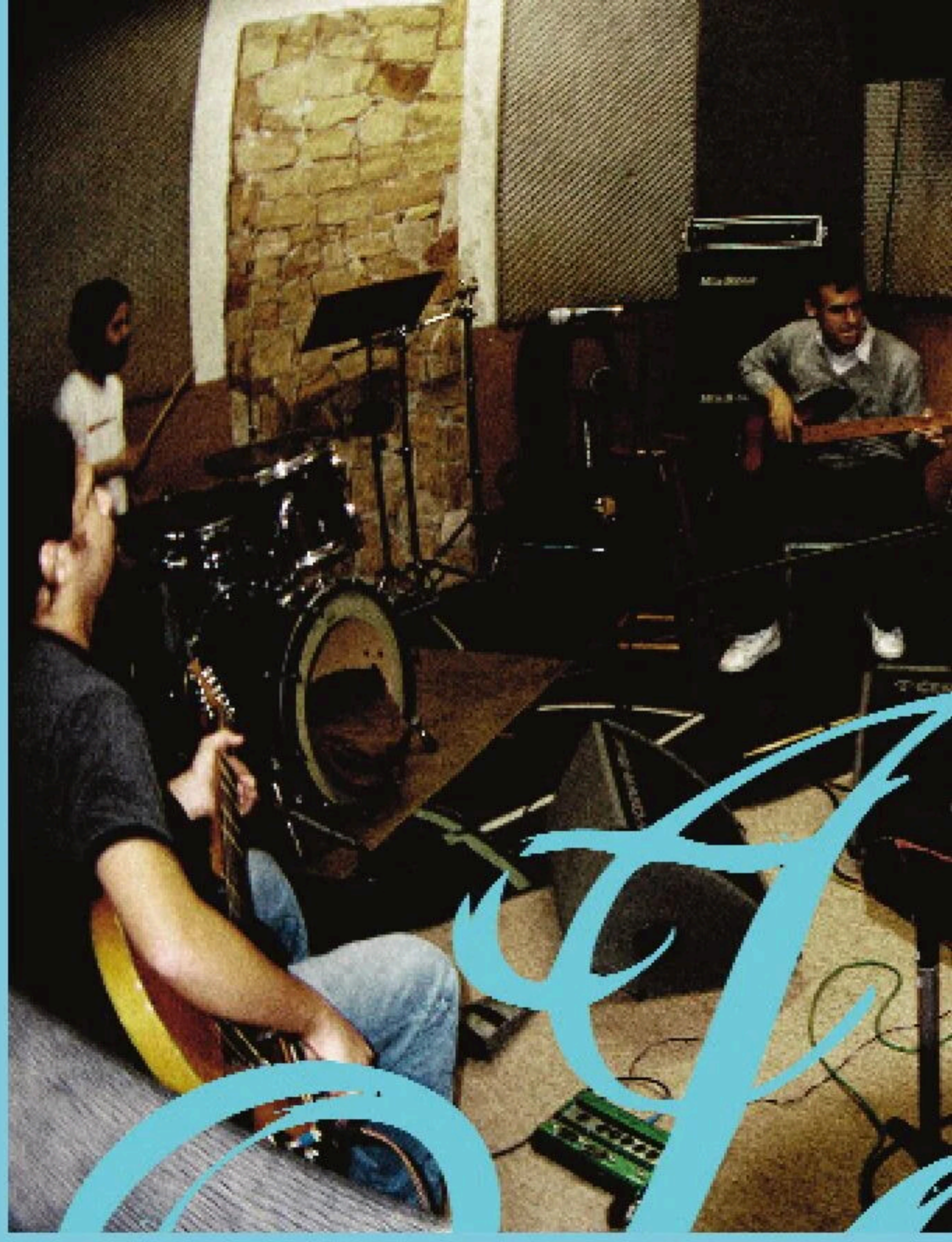
**Guilherme.** O problema é que qualquer música que é um pouco mais complexa, e não é rock, e não é algo que você identifica diretamente, as pessoas falam que é jazz. Não é bem assim, Existe toda uma tradição, uma história, um folclore. Acho complicado brincar com isso.
**Marinho.** É bom deixar claro isso, porque senão daqui a pouco vem a crítica falando: ah, eles estão virando jazzistas. De jeito algum. É como o Maurício falou, todo mundo aqui gosta de jazz, mas existem vários tipos de jazz. Eu por exemplo tenho ouvido música etíope, que eu conheci o ano passado e tô achando muito louco, entro no Soulseek e baixo tudo. São vários tipos de jazz e temos várias outras influências. Mas não dá para falar: "Olha, eu fiz esse tema aqui sim com base no jazz", porque o jazz segue toda uma estrutura.

**Justamente por isso me chamou atenção essa construção de temas, que começam de um jeito, se transformam e no final voltam para o tema inicial, lembrando muito a dinâmica do jazz.**

**Guilherme.** Isso faz sentido. E isso também existe dentro da construção de outros tipos de música. Acho que existe sim a influência disso, como de outras coisas, do que cada um escuta, mas não conversamos sobre estilos musicais quando estamos compondo. Acho que respeitamos muito tanto o jazz quanto qualquer coisa. É uma tradição real e muito forte como o samba. É uma música que representa um povo, uma historia. Não usamos elementos gratuitos. Tudo que entra no que fazemos é porque a gente ouve e vive.
**Maurício.** Às vezes me dá certa agonia, um tipo de receio, quando vejo alguma critica e ouço sensações sobre o nosso som, e quando falam que fazemos uma mistura de muitas coisas. Mistura, como assim? Como você não vai misturar suas diferentes experiências? O problema é quando isso soa como se misturássemos drum 'n' bass com bossa nova. Meio que caldeirão de ritmos, essas coisas, tem samba, punk, tem jazz. Na verdade é o que fazemos para a gente, um tipo de som que desperte curiosidade, mas que não é intencional ou racional.
**Marinho.** A gente tem meio que um "bode" desse tipo de coisa. É que às vezes não é uma mistura, pegar e colar. Esse conceito de "mistura" acho até falta de respeito.
**Fernando.** É que a mistura é aquela coisa que me remete ao que é "meio", meio isso, meio aquilo.

**É uma falta de referência clara das pessoas e da crítica?**

**Guilherme.** Claro, na crítica você só encontra gente burra! *(risos)* É verdade. É a coisa mais normal do mundo. Gente burra. Em todo lugar tem gente burra. *(risos)*



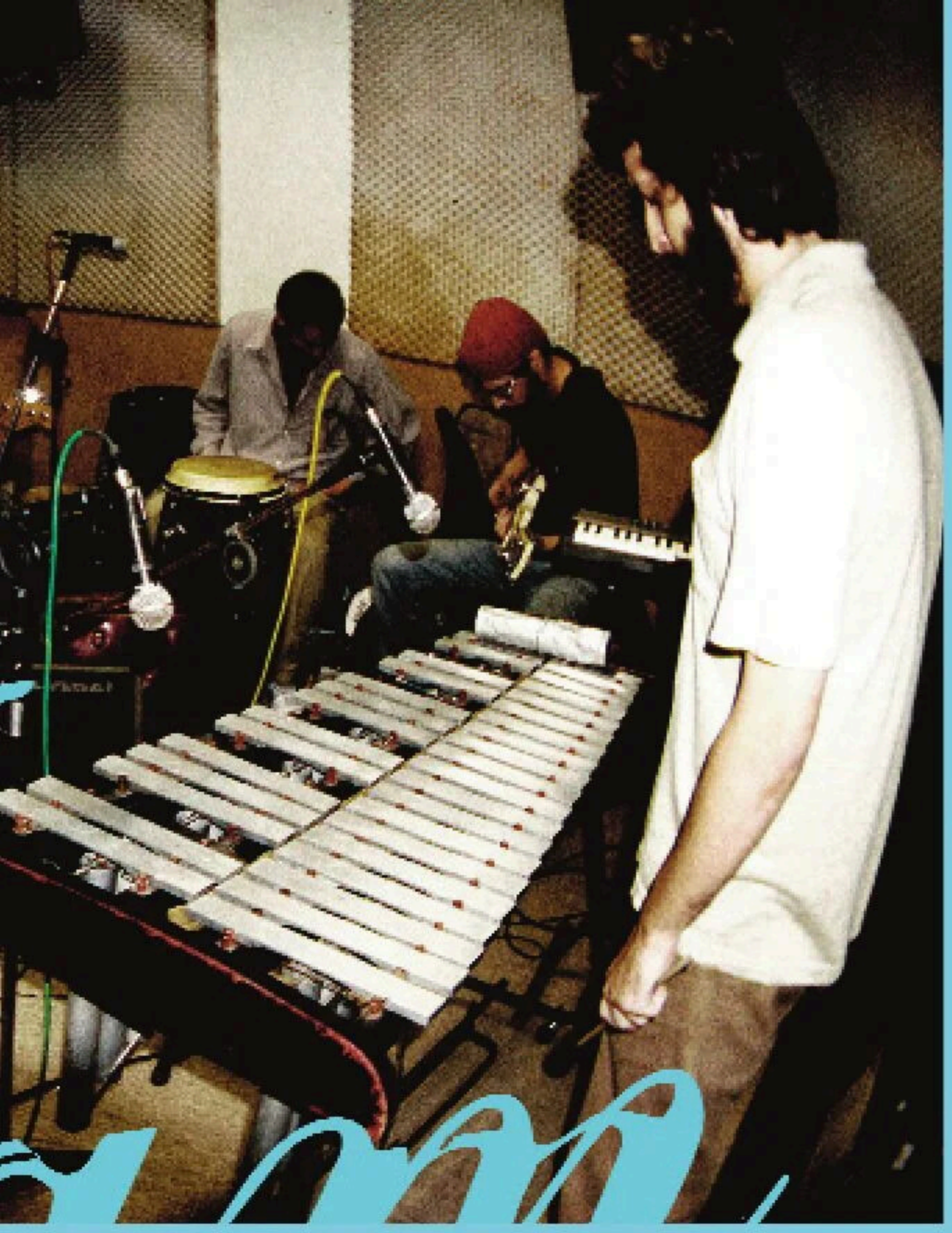
*"...Claro, na crítica você só encontra gente burra! (risos)*
*É verdade. É a coisa mais normal do mundo. Gente burra.*
*Em todo lugar tem gente burra (risos)."*

**Mas que fique claro que o questionamento aqui é quanto à questão estrutural de composição, das camadas e tudo mais...**

**Guilherme.** Não, claro, falamos do que vem com a crítica e nada se refere ao que você colocou.

**Deu para perceber que vocês ficaram muito incomodados com esse fato de tentar analisar o som do Hurtmold, quando na verdade pensei na estrutura de composição. Vamos deixar claro uma coisa que todo mundo precisa entender. Há esse incômodo com a necessidade que as pessoas têm em rotular o som do Hurtmold ou dizer que é isso ou aquilo?**

**Marcos.** Não é bem um incômodo. É que quando você vai tocar num lugar a crítica vai lá e coloca numa revista que as referências são mistura de jazz com punk rock. De repente, a pessoa não gosta nem de jazz nem de punk rock. A pessoa vai pensar: "O que é que isso quer dizer?"



**Guilherme.** Eu entendo que o crítico às vezes tem poucas linhas para escrever, precisa resumir. Eu leio e gosto de ler. Mas o que é o crítico musical no Brasil hoje? As pessoas querem tudo pronto hoje e não têm tempo para nada, elas vão lá, lêem a coisa pronta. Não pesquisam. Antes você podia confiar mais numa pessoa que estava escrevendo sobre música, pois sabia que ela ouvia o disco. Ela colocava a opinião pessoal dela e você podia escolher entre gostar ou não. Hoje tem um monte de gente incompetente que não escuta música.
**Maurício.** É que seria mais interessante que as pessoas se aprofundassem mais no assunto, ouvissem, discutissem.
**Marcos.** Na verdade, para a nossa produção essa critica não influi em nada.

**Já que não dá prá confiar na critica, definam vocês o som do Hurtmold.**

**Maurício.** É um rock aberto.
**Todos**. É rock!

**Qual é a postura de vocês quando vão buscar lugares para tocar? O que é preciso para se ter um show do Hurtmold?**

**Maurício.** A princípio ter um equipamento de som bom. Som bom e respeito, bom relacionamento. Se alguém chegar com uma conversa estranha, a gente já encerra a conversa na hora.
**Fernando.** Equipamento básico para começar e um acordo honesto.

**O que é um acordo honesto?**

**Marinho.** É quando você acerta um negócio com a pessoa e isso é cumprido. Porque já passamos por situações em que foi fechado um acordo e esse não foi cumprido. E não estou falando somente de dinheiro.

**É interessante que vocês deixem claro.**

**Marinho.** Já chegamos em casa, que nem vale a pena citar o nome, e disseram que ia ter grana, equipamento, e não tinha nenhum dos dois.
**Maurício.** E você percebe que não tem nem boa vontade de fazer a coisa acontecer.
**Guilherme.** Pior é que foi casa famosa e a gente ainda é chamado de "prima dona". Temos a fama de chato e tudo o mais, mas a gente não precisa de muito. É ridículo! É entrada de tomada que falta. A gente está a fim de ir lá e fazer o show porque tem gente querendo ver.

**Como vocês se adaptam, caso não existam todas as condições que pediram?**

**Marinho.** A gente dá um jeito, até porque sempre levamos muita coisa nossa. Fonte, régua, a gente acaba se adaptando ao lugar.
**Marcos.** A gente nunca falou: "Não vamos tocar!"
**Guilherme.** Claro que sim, e o festival de Americana?
**Maurício.** É que Americana teve um monte de problemas.
**Marinho.** E tem festival que a gente nem foi. O de Curitiba, por exemplo.
**Guilherme.** O problema é o seguinte: certas coisas você não precisa nem pedir. Não deveria nem ter discussão. Tocar inclui: chegar, passar o som e fazer o show. Você ganha o dinheiro que tiver que ganhar e vai para a sua casa. Todo mundo faz a sua parte. Então isso não precisa ser discutido. Eu vou ter que perguntar se vai poder passar o som?

**Queria que vocês falassem sobre o que aconteceu no festival de Americana.**

**Marcos.** Vamos deixar uma coisa clara. No festival de Americana a gente não tocou, mas a produção foi "muito firmeza" com a gente. Não houve condições técnicas.

**Marinho.** Queriam que tocássemos no palco principal, ao ar livre. Mas choveu e molhou todo o nosso equipamento. Se a gente fosse tocar lá dentro, nós iríamos ligar a parada e iria queimar tudo. A gente falou com o organizador e ele entendeu a situação. Não foi culpa deles também, houve passagem de som, tudo certinho, só choveu muito e não havia condições.

**O Hurtmold é uma banda independente, que tem um empresário que é "linha dura" nessa questão do profissionalismo. O cenário independente sempre teve essa coisa de fazer como dá, às vezes até de qualquer jeito. Como o Hurtmold busca mudar esse cenário?**

**Marinho.** Se tiver banda que acha que pode tocar sem passar o show, beleza. Só que prá nós é uma questão de respeito. Imagina só, vamos lá, tocamos sem passar o som, sai uma "bosta" e neguinho pagou R$ 25,00, R$ 30,00 para ver um show ruim. Não dá.
**Guilherme.** Você tem razão em dizer que existe essa cultura de fazer por fazer. Porque prá algumas pessoas é aquilo do "vamos aí". Porque prá alguns isso é hobby. O cara, quando não vive disso, não liga a mínima, é uma cultura roqueira burra de subir ao palco, encher a cara e pronto. A gente não é assim. Precisamos ouvir os instrumentos. Nossa banda usa muitos elementos eletrônicos e de percussão. Se fosse guitarra, baixo, bateria e vocal, talvez fosse mais simples.
**Fernando.** Se você não passa o som e o show for uma "bosta", não é o som que é uma bosta, é você.

**E o festival de Curitiba?**

**Guilherme.** A gente marcou o show, tava tudo certo. E queríamos saber que horas deveríamos estar lá prá passar o som. Mandamos um e-mail quatro dias antes para acertarmos tudo. Recebemos a resposta que não poderíamos passar o som, e com uma explicação esdrúxula, de que era porque o Mercury Rev precisaria de quatro horas para a sua passagem de som.
**Maurício.** E que somente as bandas de fora (Raveonettes, Weezer e Mercury Rev) teriam direito a passar o som. Era uma diferenciação muito estranha.
**Guilherme.** Prá começar, nem que não fosse essa regra, se não vamos passar o som não tem como rolar o show. Ainda mais num festival que é a maior loucura, ia ser um desastre. Se você quer o show dos gringos então assista ao show deles. A gente mandou e-mail pra organização e ninguém respondia, deixando chegar perto do dia. Mandamos outro e-mail falando que precisávamos passar o som e nada. Faltava um dia pro show e a resposta não veio. Falamos para o Fred (empresário da banda): não vamos.
**Maurício.** Achamos que eles quiseram dar um perdido, achando que de última hora não deixaríamos de ir, festival grande e tal. Não nos trataram com respeito.
**Guilherme.** Eu ouvi muita gente dizer: Como eles não querem tocar num festival grande? Eu tô "cagando" prá festival grande!
**Maurício.** Quando comunicamos que não iríamos mais, logo em seguida a organização nos procurou: Como vocês não vêm??? Vocês são uma das principais atrações da noite! Pensamos: Porra, como assim? Somos a principal atração da noite e não podemos nem passar o som? E olha que mandamos e-mail negociando, pois geralmente pedimos duas horas de passagem de som e chegamos a falar que queríamos apenas 40 minutos, meia hora de passagem de som, que só com isso a gente tentaria se virar.

**E quem tratou dessa negociação toda foi o Fred?**

**Guilherme.** Sim, ele que tratou de tudo. Ele que cuida dessa parte, dessas negociações, resolve tudo.

*"... Eu ouvi muita gente dizer: Como eles não querem tocar num festival grande? Eu tô "cagando" prá festival grande!"*

**E como vocês enxergam o papel do Fred nessa composição? Como é essa relação?**

**Marinho.** A gente é amigo, cara, troca uma idéia. Qualquer coisa a gente soca ele. *(risos)*
**Guilherme.** E ele já conhece a gente há muito tempo. Tem coisa que ele nem põe na roda, pois sabe que a gente vai falar.
**Fernando.** Ele lançou nossa primeira demo, cara, não temos nem o que falar.
**Marinho.** Somos amigos mesmo.
**Marcos.** E ele trabalha bem, é agilizado mesmo. E, além do mais, ele tem uma linha de raciocínio muito parecida com a nossa. Esse lance de Curitiba mesmo, em nenhum momento ele foi contra, mesmo sendo ele quem vai vender os discos e tudo o mais. Em nenhum momento houve questionamento.

**Desde o início foi assim?**

**Marcos.** Desde o início. A gente vai afinando aqui e ali, mas no geral nem tem preocupação.

**Ele é como um sétimo elemento do Hurtmold.**

**Fernando.** Exatamente!
**Marinho.** É por aí. Na verdade ele é um "meio-elemento" *(risos gerais)*.
**Guilherme.** Magro e pequeno demais.
**Fernando.** O legal é quando ele vem e fala alguma coisa, que achamos que viajou, e ele pensa novamente e diz: é, viajei e tal... É um outro elemento mesmo. Não tem rixa, nada disso. Tudo é conversado.

**Eu falava com o Guilherme sobre o Nordeste. Estive por lá ano passado e encontrei vários fãs de vocês, especialmente em Natal, e ao saberem que eu era de São Paulo me perguntaram: Porra, você já viu show do Hurtmold?**

**Maurício.** Porra , isso é a maior viagem...

**Eu imaginava que pudessem me perguntar se eu já havia visto o show da Pitty ou de outra banda famosa, mas para minha surpresa era sobre o Hurtmold que me perguntavam. Enfim, de qualquer maneira é interessante, pois eles conhecem mais a "Demo", o "Etc" e o "Cozido". Hoje vocês não tocam músicas desses discos e quase nenhuma do "Mestro". Vocês têm a dimensão do público da banda pelo país? Quais as preferências desse público?**

**Maurício.** É uma realidade muito torta e de certa forma decepcionante prá gente. Fomos para o Nordeste tocar uma vez, isso depois de muito tempo de banda, e fomos até para a Europa. Nunca fomos prá Argentina nem pro Uruguai, que estão bem mais próximos, que é só pegar um ônibus.
**Guilherme.** A gente nunca foi nem prá Porto Alegre.
**Maurício.** E isso é foda, pois é uma espécie de falta de logística. E tem muita coisa rolando.
**Marinho.** Também falta de investimento em cultura.
**Maurício.** Não sei se tem isso, sabe? Tem muita banda independente de punk e hardcore que toca em todos os lugares. Enfim, outro dia fui tocar em Curitiba com o Joe Lally (ex-baixista do Fugazi e que passou em turnê pelo Brasil, em carreira solo), e vinham falar com a gente ao invés de falarem com o Joe Lally, perguntando sobre Hurtmold ao invés de

perguntarem sobre o Fugazi. E a gente não faz a coisa rolar. Não entendo.
**Guilherme.** Ao mesmo tempo em que isso é bom, tem esse lado. Fomos para a Europa, tocamos em Londres, mas não em Porto Alegre. Fizemos um show em Curitiba e nunca mais conseguimos marcar outro. E é aqui do lado!!
**Maurício.** É aquilo de a cena ser tecnicamente defasada. Se existissem lugares com um bom som e que nos pagassem pelo menos uma porcentagem boa da bilheteria, já seria o suficiente para conseguirmos chegar e tocar.
**Marinho.** *(falando para Mauricio)* Um cara não chegou prá você lá em Porto Alegre e perguntou se a banda poderia ir prá lá somente com quatro integrantes?
**Maurício.** É verdade. E eu fiz uma piada e é capaz de ele ter acreditado. Falei que poderíamos deixar o baterista e dividir um dos guitarristas em dois. É triste.
**Fernando.** Voltando à pergunta, sinceramente não temos a menor dimensão desse público.

**Falando de São Paulo, fui em um show de vocês no SESI na Avenida Paulista e não consegui entrar. Era um dia de semana, às 17 horas. Havia pessoas do lado de fora que também não conseguiram entrar. Parecia um público diferente do público que costumava freqüentar os shows da banda. Recentemente o Hurtmold abriu alguns shows para os Los Hermanos, seria esse o motivo de um volume maior de pessoas nos shows da banda?**

**Roger.** *(enfático)* Não. A molecada que estava ali não tem nada a ver com os Los Hermanos. Não era, cara!
**Fernando.** *(para Roger)* Você tá pegando mal.
**Marinho.** *(para Roger)* Tinha uns caras novinhos na frente, cara, uns metaleiros, uns moleques de dezesseis anos.

**De alguma forma isso os incomoda?**

**Guilherme**. Tem um lado bom nisso. Hoje não há mais bandas como Legião Urbana, fazia tempo que não acontecia isso. Os fãs são fiéis mesmo e acreditam no que ouvem. É bom esse pessoal nos dar essa chance de apresentar, porque tem bandas em que os fãs não estão nem aí para o que os caras ouvem, gostam. Vai que os caras gostam.
**Marinho.** Por exemplo, quando a gente tocou com o Nação Zumbi, a gente virou um para o outro e disse: a gente vai levar umas garrafadas. Porque, sei lá, é o Nação Zumbi. Não importa se a gente vai tocar dez minutos, os caras vão ficar fodidos. E foi o contrário. A gente conseguiu tocar e agradar.

*"... o lance de cultura e música no Nordeste é muito mais desenvolvido e vanguardista que no Sudeste em geral e acontecem eventos que são impressionantes."*

**É um público novo...**

**Maurício.** É, tem essa coisa de trazer um público que é novo e vem pela novidade mesmo e isso é bom. Que viu pela internet e tudo mais.
**Marinho.** Tem sim um público que ouve o Marcelo (Camelo, do Los Hermanos) e vai mesmo ver qual que é. E, seja qual for, o público é bem-vindo.

**Queria que o Roger continuasse a falar sobre aquele dia...**

**Roger.** É diferente você sair de sua casa prá ver um show que começa à uma da manhã, como diversas vezes acontece com nossos shows, e o cara poder ir a um show às 18 horas, um horário mais acessível. É outra coisa.
**Guilherme** *(para Roger)* Então você está confirmando o que ele disse, que é uma molecada que foi ali por conta dos Los Hermanos.
**Roger.** Não. De repente tem gente que não gosta de sair na balada e vai ali para aproveitar o horário.

**O Hurtmold se enquadra num movimento de vanguarda da música brasileira?**

**Guilherme**. Não sei... Depende quem mais se encaixa nesse conceito de vanguarda.
**Maurício.** Vanguarda eu entendo como algo que corre à frente ou em separado do que está estabelecido.
**Guilherme**. E o que está longe de regras com relação ao que está estabelecido. O problema é que vanguarda está hoje ligada a algo chato.
**Fernando.** Se quiserem nos ligar à vanguarda, como sendo algo que está à margem do que está aí, é ótimo. Sem problemas.
**Maurício.** Há dez anos atrás mal tocávamos. Se dissessem prá gente que venderíamos cinco, seis mil cópias no Japão, que sairíamos em turnê pela Europa, eu acharia impossível. E rolou. Foi uma guerra que estabelecemos aos poucos. E houve uma mudança no jeito do público nos ver. Voltando à questão da relação com o público do Nordeste, o lance de cultura e música no Nordeste é muito mais desenvolvido e vanguardista que no Sudeste em geral e acontecem eventos que são impressionantes.
**Guilherme**. O fato é que aqui em São Paulo muitas vezes tem gente que vai a um show e não chega nem perto do palco. A partir do momento que

você cruza os braços, você está se protegendo. No Nordeste as pessoas são muito mais abertas a conhecer e se envolvem com a música.

**Como é que foi a experiência de vocês na Europa?**

**Fernando.** É a diferença entre Primeiro e Terceiro Mundo. A coisa toda se resume nisso.

**Maurício.** É a mesma diferença que se vê no transporte público.

**Guilherme**. Nossa principal impressão foi que as coisas realmente funcionam melhor. Não é que a gente saia gratuitamente dizendo: Ah, a Europa é melhor. É que é inegável que lá as coisas acontecem. É uma vida mais rica, cheia de oportunidades. Prá nós, chegar num resultado mais rico é através de muito esforço. Não estou dizendo que isso também não acontece lá, mas é diferente. Quando acontece isso, de conseguir se expressar e ter as oportunidades, tudo acontece de forma mais tranqüila e mais fácil.

**Maurício.** Num sentido mais concreto, é isso. Na Europa você tem mais facilidades em conseguir o que você quer. Nós do Hurtmold fazemos e acreditamos desde o início, porque gostamos e amamos o que fazemos. Lá não, as coisas meio que começam por brincadeira e acontecem. Mas tem uma coisa que falta, "o sangue nos olhos" da parte deles.

**Maurício.** A gente vai prá Europa, pros Estados Unidos, e conclui como a coisa é foda. Fica pensando: se tivéssemos as condições de comprar tudo o que eles têm lá, como seria mais fácil.

**Fernando.** É lógico que seria foda termos uns instrumentos mais bacanas, mas na verdade não dá prá saber como seria. De repente seria a mesma coisa. Quem tem febre vai atrás.

**Marcos.** Uma crítica de um disco nosso foi engraçada. O cara era um crítico gringo que tinha gostado muito do disco e disse: "Se esses caras morassem aqui na Holanda seriam muito bem pagos."

**Guilherme.** As condições são melhores, mas não quer dizer que a música seria melhor. Voltando à questão do jazz, do blues e tal, mesmo com as dificuldades que eles tinham acabavam criando. Esses músicos, que eram meio que excluídos, se expressavam por meio de sua música e estavam num lugar onde isso podia acontecer. O fato de poder se expressar e viver disso é muito legal. Você pega um Charlie Parker, que é aquela história do cara negro, "bicado", que expressava sua arte ali no melhor momento. Ele era novo quando morreu e já partiu com status de Lenda. Novo, com trinta e poucos anos. Com quantos anos o Cartola gravou o seu primeiro disco?

**Fernando.** Sei lá, era idade avançada já.

**Marinho.** Ele gravou com 50, 60 anos...

**Guilherme.** 60 anos! É isso. A expressão do sofrimento é a mesma, só que para os músicos de lá existe essa coisa de que as coisas podem

acontecer. O fato de você poder viver disso, se expressar, é legal. Gostaria de viver disso, com certeza.

**Houve algum artista/banda que realmente impressionou vocês, tanto pelo som quanto pela atitude de buscar?**

**Guilherme.** Uma banda que desde o início nos impressionou é o Fugazi.
**Fernando.** Fugazi, com certeza.
**Guilherme.** Não só pelo som, mas pela maneira de trabalhar. 100% pela música. É claro que tinha toda a questão política e tal, mas a música sempre foi tudo. Foi uma espécie de divisor de águas. Era uma banda de quem éramos fãs mesmo.

**E hoje?**

**Maurício.** Um cara que foi uma experiência sinistra é o Bill Dickson, trompetista de jazz de 81 anos, e tocou num mesmo festival que o SP Underground (projeto idealizado por Maurício e Rob Mazurek, trompetista que já tocou com o Chicago Underground, Isotope 127, entre outros), o Guelth Jazz Festival no Canadá. Um cara que você percebe que, se você chega prá ele e fala um oi, não é simplesmente outro oi que você recebe como resposta.

**Guilherme.** Ele comanda a atenção o tempo inteiro. O velho não é de brincadeira.
**Maurício.** O cara é um contemporâneo de 81 anos, é foda.
**Guilherme.** Ele foi o mentor do Jazz Composers Guild, que é uma parada revolucionária do Free Jazz. E por causa disso ele sempre foi um cara que nunca baixou a cabeça, politicão, sempre teve uma idéia muito clara da música. Ele dá aulas numa universidade sobre música negra e história.
**Maurício.** A gente viu o show é foi uma coisa radical, o cara tem a idade do meu avô e faz uma coisa que muita gente não entenderia, acharia indigesta, iam falar que é um louco, e ele ali fazendo uma coisa muito nova e que muito moleque não tem nem o culhão de tentar chegar perto.
**Marinho.** É bem essa coisa do culhão mesmo. Aqui no Brasil o cara seria o equivalente ao Mano Brown, por exemplo, o cara que chega e fala: Isso é o que eu faço!
**Fernando.** Porque o Mano Brown?
**Marinho.** Porque prá mim ele é um puta de um escritor, um puta de um poeta. Ele é independente e é um puta fenômeno, coisa que a gente não é. Ele está no mesmo lugar que o Bill Dickson mesmo.
**Guilherme.** Ele é o cara mais fudido do Brasil hoje, o artista mais impressionante da música brasileira hoje. Ele é quem chega e fala: Olha, tô aqui, faço o que eu quero e acabou. É sem dúvida o artista

*"...continuem fazendo o qu[illegible]*
*que está foda." E a gente olhando um prá cara*
*do outro sem ter o que dizer. Foi incrível.*

mais importante da música brasileira hoje. Não tem prá ninguém. Esquecendo a parada social, não tem ninguém que escreva desse jeito hoje. Não tem quem arrepie mais no Brasil. E sobre o Bill Dickson é isso também, você vê e fica sem palavras. A gente tocou no mesmo dia que ele e ver um cara de 81 anos tocando daquele jeito... A política dele é a seguinte: "Eu não faço bis! Eu dou tudo de mim, faço o show e vou embora." O show dele foi perto de sete da noite, o nosso perto de meia-noite, uma da manhã, então ele fez o show dele e foi embora. Encontramos com ele na frente de um restaurante e ele falou com a gente na maior simplicidade. O cara foi prá casa tomar um banho e voltou prá ver o nosso show. Podíamos ver o cara nos assistindo na platéia. E o Bill Dickson é algo como o herói da vida do Rob, o maior ídolo da vida artística dele. No final o Rob saiu do show com uma cara depressiva prá caralho, dizendo: "O Bill Dickson assistiu ao nosso show, eu o conheci, toquei mal prá caralho, ele nunca mais vai querer falar comigo." Parecia uma criança, insegura assim. Nunca havia visto ele assim. Entrava um monte de gente no camarim no final do show, falando que gostou e tudo o mais, até entrou uma garota muito linda e todo mundo ali olhando, um monte de homem, e quando o velho chegou ninguém queria mais saber da mina, nem lembravam que tinha uma mina ali. *(risos gerais)* Ele atravessou o camarim e falou: Achei demais.

**Maurício.** E ainda lançou idéias que arrepiaram.

**Guilherme.** Ele é o tipo de pessoa que, se não tivesse gostado, diria: Achei uma bosta. Teria ido embora na primeira música. Ele fez um workshop em que podíamos ouvi-lo falando pro baterista: "Você fez merda, não entendeu nada." Ele é assim.

**Maurício.** Ele falou: "Continuem fazendo o que vocês estão fazendo, que está foda." E a gente olhando um prá cara do outro sem ter o que dizer. Foi incrível.

**O novo disco está indo para Chicago para ser masterizado pelo Wayne Montana, que hoje é do Eternals e que já foi do Trenchmouth. Essa ligação com o Eternals, em especial, se expande para além da música?**

**Guilherme.** Somos amigos mesmo.

**Maurício.** Quando fomos prá Chicago ficamos na casa deles, saímos prá comer, tomar umas, conhecemos as crianças. Tanto a história dos caras quanto o jeito, tudo se relaciona com a gente.

**Marinho.** Quando tocamos pela primeira vez, meio que pagávamos um pau pros caras.

**Guilherme.** O jeito que enxergamos as coisas e vivemos a música. Éramos fãs do Trenchmouth, e depois houve uma aproximação, ao ponto de os caras brincarem pedindo prá assinarmos os CDs do Hurtmold para eles, dizendo que Chicago e São Paulo são a mesma coisa. Claro que eles são mais velhos e têm mais experiência que a gente, mas isso não aumenta a distância em nada.

**Por fim, falem-nos da relação de vocês com a imprensa.**

**Guilherme.** Às vezes é bastante complicada. Vou dar um exemplo: uma vez eu dei uma entrevista pro Trama Virtual, e o cara me perguntou sobre a mudança de som, as quebras, enfim, um novo direcionamento e tudo o mais, e minha resposta foi que não existiu uma quebra, como se de repente nós tivéssemos mudado nosso som para uma parada mais instrumental. Quando eu fui ver, o cara inverteu o sentido do que falei. Mudou minha resposta. Apareceu lá que eu afirmava que de fato tínhamos mesmo feito isso, virado uma banda instrumental. E então o Maurício veio e me falou: "É, mano, achei muito estranho aquilo que você falou", e eu disse que não havia dito aquilo, sabe? É foda isso. Ele mudou minha resposta. ◂

**▸▸ Formação**

**Fernando Cappi** . Guitarra
**Guilherme Granado** . Teclado, vibrafone, escaleta e eletrônicos
**Marcos Gerez** . Baixo
**Mário Cappi** . Guitarra
**Mauricio Takara** . Bateria, vibrafone e trompete
**Rogério Martins** . Percussão e clarinete

**▸▸ Discografia**

**Mestro** . CD (Submarine Records) . 2004
**The Eternals/Hurtmold** . Split CD (Submarine Records) . 2003
**Cozido** . CD (Submarine Records) . 2002
**Todos Ouvidos** . CD coletânea (Agacê Skateboarding) . 2001
**Et Cetera** . CD (Submarine Records) . 2000
**3am: A fonte secou...** . K7 (Spicy G.E. / Submarine Records) . 1999
**Select** . K7 coletânea (Spicy G.E.) . 1999
**Everyday recording** . K7 Demo . 1998

**▸▸ Para ouvir:**

http://www.submarinerecords.net
http://www.myspace.com/hurtmold

**▸▸ Para ver:**

Veja o making of da entrevista no site www.maissoma.com

# SUB-MARINE

## Notas de uma gravadora...

por Renato Silva . fotos Jozzú

**Você é citado na entrevista do Hurtmold como o "faz tudo" da história. Como você interpreta isso? Já rolaram atritos de idéias ou propostas de direcionamentos contrários que causaram algum mal-estar entre vocês?**

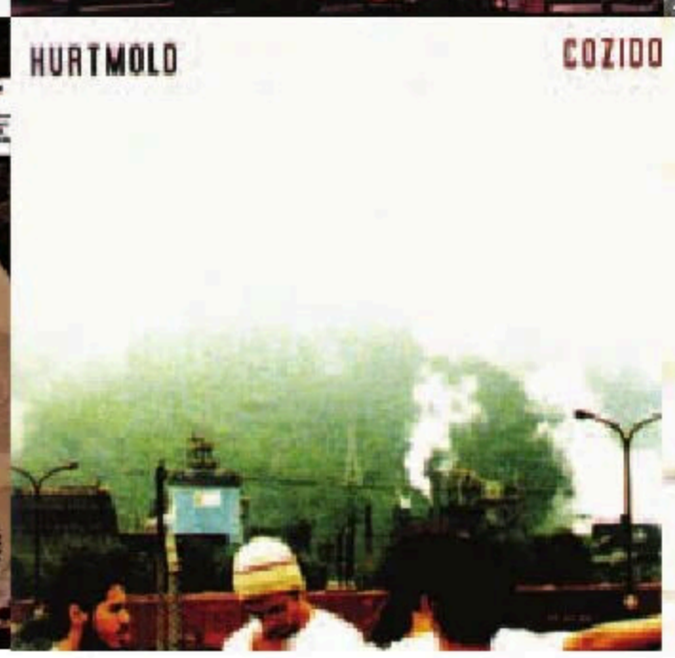
**Fred.** Sobre este termo "faz tudo", na minha interpretação é que desde o início a gente estabeleceu uma forma nossa de trabalhar (Hurtmold e Submarine). E eu, como selo independente, não me imaginava sendo somente um cara que lançasse os discos e "missão cumprida". Prá mim, lançar discos, e ainda mais no Brasil, é meio que o início do trabalho do selo, e não o fim dele.
Assim, era necessário abraçar outras frentes, e me dispus também a fazer os contatos para marcação de shows, envio de materiais prá festivais, mala direta e por aí vai. O selo é pequeno, a estrutura aqui é pequena, hoje somos eu e a Ângela, que cuida do site. Esta foi a melhor dinâmica que encontramos. Banda e selo em constante comunicação e cumplicidade para viabilizar as coisas.
Sobre a segunda parte da pergunta, a minha relação com o Hurtmold é muito boa. Já são aí quase dez anos juntos e temos total liberdade de chegarmos uns para os outros e conversarmos sobre qualquer questão. Então discutimos os assuntos e situações (sejam eles simples, complicados ou delicados), decidimos e executamos. É como um relacionamento qualquer, só que neste caso são sete pessoas. *(risos)*

**Como você analisa o trabalho das gravadoras independentes hoje no Brasil? Alguma a destacar?**

**Fred.** Sinceramente, preferiria falar da Submarine mesmo. Porque analisar o trampo dos outros, sei lá... Mas tenho minhas opiniões, meus sentimentos sobre o assunto. Já passei muito mal por estar nesse meio. Hoje prefiro canalizar tudo que vejo ou que sinto e as experiências que tive prá seguir mais forte. As coisas estão mais nítidas prá mim neste sentido. Tem muito disfarce, muitos sedutores, aventureiros e oportunistas. Muito bláblábláblá, deslumbramento, falsas promessas, "zóio grande" e "pouca ripa".
Sobre destaque... Selos que têm seu próprio corre, que não precisam ficar no vácuo de ninguém, que tem uma cara, que privilegiam a música e a relação com o artista que estão lançando. Selos que se dão o respeito, né? Os selos que são assim eu levo a sério. Na verdade, vou te falar, se é pra citar algum selo independente brasileiro, me vem à mente aqui o Cosa Nostra, sabia? Sinto-me bem à vontade pra falar disso. É uma visão baseada em observação mesmo. As pessoas ficam muito incomodadas, não é? Pouca gente nesse mundo gosta de ver e admitir a vitória, a conquista dos outros, e ainda mais de quem vem de um meio cheio de adversidades. Eles fazem o trampo deles, por eles ali, e já era.

**Como é o seu trabalho com os produtores de shows? As exigências são geralmente atendidas ou tem que rolar algum *stress* nessa parte? Algum profissional a destacar também nessa área?**

**Fred.** São muitos tipos de produtores, produções e vários contextos. Muitas variações com as mais diferentes intenções. Tem que estar muito atento. De uns tempos prá cá a coisa está bem definida neste sentido. Mas te digo que muito também é pela nossa postura e pelo fato de os produtores saberem que não estamos brincando. Fechou, vamos lá e fazemos o que tem que ser feito.
Penso assim: essa patifaria toda que rola por aí por parte de alguns produtores, casas de shows, muito se deve à postura das próprias bandas e selos que não se dão o respeito e não se mexem, não se



organizam... Se você não está nem aí para isso, não pode exigir muita coisa. Não adianta nada fazer vários shows e só entrar em roubada, e ainda, se formos analisar na ponta do lápis, a banda pagou prá tocar, pagou prá passar nervoso. É uma questão de foco, ver o que você quer, onde está pisando, se posicionar.

Não há exagero da minha parte no agenciamento de shows dos artistas da Submarine, mas não abro mão do que é justo. O trabalho com o meu selo é prazeroso prá mim. Sinto-me bem em não ter que dar satisfação prá chefe, bater cartão, nada disso. Acreditei, fui passo a passo e estamos aí ativos. Não é meu *hobby*, é o meu trabalho. Sou eu ali com alguns amigos e os artistas que estão com a gente. Pra nós é muito claro que, se não há como garantir o que solicitamos, não tem como sair de casa. E quando falo nisso pode passar na cabeça das pessoas mais desavisadas ou desinformadas que são muitas exigências, mas na verdade não é exigência no sentido imperativo, escroto da palavra. Peço o essencial para os artistas fazerem um show decente, que é um bom equipamento, passagem de som, transporte garantido, alimentação e o pagamento (justo) por isso. Essa é uma forma de respeito e valorização real ao artista que está tocando e ao público que vai ver os shows e paga o ingresso, o transporte prá chegar, prá voltar pra casa, comprar discos e por aí vai.

**Quais são as outras bandas com as quais você trabalha? Isso influencia na maneira como trata o Hurtmold?**

**Fred.** Dentro da Submarine, além do Hurtmold, atualmente trabalho com o São Paulo Underground (trabalho do cornetista norte-americano Rob Mazurek, juntamente com o Maurício Takara e mais algumas colaborações), o trio de Chicago The Eternals e o trabalho solo do Maurício, M.Takara (a Submarine só lançou o primeiro CD dele). Em julho sairá o CD de estréia de um novo artista do selo, Bodes & Elefantes (Guilherme Granado, do Hurtmold), e que terá formação para apresentações ao vivo também.

Fora a Submarine, estou fazendo agenciamento de shows para alguns outros artistas que não necessariamente estão no selo, mas tenho total afinidade, como o MC Akin, por exemplo.

Sobre o tratamento, ele é igual, porém existem os contextos. O Hurtmold, eu estou com eles há muito tempo, quase que diariamente e na mesma cidade. O The Eternals é de fora do país, o São Paulo Underground também oscila um pouco em se tratando de estarmos efetivamente todos juntos e com freqüência. O M.Takara tem muitas outras relações, então a correria é um pouco mais diluída. Então, assim, não há tratamentos diferentes e sim situações que você vive, se depara, que rolam, existem, e você age em cima disso.

**E sobre o novo CD do Hurtmold?**

**Fred.** O novo do Hurtmold já está gravado e neste momento sendo masterizado. Ainda não tem nome definido e a previsão de lançamento é para agosto. Sairá em CD pela Submarine, com distribuição da Tratore, e em LP numa parceria da Submarine com o selo Casagrande. O CD terá prensagem inicial de 1.500 cópias e o vinil uma tiragem de 300. E então já estamos vendo onde fazer o show de lançamento. Basta acompanhar as notícias em nosso site.

**Contato:**
Submarine Records:
www.submarinerecords.net
shows: (11) 7638-9646

# EXPRESSAR-SE É PRECISO!

Por Kichi

Desde os primórdios o homem já se expressava através da arte, pintando em paredes de cavernas sua rotina e crenças. Com o passar dos anos, a arte acompanhou as transformações da cultura e comportamento, e os artistas passaram a expressar seus modos de pensar e contestar através de inúmeras maneiras. Hoje, até em brinquedos é possível encontrar arte.

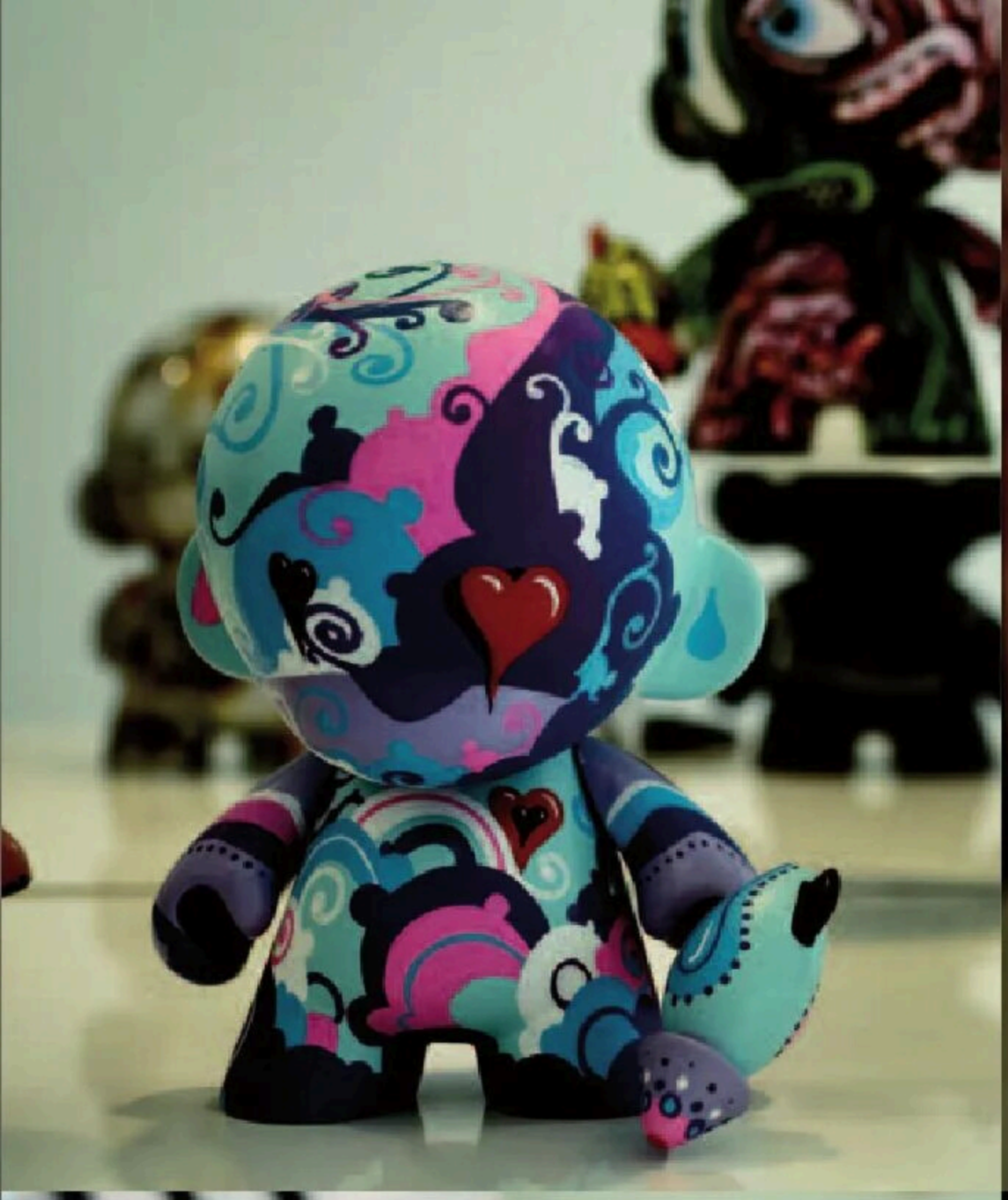
Em pleno século 21, um dos maiores fenômenos da cultura pop - a "Toy Art" - vem se mostrando cada vez mais forte no mundo das artes. Além de uma enorme variedade de bonecos e personagens criados por artistas contemporâneos consagrados, existem também os chamados "Blanks", que são protótipos de bonecos sem cor que cada um pode customizar e deixar o seu "Toy" com a sua cara ou seu estilo.

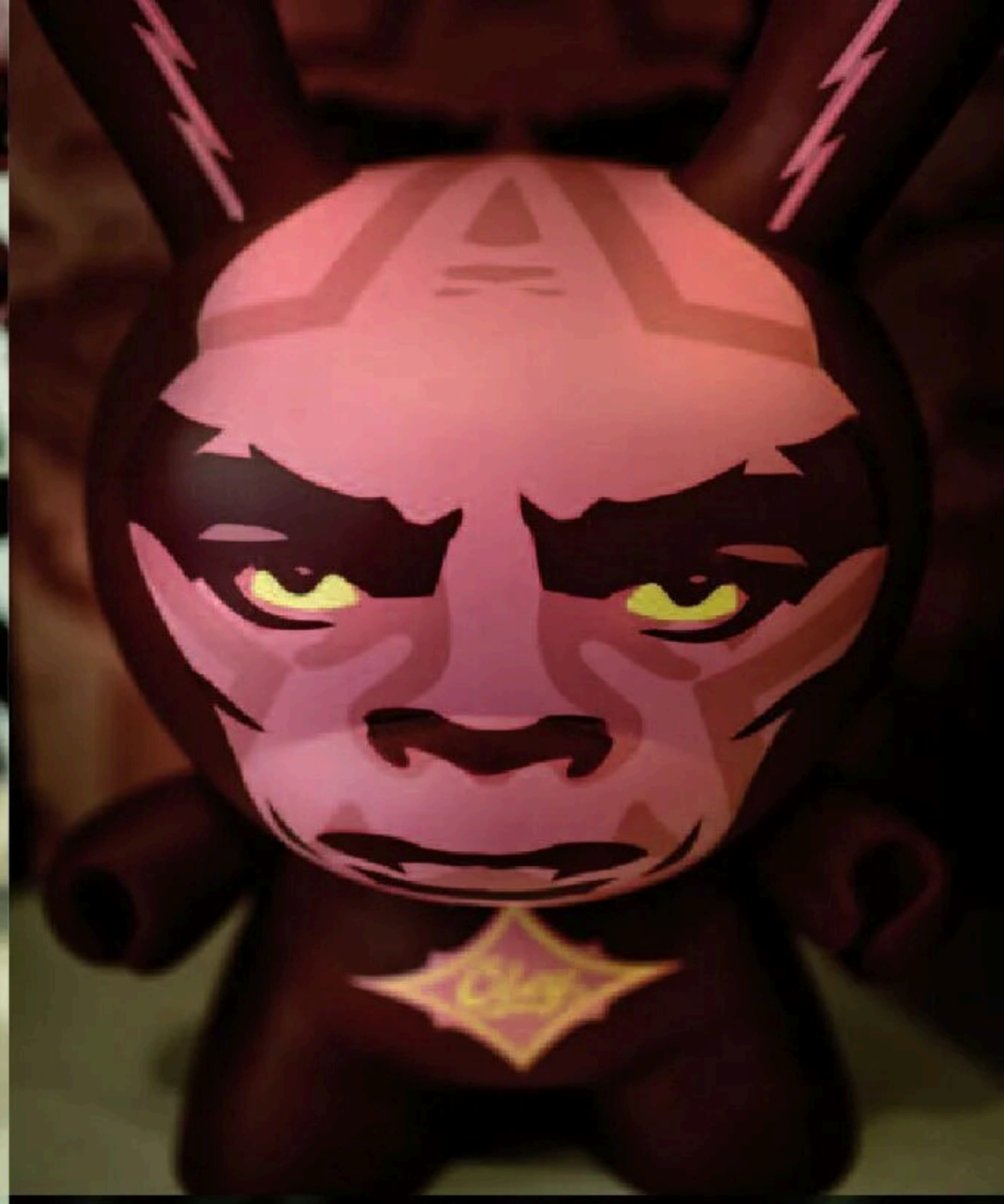
Várias marcas já aderiram a essa nova mania, customizando peças ou até mesmo criando seus próprios mascotes. Entre os mais famosos Toys D.I.Y ("faça você mesmo"), o que tem mais destaque e procura é chamado de "Munny", que tem  a forma de um macaco e é produzido pela marca norte-americana Kid Robot. Existem também os QEE´S, produzidos pela marca chinesa Toy2r, com formatos de urso, cachorro, ovo, gato, caveira, etc.

No Brasil, o artista santista Sesper foi um dos pioneiros, e recentemente lançou no mercado seu boneco para customização batizado de Sir Sesper Soundsystem.

Recentemente, a Plastik Gallery, galeria da loja paulistana especializada em art toys, recebeu a primeira exposição de Munnys customizados do Brasil. Entre os artistas participantes estavam Gary Baseman, Flip, Pedro Lucente, Iggor Cavalera e muitos outros.

Hoje em dia a cultura da customização já é uma realidade. Várias pessoas acreditam que isso se deve ao monotonismo das marcas e seus produtos, e também pela mesmice de suas campanhas publicitárias. Portanto, arregace suas mangas e mãos à obra.





# VOLTA ÀS AULAS!

**Quem não se lembra da sua época de colégio?**

Por horas sentado nas desconfortáveis carteiras escolares, já customizadas com nomes, colas de prova, declarações de amor, desenhos obscuros e nomes de bandas heavy metal?

Partindo da forte ligação com esse objeto, resolvemos criar a exposição intitulada "De volta às aulas". A proposta é mostrar como a Arte pode ser "multiplicadora", pois partindo de um elemento simples e comum a todos, e que está completamente relacionado com a história de cada um, a arte resignifica, multiplicando valores e memórias.

Os convidados para essa mostra foram selecionados pelo artista e fotógrafo Flávio Samelo, que buscou diferentes escolas, tanto de vida como de produção artística, valorizando acima de tudo a diversidade.

No decorrer dessa história, foi impossível conter nossa excitação à medida que fomos recebendo as carteiras escolares, tão diferentes em suas personalidades e estética, relembrando alguns dos significados da palavra escola – lugar para se reunir, pensar e refletir.

Para quem se empolgar e quiser ajudar, todas as carteiras produzidas podem ser adquiridas no site www.maissoma.com. Toda a renda obtida será revertida para instituições públicas de ensino.

Agradecemos aos artistas envolvidos no projeto e a todos que nos ajudaram a viabilizar essa idéia.

**+SOMA**

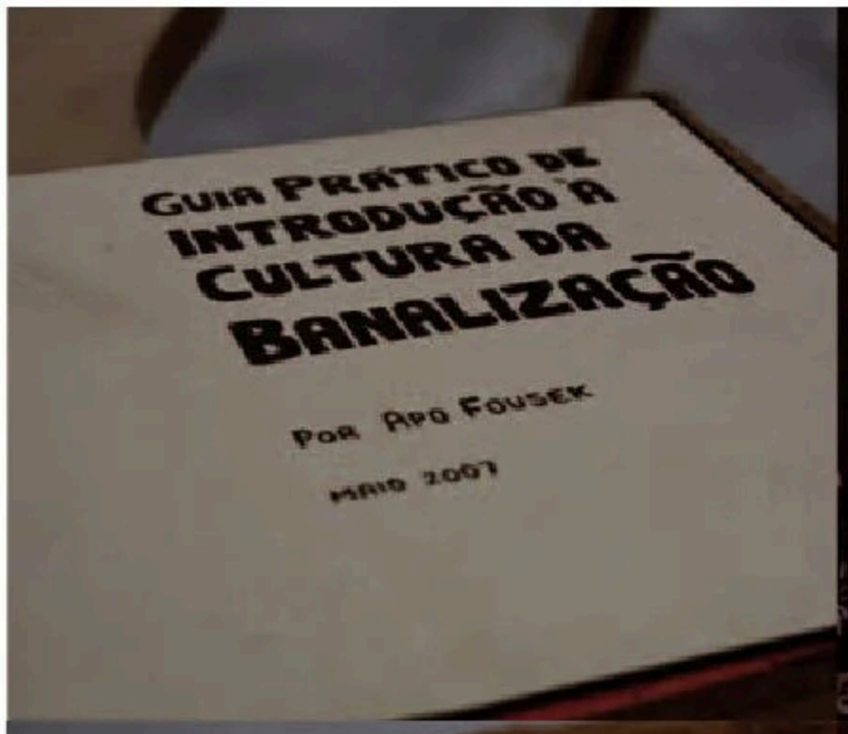
. Bruno Kurru

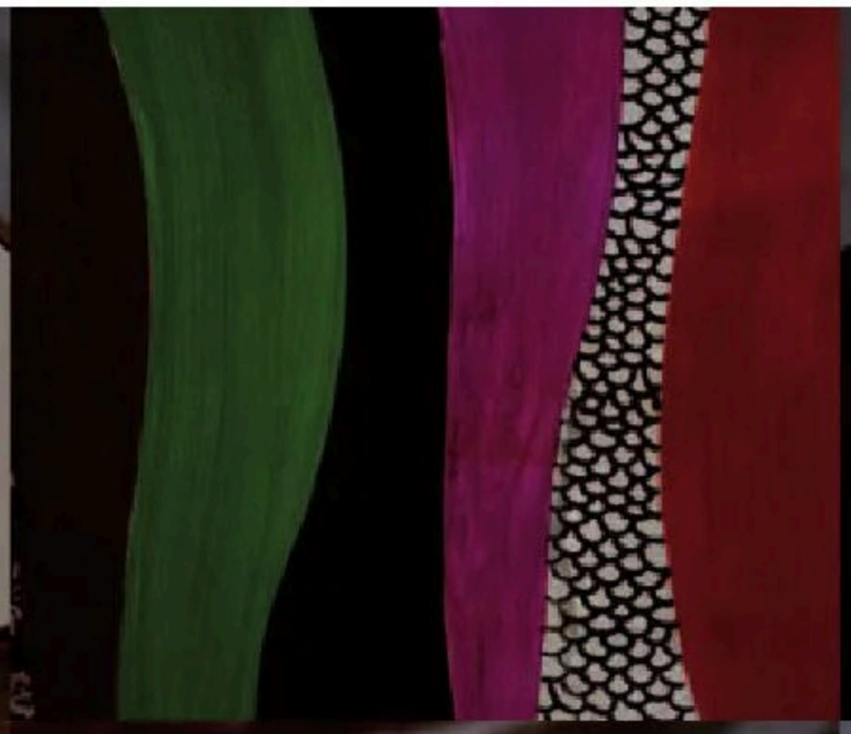
Dea Lellis .

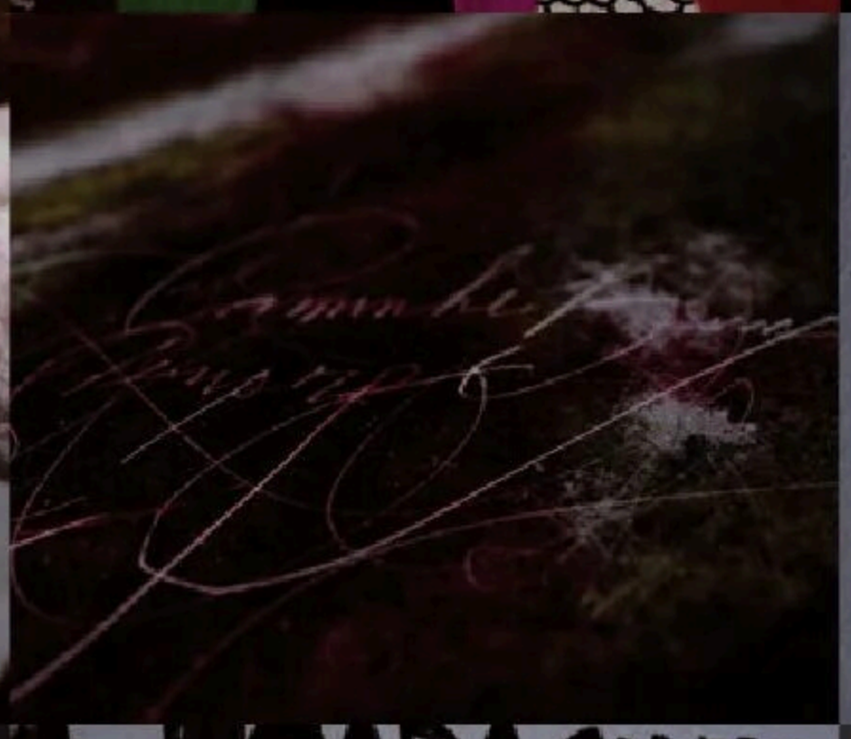
. Sesper

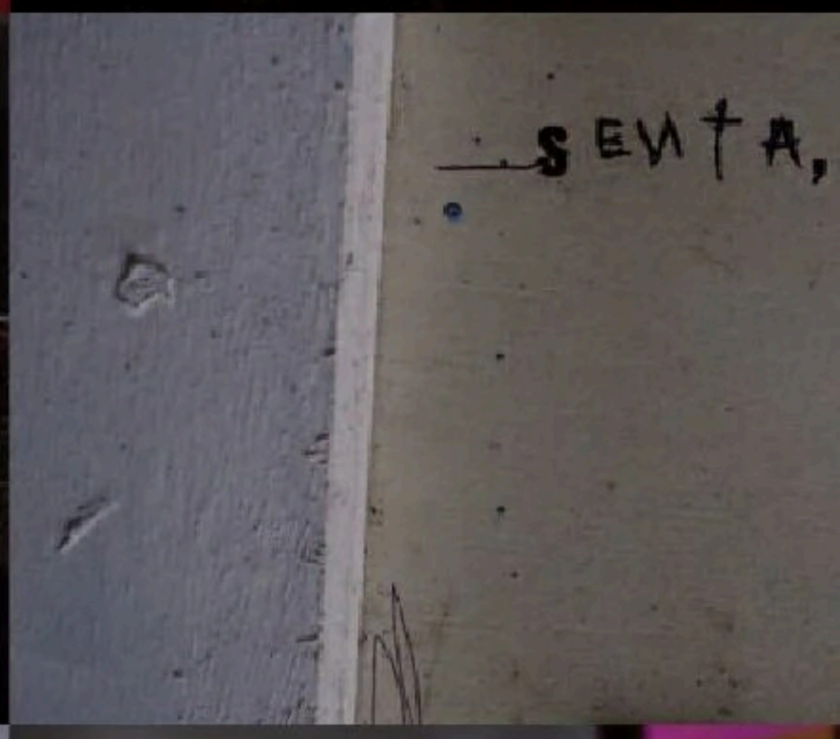
Herbert Baglione .

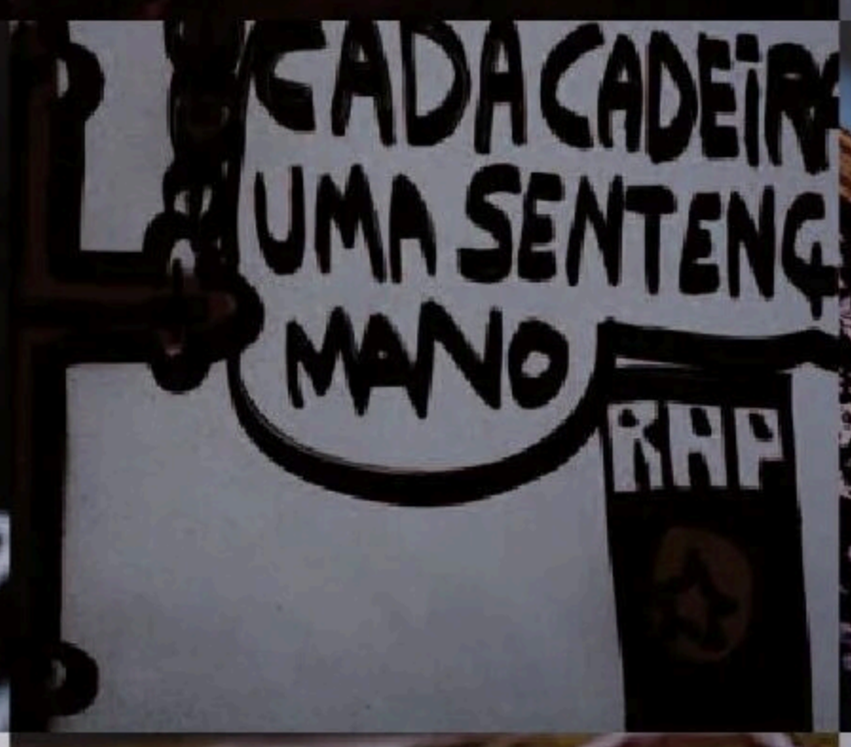
. Apo Fousek
ČULUARA
DA
BANALIZACJO

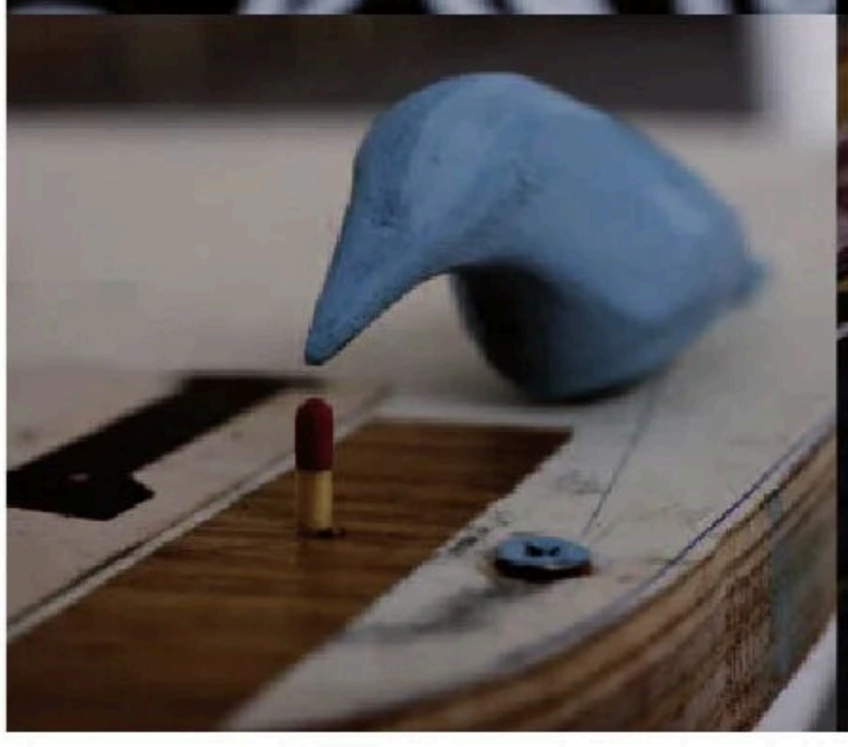

GUIA PRÁTICO DE
INTRODUÇÃO À
CULTURA DA
BANALIZAÇÃO
POR APO FOUSEK
MAIO 2007

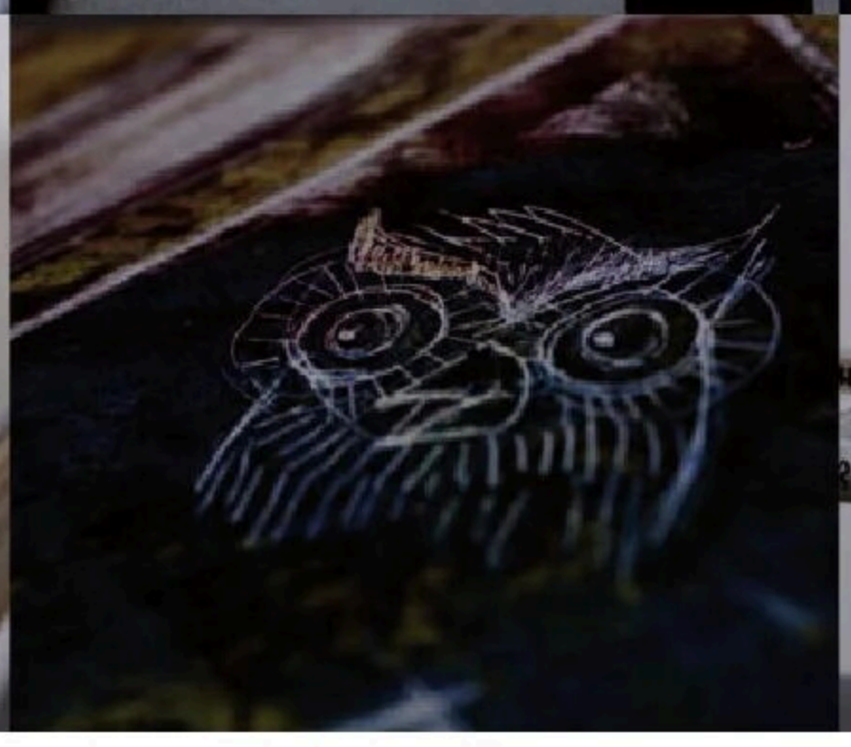




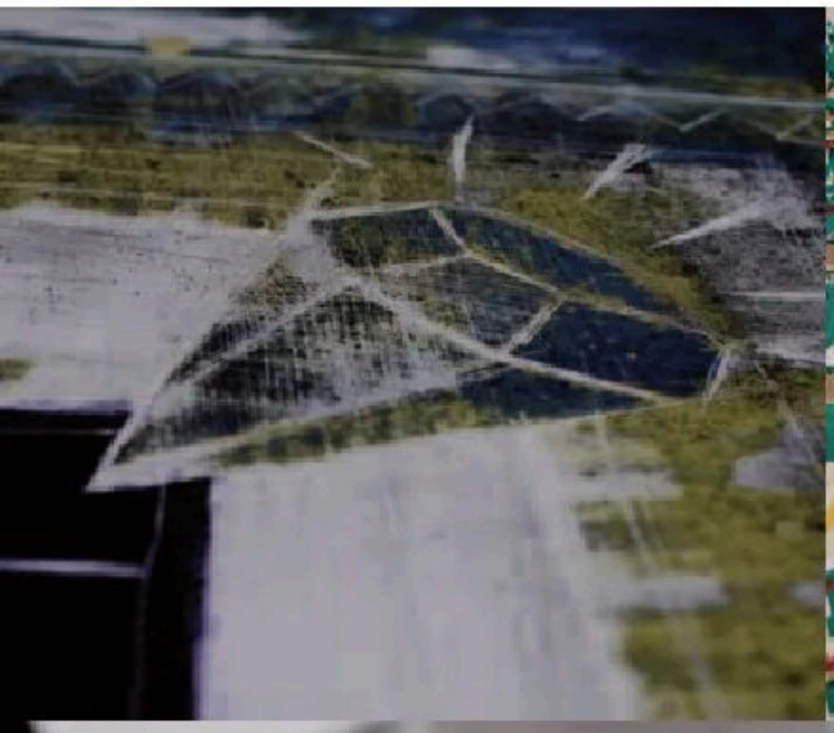

SENTA,


CADA CADEIRA
UMA SENTENÇA
MANO
RAP

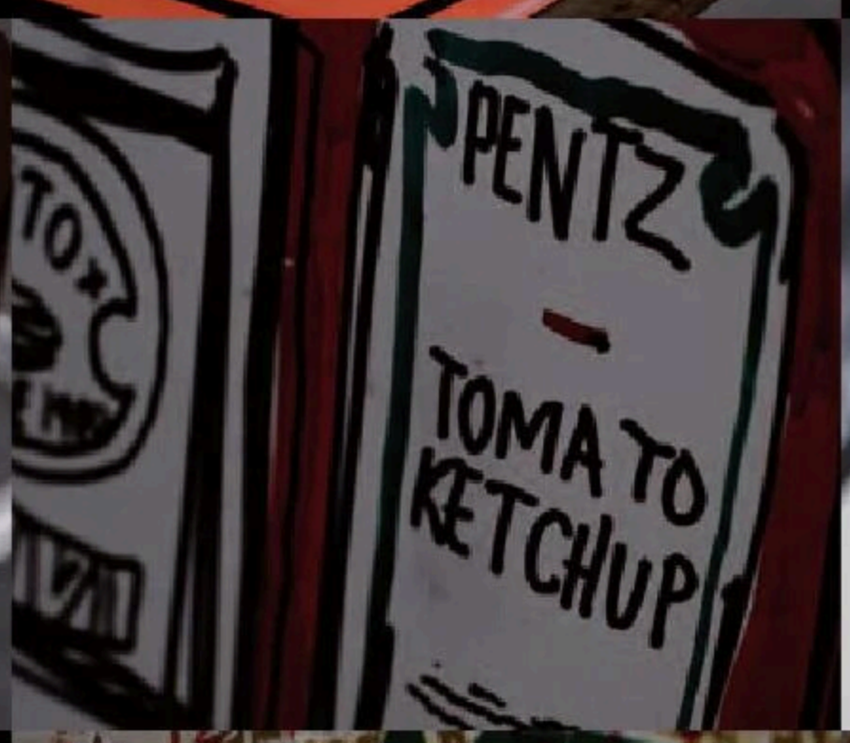


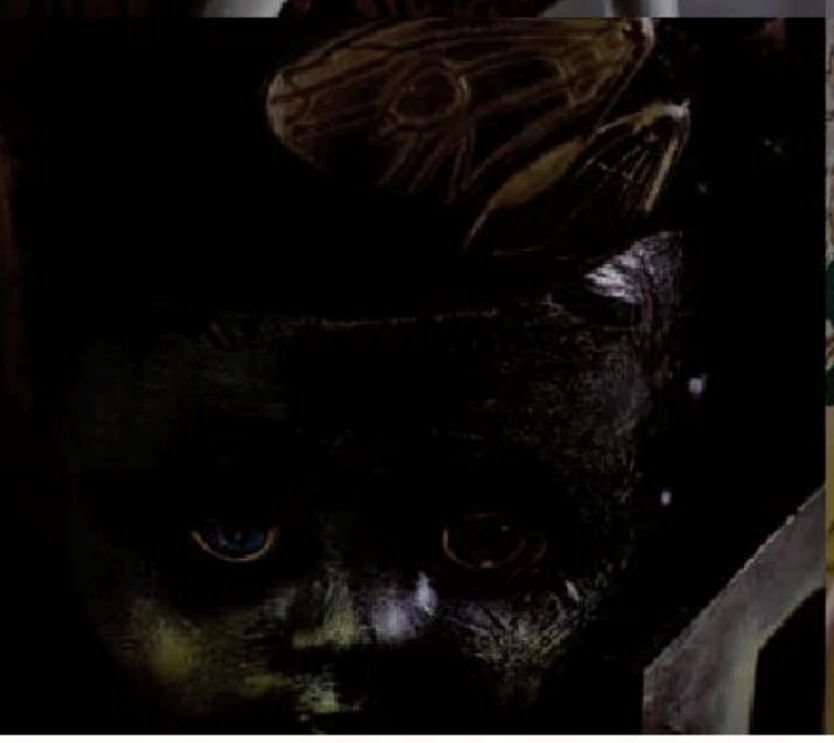
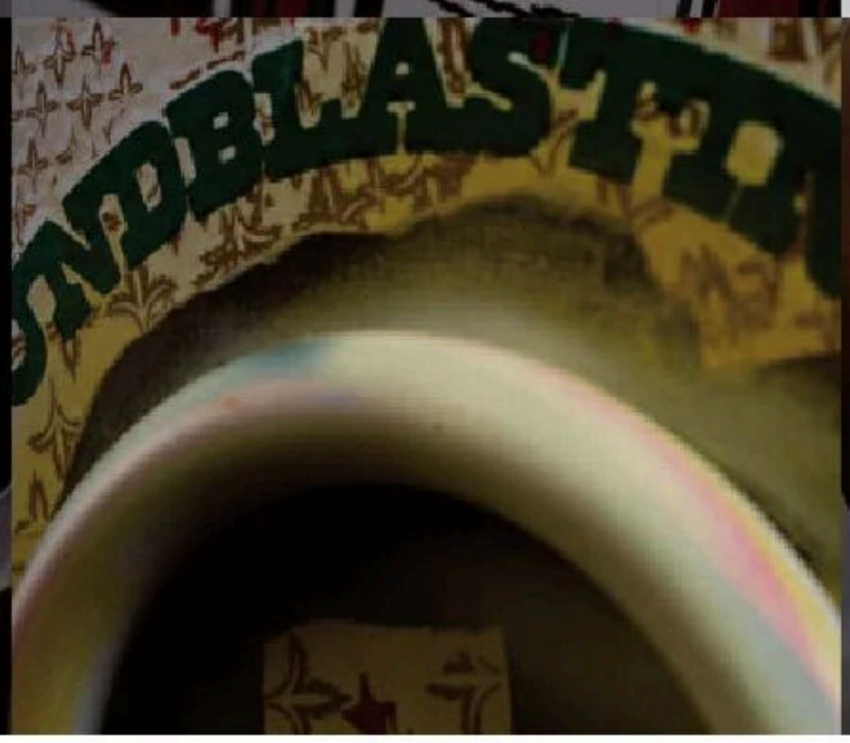


MÁQUINA
DE
CHURRO



NE SHALL ESCAPE
THE JUDGEMENT


PENTZ
TOMA TO
KETCHUP

CULTURA
DA
BANANEIRAS

Karen Jones .

. Breno Tamura

Felipe Motta .

. Renan Cruz

Tide Hellmeister .

. Exposição .

# "VOLTA ÀS AULAS"

. Organização .

Kultur Studio

. Curadoria .

Flávio Samelo

. Artistas convidados .

Bruno Kurru

Dea Lellis

Sesper

Herbert Baglione

Apo Fousek

Karen Jones

Breno Tamura

Felipe Motta

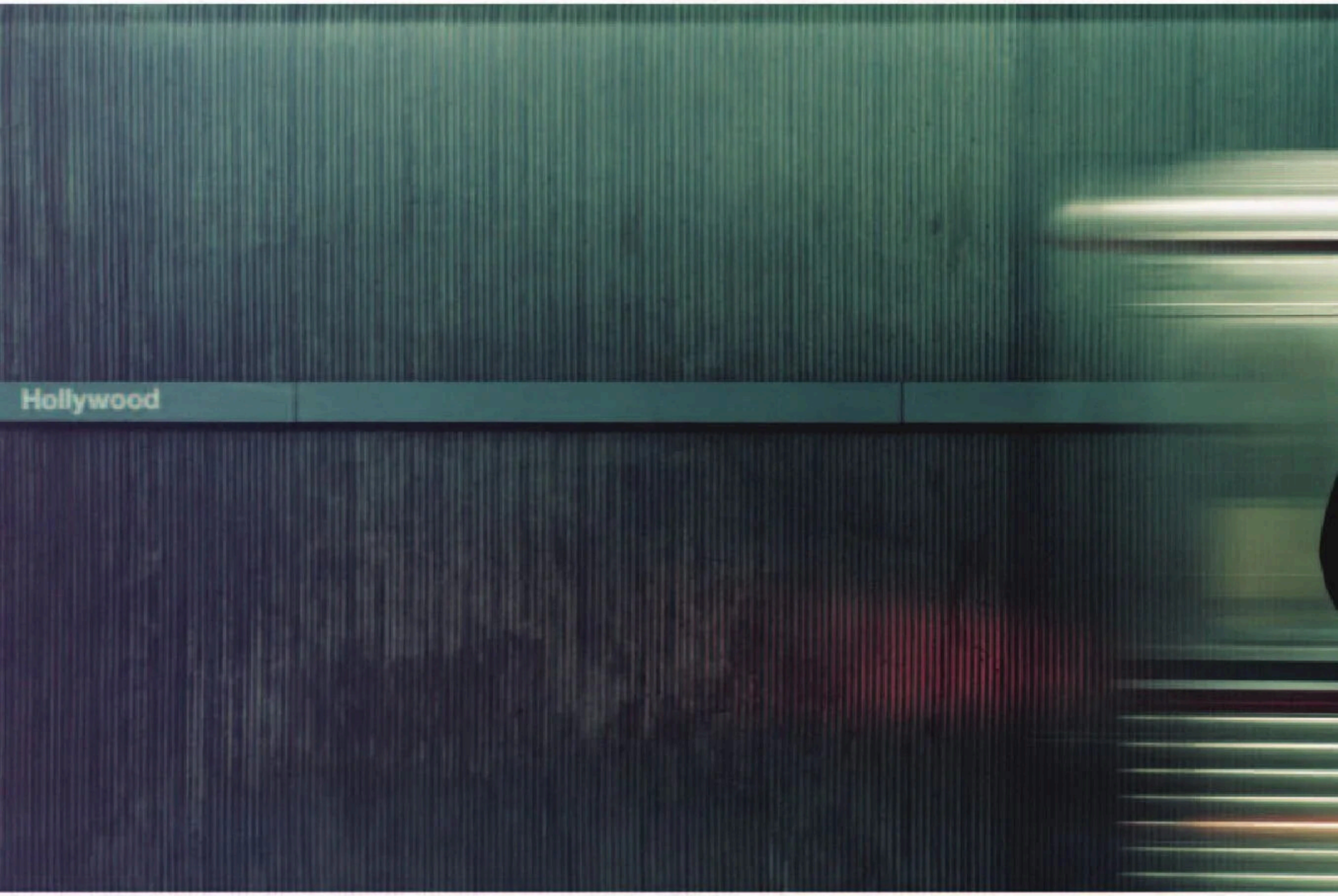
Renan Cruz

Tide Hellmeister

. Fotografia .

Cia de Foto

. Apoio .


Hollywood

+soma entrevista : andy mueller

A arte de Andy está em todo lugar, tanto no underground como em trabalhos comerciais. Shapes de skate, capas de discos, camisetas, pôsteres e anúncios, são muitas as chances de você já ter esbarrado em algum de seus trabalhos.

Criado no meio-oeste dos Estados Unidos, cedo ficou viciado na arte de criar imagens e tirar fotos. Confira a entrevista e admire seu uso do espaço em branco.

**+SOMA. Como você definiria Andy Mueller? Um fotógrafo que trabalha com design ou um designer que tira fotos?**

Andy. Esta é uma boa pergunta! Tenho pensado muito nisso ultimamente. Às vezes sou mais um designer, e em outras horas mais um fotógrafo, mas o importante é que trabalho em ambas as mídias, e geralmente ao mesmo tempo. Realmente gosto da possibilidade de poder pular entre o design e a fotografia. Estou tentando chegar à conclusão de que é ok ser ambos igualmente. Às vezes me considero um ou outro, mas ultimamente estou tentando me definir mais como um artista que usa o design e a fotografia como ferramentas para fazer meus trabalhos. E muitas vezes preciso de outras ferramentas para conseguir dar vida ao que quero criar: desenho, serigrafia, pintura, e até web e filmes. Eu curto todos os tipos de mídia e quero poder continuar a trabalhar em qualquer mídia que melhor se adapte ao projeto ou arte que eu esteja tentando criar.

**+SOMA. Sua família o encorajou a se tornar um artista?**

Andy. Não diretamente, mas também não foram negativos. Nunca chegaram para mim e disseram: "Você deve ser um artista". Foi mais sutil do que isso. Eles sempre apoiaram tudo o que eu quis fazer, me levavam a corridas de BMX, lojas de skate, e até me deixaram construir um half-pipe no quintal (acho que isso foi em 1986). Minha mãe e meu padrasto eram fotógrafos, então a fotografia sempre esteve por perto. E foi assim que comecei minha relação com ela. Nós tínhamos um quarto escuro no nosso porão, e no começo a coisa não me interessou muito, mas no colegial comecei a tirar fotos, a revelar meus filmes e a imprimir. Desde essa época fui pego pela coisa.

**+SOMA. Eles nunca se preocuparam com a questão financeira?**

Andy. Isso nem chegou a passar pela cabeça deles. Eu não fui para a universidade cursar arte e nunca falei "eu sou um artista". As coisas simplesmente caminharam nessa direção, e logo no começo eu já

consegui me sustentar. Com 22 ou 23 anos eu estava fazendo trabalhos para alguns clientes (na maioria selos de música). E com 25 eu estava morando em Chicago e tinha um pequeno estúdio de design, foto e filme chamado Ohio Girl Design. Era um estúdio pequeno, mas era o suficiente para eu e mais dois colegas vivermos disso.

**+SOMA. Você possui algum treinamento formal em arte ou fotografia?**

Andy. Eu não cursei arte na universidade. Eu estava em outro curso, na área de comunicação. Eu tive muitas aulas de fotografia, mas nunca assisti a uma aula de design ou arte. Eu aprendi as coisas sozinho, na maioria das vezes através de tentativas, brincando com programas, falando para as pessoas que eu sabia o que estava fazendo - e só depois eu tentava descobrir o que fazer. Meu companheiro de quarto na universidade estudava design e era ótimo ter alguém por perto para responder às minhas questões e me ensinar como o design funcionava.

**+SOMA. Na sua opinião, cursos de arte são uma boa idéia ou perda de tempo?**

Andy. Eu adoraria poder estudar arte...Será que estou muito velho? Eu amaria ter tempo para criar e pensar sobre meus trabalhos pessoais. Isso seria demais. Quanto a ser perda de tempo ou não, eu acho que tudo depende da sua atitude e do que você quer tirar da faculdade. Eu conheço algumas pessoas que realmente aprenderam e outras que não deveriam ter ido. Isso depende de cada um. Para mim, mesmo que não tenha cursado arte, ir para a faculdade foi uma ótima experiência, não somente por causa das aulas de comunicação e fotografia, mas pela ótima cena de música que existia por lá e as pessoas que eu conheci naquela época. Muitos amigos que conheci na faculdade estão fazendo tão coisas legais.
Eu me formei em 93. Caramba, sempre fui o cara mais novo e agora tô virando o tiozinho... É muito engraçado como isso acontece.

**+SOMA. Como o skate e a música te influenciaram? Fale um um pouco sobre suas influências.**

Andy. Eu cresci correndo de BMX, andando de skate e ouvindo música. Tudo isso me ajudou a me tornar quem eu sou, não esquecendo o fato de minha mãe e padrasto serem fotógrafos. Todas essas coisas se encaixaram perfeitamente. É uma loucura pensar que eu consegui transformar meus hobbies numa carreira. Eu sou muito feliz em relação a isso!
Minhas influências: crescer no meio-oeste (meio dos Estados Unidos), onde pouca coisa acontece se compararmos a LA ou NY, minha família

e amigos, minha mãe e sua fotografia, Dean Kessman, a cena musical de Champaign, Urbana e Chicago, morar em Chicago e Los Angeles, ping-pong, BMX, skate, música e revistas. Warhol e sua revista "Interview", todos meus amigos do departamento de fotografia da Universidade. A família Girl, Chocolate e Lakai. Andy Jenkins e meus companheiros de Art Dump. Minha mulher Jennifer e meu filho Owen.

**+SOMA. O que é o Art Dump e qual o seu papel nele?**

Andy. Art Dump é o nome do departamento de arte na Girl. Ele é formado por todos os artistas que trabalham para as marcas da Girl. Eu faço coisas diferentes para a Girl e o Art Dump... Meu foco principal é a Lakai Limited Footwear, em que sou diretor de arte. Eu faço tudo na Lakai, menos o design dos tênis - trabalho somente na parte gráfica deles. Faço os anúncios, posters, catálogos, camisetas, direção de web, logos, etc. Além disso, faço alguns gráficos de shapes para a Girl e a Chocolate. Fotografo retratos e lifestyle para a Fourstar, Girl, Ruby, Chocolate, etc. Considero um ótimo trabalho, e acho o máximo poder unir projetos de design e fotografia.

**+SOMA. Trabalhar com os outros artistas do Art Dump o influenciou?**

Andy. Acho que todos nós influenciamos uns aos outros. É um ótimo grupo de artistas. Eu gosto muito de trabalhar com o pessoal da Girl.

**+SOMA. Como você se envolveu com a indústria do skate?**

Andy. Eu morei em Chicago na maioria dos anos 90. Nessa época, estava trabalhando com músicos, selos, e também comecei a fazer video clips. Meu colega Craig queria aprender a fazer filmes e se mudou do Arizona para Chicago para trabalharmos juntos. Ele andava muito de skate e acabou conhecendo todo mundo da cena. Mat Hensley, Kris Marcovich e Jamie Thomas moravam em Chicago. Os locais eram Mike Ruysck, Nate Lyons e Jesse Neuheus. Eu e Craig pegamos os lucros de um clip que eu tinha acabado de fazer para a MTV e resolvemos fazer um filme de skate inteirinho em 16 mm. A gente filmou por alguns meses no verão de 95 e lançamos um vídeo bem legal chamado Cornland. Craig fez a direção e eu produzi. Mandamos para alguns contatos e marcas de skate. Craig tinha um conhecido que era amigo do Andy Jenkins, então ele acabou recebendo uma cópia. Ele adorou o vídeo e começamos a conversar em 95/96. Na seqüência, trocamos alguns projetos, e em 99 Jenkins me convidou para alguns freelas. Fiz algumas coisas para a Ruby, então a Girl me chamou para fazer o logo da Lakai. A Lakai estava para ser lançada no mercado e eles me ofereceram um cargo. Em 99 me mudei de Chicago para Los Angeles e comecei a trabalhar na Girl.

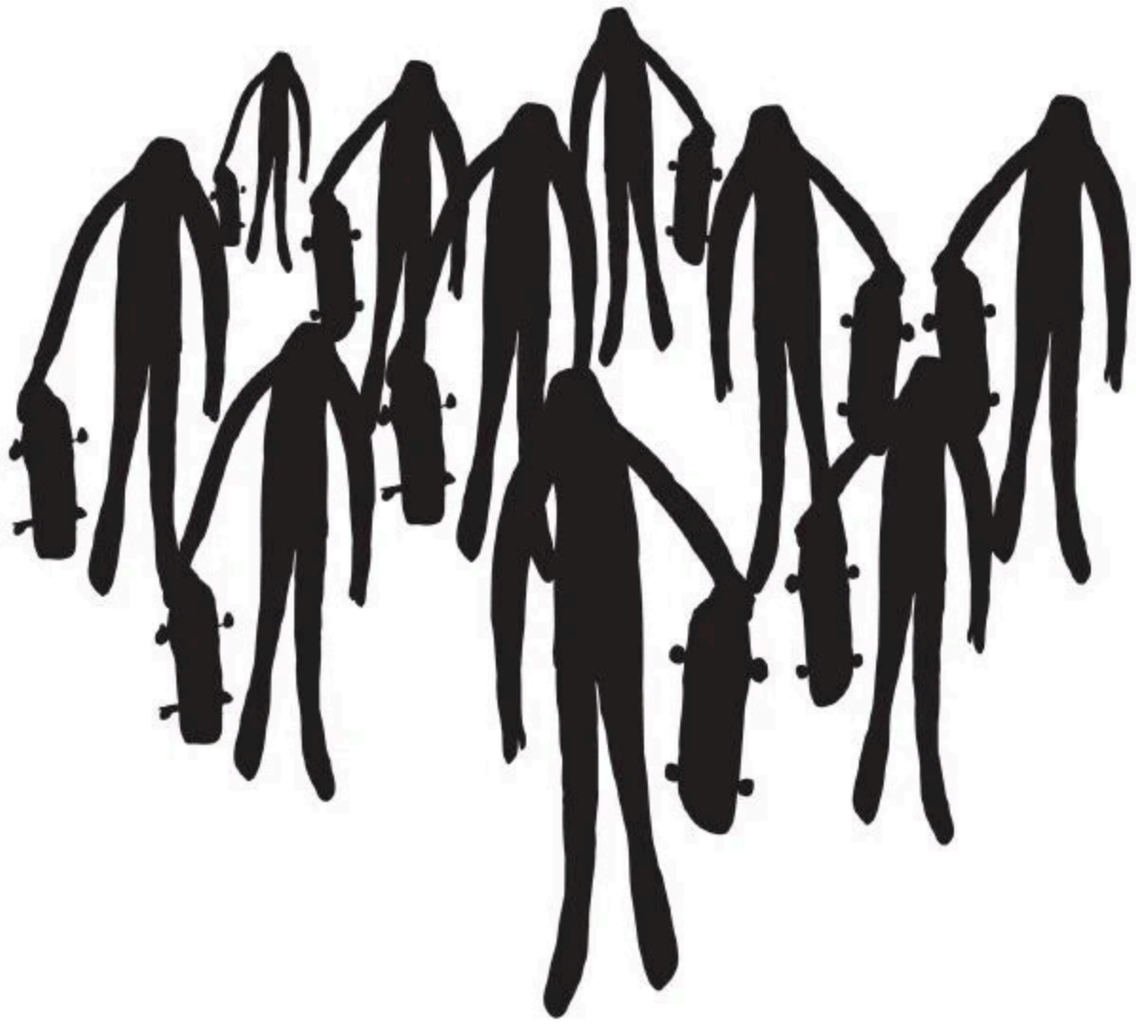
**+SOMA. Fale um pouco sobre o projeto de "monoprints" e a exposição "Taking Turns".**

Andy. Na realidade, a idéia das "monoprints" surgiu antes da exposição "Taking Turns". A revista alemã Lowdown me convidou, junto com os artistas Andy Jenkins e Tony Larson, para um projeto especial, que seria publicado na sua edição comemorativa de número 50, e foi assim que a idéia surgiu. Nós estávamos conversando no escritório do Tony sobre as possibilidades para o projeto e tivemos a idéia de imprimir cada um sobre o trabalho do outro, uma cor de cada vez. Decidimos criar um gabarito e então imprimimos trabalhos de somente uma cor dentro do espaço definido por esse gabarito. É um processo muito divertido, porque muita coisa acontece simplesmente por sorte, e algumas variáveis não são controláveis. Nós fazemos muitas monoprints e então selecionamos as que gostamos para as exposições. Quanto mais imprimirmos melhor, pois assim temos maiores opções na hora de escolher.
"Taking Turns" é o nome da exposição que rolou na galeria Monster Children, na Austrália. Nós fizemos cem monoprints pequenas e dez grandes para a exposição. Também produzimos pinturas em madeira, nas quais passamos os

trabalhos de artista para artista, um pintando em cima do trabalho do outro.

**+SOMA. Como se sente a respeito de colaborações? Numa colaboração, até que ponto uma idéia ainda é sua? Pensando inversamente, em qual ponto ela se torna algo diferente?**

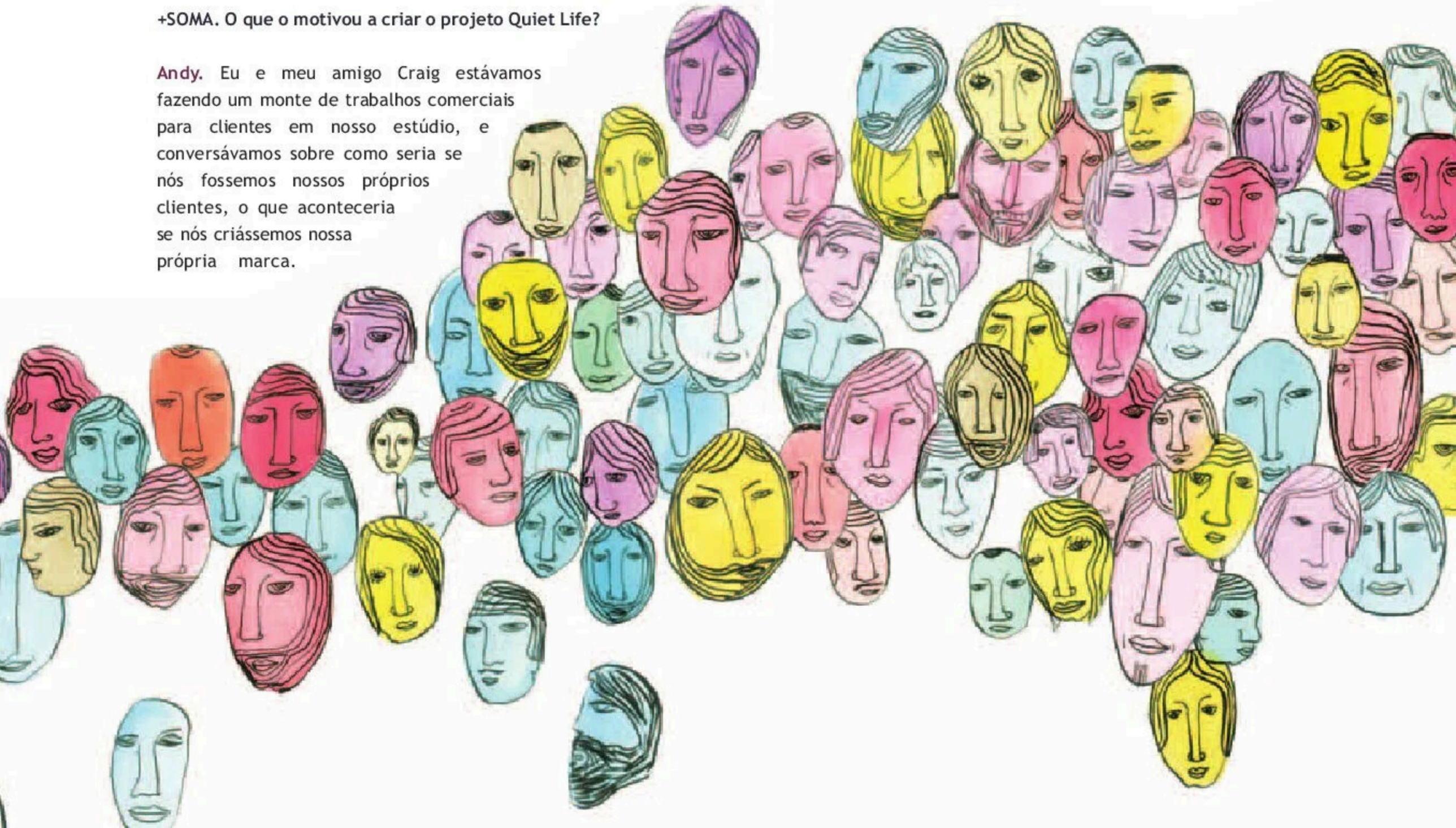
Andy. Eu gosto de colaborações, até mesmo quando não curto o resultado final! Eu acho que trabalhar com outras pessoas é uma idéia muito interessante. Eu tento pensar como se eu estivesse fazendo alguma coisa que de outra maneira nunca seria feita. Trata-se de um experimento, no qual os resultados podem ser bons ou ruins. Eu admiro o aspecto experimental da coisa. Eu não tento ser dono do trabalho final sozinho. Certamente eu posso usar as mesmas técnicas que normalmente utilizo, mas numa colaboração nunca penso no resultado final das partes individuais como meu - eu penso que parte do conceito geral é meu, mas não os pedaços dele. Essas partes individuais não existiriam da mesma forma sem os outros artistas, logo trata-se de um trabalho de um grupo de pessoas e todos os envolvidos são donos desse trabalho. Eu acredito que uma colaboração de sucesso rola quando todos os artistas envolvidos realmente acreditam na idéia e participam ativamente do processo, estão querendo quebrar barreiras, e não somente seguindo as idéias de outra pessoa.

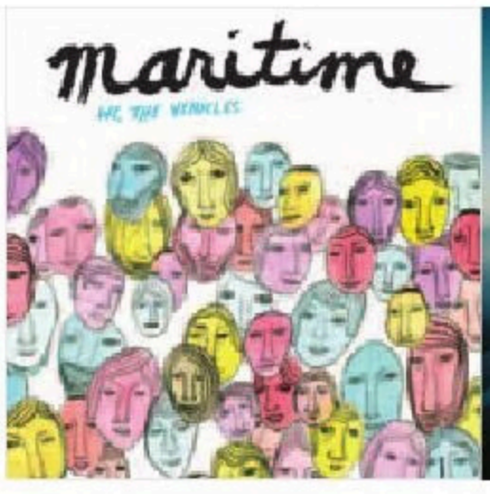


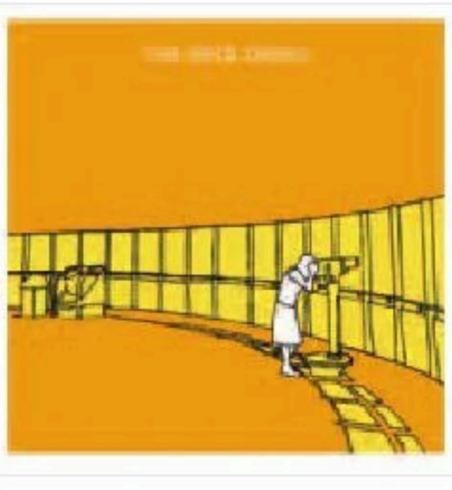
Nós tínhamos muitas idéias que os clientes não queriam ou de que não gostavam, então uma marca pequena como a Quiet Life nos pareceu uma idéia perfeita. Eu gosto da idéia de liberdade de criação, em que você pode fazer o que quiser e nenhuma outra pessoa pode dizer sim ou não. É muito engraçado que a Quiet Life já tenha completado dez anos. Nós nos movemos bem lentamente, ela vem crescendo lentamente nesses dez anos. Eu faço isso pela diversão, é um *hobby*!

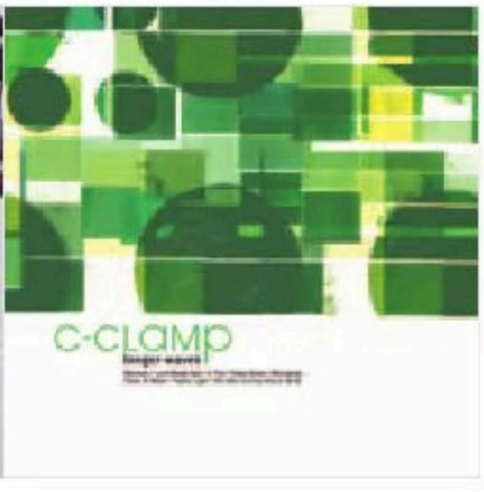
**+SOMA. O que o motivou a criar o projeto Quiet Life?**

Andy. Eu e meu amigo Craig estávamos fazendo um monte de trabalhos comerciais para clientes em nosso estúdio, e conversávamos sobre como seria se nós fossemos nossos próprios clientes, o que aconteceria se nós criássemos nossa própria marca.










**+SOMA. Você pode nos falar um pouco sobre o projeto "Camera Club"?**

Andy. O Camera Club é um projeto baseado em fotografia da Quiet Life. É simplesmente um clube para fotógrafos de todos níveis. Tudo o que você precisa fazer para se tornar um membro é nos enviar uma foto de que você goste.
Nós mostramos o material que recebemos na nossa galeria online. Já recebemos algumas imagens incríveis. Ficamos tão impressionados que já lançamos dois livros com fotos enviadas pelos membros do clube. Nosso lema é "SHOOTERS UNITE!"

**+SOMA. O que você gosta de fotografar?**

Andy. Pessoas, paisagens, cenas peculiares que possuam algum cunho social. Ultimamente tenho gostado muito de fotógrafos mais documentais como Stephen Shore e Gary Winograd. Também gosto muito de fotografar a água e pessoas nela.

**+SOMA. Inicialmente, o que inspirou seu interesse pela fotografia? O que continua a inspirar?**

Andy. Minha mãe foi minha primeira inspiração. Ela estava sempre carregando uma Pentax K1000 antiga e tirando fotos. Ela tirava muitas fotos em preto e branco e imprimia tudo sozinha. Ela trabalhou por algum tempo num jornal, depois com um fotógrafo, e mais tarde abriu seu próprio negócio de retratos. A fotografia sempre esteve por perto. Eu continuo a me inspirar em todas as imagens que vejo e fotógrafos que descubro na web, livros, revistas e naqueles que acabo conhecendo pessoalmente. É uma mídia divertida, e que na minha opinião nunca vai se tornar entediante.

**+SOMA. Quais artistas e fotógrafos você admira e gosta?**

Andy. Stephen Shore, Gary Winograd, Ed Ruscha, Dean Kessman, Joel Sternfeld, Dan Estabrook, Christa Renee, Peggy Sirota, Mary Ellen Mark, Andreas Gursky e muitos outros.

**+SOMA. Você freqüentemente tem a chance de viajar, conhecer novas pessoas e lugares. As pessoas geralmente consideram o desconhecido algo extraordinário. Como você encara isso e absorve novas culturas e pensamentos?**

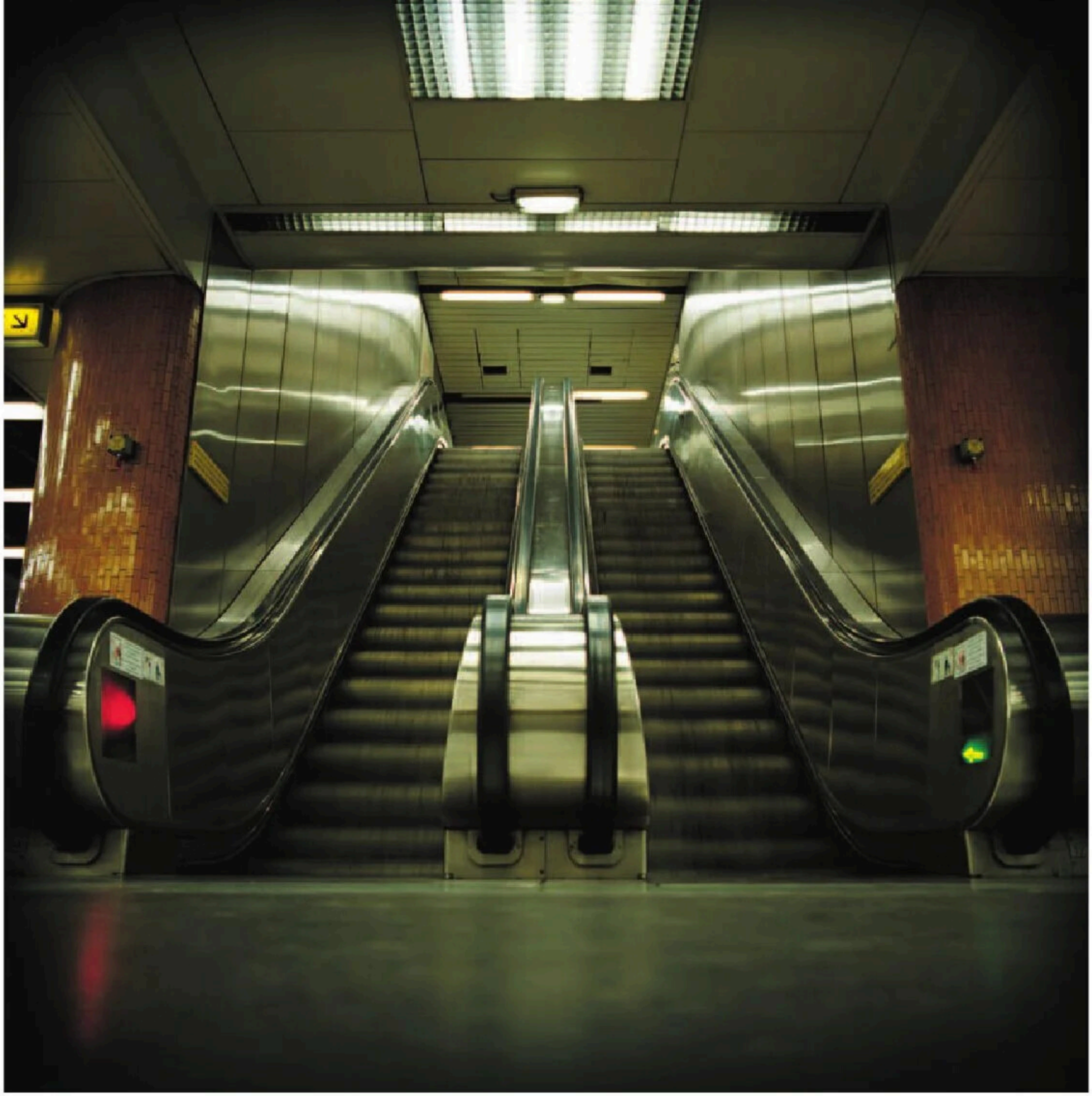
Andy. Eu amo viajar, conhecer pessoas, ver coisas novas e culturas diferentes. É uma das coisas que mais gosto de fazer. Eu sempre procuro manter a cabeça aberta. Eu acredito que isso torna tudo mais fácil.

**+SOMA. Quais ferramentas e técnicas você utiliza para criar?**

Andy. Isso depende muito do que estou trabalhando no momento. Para fotografia eu utilizo diferentes formatos e tipos de câmeras, tudo depende do que estou tentando fazer. Se estou viajando, eu posso usar formatos menores, como uma Nikon 35 mm, ou uma câmera médio formato, uma Holga ou até uma Hasselblad, mas para retratos gosto de usar uma câmera 4 x 5 ou uma Pentax 67.
Além de câmeras uso muito a serigrafia, faço impressões Gocco, monoprints, desenho, pintura...Uso muita tinta nanquim e acrílico.

**+SOMA. Você trabalha exclusivamente com filme? Ou tem trabalhado com imagens digitais?**

Andy. Depende muito do trabalho que eu esteja fazendo. Toda minha fotografia para arte é feita com filme, mas recentemente tenho feito alguns trabalhos comerciais com digital. Eu amo filme, mas também respeito a fotografia digital. Digital é ótimo quando estamos trabalhando com um cliente e precisamos mostrar que conseguimos fazer a foto que ele queria. Alguns trabalhos simplesmente não precisam de filme, enquanto outros só funcionam com filme. Eu gosto de poder trabalhar de ambas formas.



**+SOMA. Quais outros interesses você tem, além da arte, design e fotografia?**

Andy. Viajar, explorar, estar em contato com a natureza, minha família, andar de bicicleta e jogar ping-pong.

**+SOMA. O que faria se não estivesse trabalhando com seus projetos de arte e foto para skate?**

Andy. Honestamente, eu realmente gosto do que faço e não saberia dizer o que estaria rolando se não fosse isso. Eu gosto de trabalhar com skate, mas também adoro outros projetos que faço que não estão relacionados com o esporte. Eu trabalho muito com fotografia e encartes de bandas, ilustrações para marcas de moda e urban, fotos para revistas de comportamento, e no projeto Quiet Life. Estou bem feliz com a minha carreira e não gostaria de mudar ou fazer alguma outra coisa.

**+SOMA. Você cresceu no meio-oeste e depois se mudou para LA. Diria que essa mudança teve algum efeito na sua arte?**

Andy. Não tenho muita certeza. Acho que minhas fotos estão diferentes porque Los Angeles tem outra cara, mas a forma como penso sobre as coisas não mudou. Me sinto a mesma pessoa tentando fazer as mesmas coisas. A maioria das coisas que estou fazendo começaram nos meus dias de Chicago e meio-oeste.

**+SOMA. Você já falou que revistas são uma de suas maiores influências. Que tipo de revistas você gosta e como elas te inspiram?**

Andy. Eu cresci numa cidade pequena nos anos 80 e minha principal fonte de informação eram as revistas. Eu vivia com revistas de BMX e skate. Mas em 86 ou 87 descobri uma revista chamada Interview, que era do Andy Warhol, e essa revista realmente mudou minha vida. Eu não lia a revista, eu só olhava e olhava as fotos e ilustrações e depois tentava fazer imagens similares. Foi aí que tudo começou.

**+SOMA. Na sua opinião, o que faz uma revista se diferenciar das demais?**

Andy. O design, estilo, direção de arte, fotografia e a pegada dela.

**+SOMA. Você se preocupa em evitar superproduzir suas coisas?**

Andy. Eu acho que eu costumava superproduzir coisas, mas agora tento manter tudo o mais simples possível. Menos é geralmente mais.

**+SOMA. O que você mais gosta no seu trabalho?**

Andy. A liberdade de criação!!! Adoro o fato de não estar limitado a uma mídia ou estilo; adoro o fato de que trabalho com pessoas que possuem a mente aberta para as coisas que proponho.

**+SOMA. Existe alguma diferença entre seus trabalhos pessoais e os trabalhos para um cliente? Como é essa relação?**

Andy. De novo, acho que isso realmente depende do projeto. Às vezes é exatamente a mesma coisa, e outras vezes não. Por exemplo, as vezes um cliente quer que eu faça exatamente o que faço normalmente e eles vão escolher algo do que foi feito para utilizarem. Outras vezes, tudo começa com uma reunião ou conversa para determinar o que eles precisam, o que estão procurando.
Quando faço trabalhos comerciais, gosto de pensar em sempre fazer o que é o melhor para o cliente. No final, o trabalho precisa funcionar e gosto de fazer os clientes felizes. Eu sempre dou minha opinião e o meu melhor. E usualmente acabo tendo o sentimento de que o trabalho é meu.

**+SOMA. Geralmente, como você aborda o design de uma capa de disco? O que o inspira? Como você representa e traduz um trabalho musical em uma arte?**

Andy. Eu realmente gosto de ouvir a música antes de começar um projeto de capa. É muito importante começar a visualizar ouvindo a música. É muito importante ter certeza de que capa e arte se encaixam com a banda, a música e a personalidade do disco. Eu me esforço ao máximo para isso acontecer.

Eu tenho um processo que normalmente sigo. 1. Ouço a música e escrevo ou desenho qualquer coisa que venha à cabeça. 2. Tento determinar se a música soa mais como um verbo ou substantivo. E o que eu quero dizer é: a capa deve ser algo em particular, algo que você possa definir, um substantivo. Ou a capa deve ser algo mais etéreo e menos particular, mais emocional, um verbo. Esta quebra geralmente me ajuda a definir qual direção e visual devo seguir.
Depois disso começo a fazer rascunhos de capas no computador. Eu tento criar alguns baseados em fotos, um ou dois gráficos, e depois alguns baseados em ilustração ou pintura. Gosto de explorar essas opções antes de ajudar a banda a decidir o que funciona melhor. Eu também acho essa exploração divertida e gosto de tentar diferentes estilos para cada capa.

**+SOMA. Na sua opinião, o que faz um trabalho se tornar realmente significativo?**

Andy. Esta é um pergunta interessante... Instantaneamente eu penso em como o mesmo trabalho de arte pode significar coisas totalmente diferentes para duas pessoas diferentes. Talvez uma pessoa o ame e a outra não.
Eu não consigo sempre explicar o que me faz gostar de um trabalho e por que motivo ele me toca. Deve ser a emoção ou sentimento que tenho sobre esse trabalho. Eu me encanto por trabalhos de tipos tão diferentes. Preciso começar a prestar mais atenção nisso e talvez algum dia eu consiga responder melhor a essa questão.

**+SOMA. Como define sua criatividade?**

Andy. Desafiar seus limites, explorar, tentar coisas novas. Para mim, criatividade não é se apegar a um estilo ou estética e repetir essa fórmula. Eu realmente não gosto muito disso. Eu gosto mais de pensar no processo e na exploração. A criatividade deve ser uma jornada e não somente os resultados.

**+SOMA. Você acha possível tocar a vida de alguém através da arte? Alguma vez alguém já disse que você fez isso?**

Andy. Sim, eu acho. Eu acho que o design e a fotografia podem afetar e mudar a vida das pessoas. Eles mudaram a minha! Eu queria agradecer muito à minha mãe, meu padrastro e meu mentor Dean Kessman por minha carreira na fotografia, Sam Smucker por ser meu professor de artes no colegial, John Fueller pela minha carreira no design e Tony Vegas por me ensinar a fazer filmes. Todas essas pessoas tocaram minha vida - então queria deixar aqui um grande "obrigado".
E, sim, algumas pessoas já me falaram que algo que eu fiz teve algum efeito sobre elas, e é ótimo poder ouvir isso de alguém.

**+SOMA. Já ouvi você falar sobre uma atitude punk de como executar projetos, como você definiria essa atitude?**

Andy. "D-I-Y". Faça você mesmo. Eu procuro fazer tudo sozinho ou com colegas próximos e tento descobrir formas de como fazer coisas com orçamentos limitados. É possível encontrar maneiras de se fazer praticamente tudo, se tentarmos.

**+SOMA. Ultimamente você tem realizado alguns concursos na Quiet Life. Você acha importante inverter um pouco as coisas e fazer as pessoas produzirem?**

Andy. Eu acho divertido fazer as pessoas se envolverem. Eu gosto do aspecto comunitário da arte. Eu gosto de criar um tema e ver o que as pessoas inventam a partir daí.
Vocês chegaram a ver o vídeo vencedor do concurso dos Poo Poodles? O vídeo vencedor é incrível! Eu não consigo acreditar que foi feito para o nosso concurso! Me sinto muito honrado quando as pessoas participam dos nossos concursos.

**+SOMA. Você acabou de lançar uma série de camisetas em que todo o lucro é destinado a uma fundação. O que o levou a fazer isso?**

Andy. Nós estamos fazendo um novo concurso que é por uma causa muito muito boa - levantar dinheiro para a Fundação de Fibrose Cística. Se você nunca ouviu falar sobre a doença, você pode dar uma olhada nesse site: www.cff.org - é um ótimo site educacional feito pela Fundação de Fibrose Cística.
Eu e minha mulher temos um filho que nasceu com a doença. Ele está muito bem agora, mas queremos ajudar a fundação a levantar dinheiro e conscientizar as pessoas sobre a doença. Queremos ajudar o máximo que pudermos e seria ótimo termos artistas e designers envolvidos para contribuir nessa divulgação e levantar dinheiro para toda a pesquisa que está sendo feita de uma maneira nova e criativa.
Se vocês puderem, participem do concurso, pode ser até com um rascunho. No site da Quiet Life vocês podem encontrar maiores informações sobre o concurso.

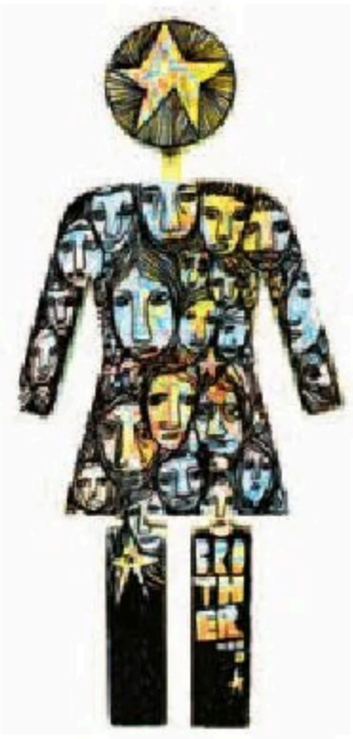
**+SOMA. Planos para o futuro? Algum projeto novo que gostaria de contar?**

Andy. Tem um monte de coisas acontecendo nesse momento. Estou acabando o design do CD de uma banda chamada The Baltic Sea, sou editor convidado da próxima edição da revista Monster Children (Austrália), estou trabalhando para uma nova exposição com Andy Jenkins e Andrew Pommier para a galeria Lab 101 de LA, uma outra exposição solo no Japão no fim de julho, fazendo uma ilustração enorme para a maratona de Los Angeles de 2008 e me preparando para uma exposição da Art Dump em Nova York em Agosto. Além disso tudo, tenho os trabalhos da Lakai e da Girl, e acabei de virar pai, o que me mantém muito ocupado.

**+SOMA. Comentários finais? Gostaria de dizer algo?**

Andy. Muito obrigado por essa entrevista e pelo interesse nos meus projetos. Espero poder ir ao Brasil algum dia.
Se vocês quiserem ver mais coisas que estão acontecendo, vale a pena dar uma checada nos links abaixo:

- thequietlife.com
- ohiogirl.com
- theartdump.com
- lakai.com



# Cinema Artesanal

Por Philip Rossetto

## Tirando filme de pedra

É verdade que hoje as técnicas de edição, por um lado, tornaram-se tão populares que quase qualquer um pode fazer um filme. Os números do You Tube estão aí prá confirmar. Na contrapartida da animação em 3D, que há um bom tempo tem sido a opção mais comum entre os filmes de efeitos especiais, está uma técnica tão antiga quanto o cinema e que continua produzindo peças muitíssimo boas e criativas: o stop motion.

Trata-se de compor um filme através da sua concepção básica: monta-se cada fotograma (tecnicamente chamado frame) em uma seqüência em que o "personagem" faz movimentos mínimos. Vista aceleradamente, essa composição dará a ilusão de um movimento contínuo. Esse fenômeno humano se dá através da Persistência Retiniana, que é uma espécie de "delay" entre as imagens refletidas nos olhos e sua transmissão até o cérebro. Estudos ópticos afirmam que, a partir de 16 imagens por segundo, o olho humano não consegue distinguir uma da outra separadamente, dando a impressão de que a imagem é viva.

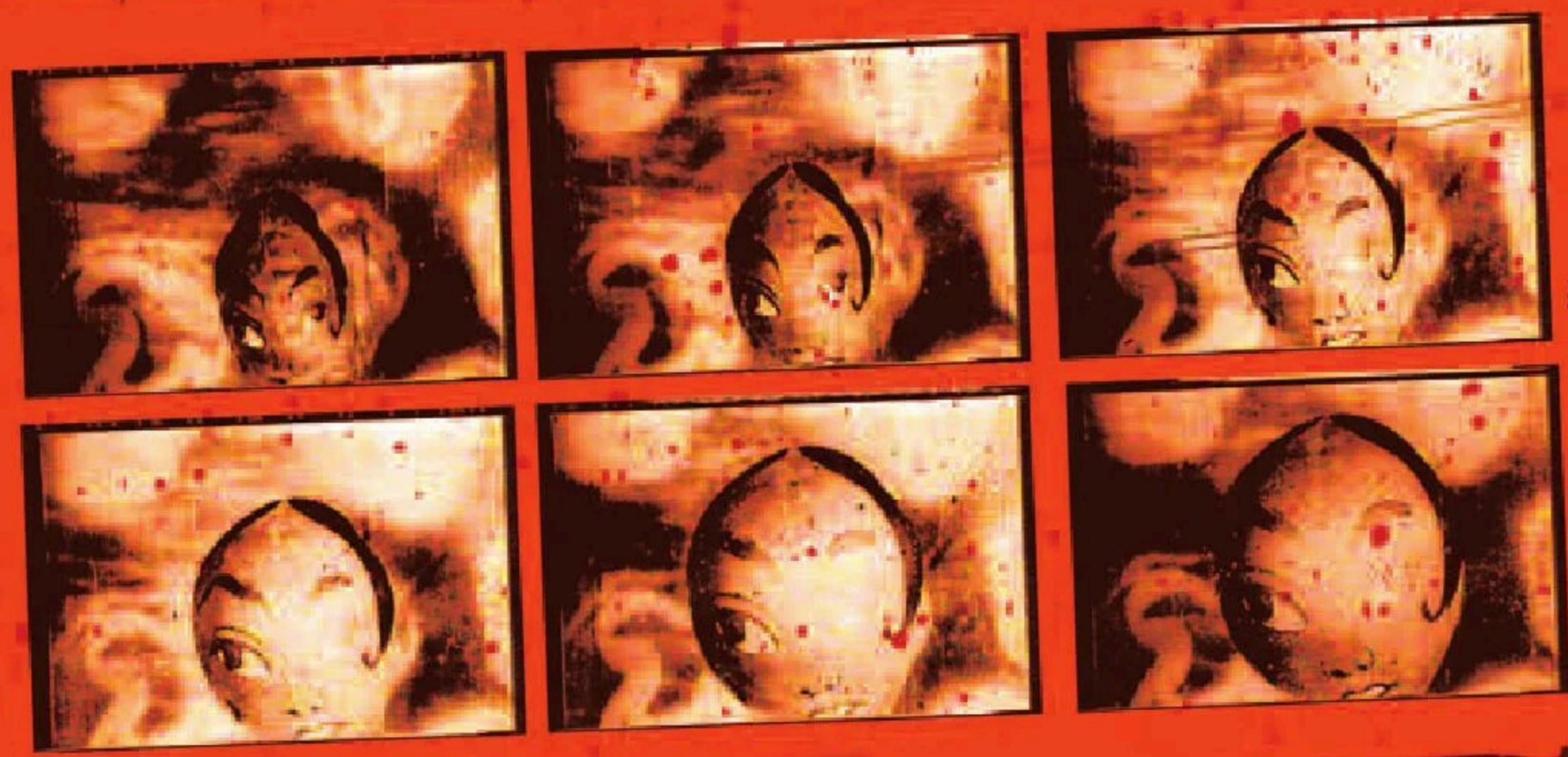
Os filmes que vemos no cinema hoje têm, geralmente, 24 quadros por segundo, mas, na internet, programas como o Flash geralmente usam 15. Ok, mas se atualmente a maioria das máquinas fotográficas digitais têm capacidade para gravar pequenos vídeos de baixa qualidade – em algumas, não tão baixa assim –, por que então ter o trabalho de fa-zer foto a foto?

Simples: porque qualquer objeto pode ser alvo de sua fantasia e criar vida, por mais inusitada que seja a situação.

Uma boa dica prá quem quer apurar o senso de stop motion é parar prá reparar quantos efeitos especiais marcantes da sua vida foram feitos através dessa técnica. Os três primeiros filmes da saga Star Wars são um bom exemplo. "A Noiva Cadáver" e "O Estranho Mundo de Jack", ambos criados por Tim Burton, utilizam uma técnica parecida – a claymotion, feita com bonecos de vinil e efeitos de iluminação – e muito pouca pós-produção.

Parece ainda muito distante prá dar coragem de fazer? Bobagem. Lembre-se que qualquer coisa – um boneco de acrílico, de massinha, um recorte, uma geladeira... tudo pode criar vida no stop motion, com a vantagem de que o "ator" irá se comportar exatamente como o diretor quer.

Segundo alguns filósofos como Jean Baudrillard, hoje vivemos um estado de intensa reciclagem, em que várias tendências estéticas e filosóficas são misturadas na tentativa de se criar algo novo. Se você quer fazer sua própria animação stop motion, é legal começar do início. George Meliés, ilusionista que fez da câmera, então uma ferramenta de registro, uma máquina de criar fantasias, utilizou o quadro-a-quadro para compor várias de suas obras primas, como os efeitos especiais do filme de 1902, "Viagem à Lua", ou "O Diabo Negro", de 1912. Acostumado com a mágica, Meliés foi quem descobriu o corte, base não só do stop motion, mas de todo o cinema.



*"Entr'act", Dirigido por Rene Clair em 1924*

No leste europeu também encontramos vários exemplos, como Wladyslaw Starewicz (1882-1965), um apaixonado por entomologista que usou o stop motion para ilustrar a vida dos insetos ou fazer poesia com eles. Ele é o autor do indescritível "O Natal dos Insetos", de deixar Walt Disney sem jeito, e "The Mascot", que desvenda todos os segredos de Tim Burton – mesmo sem silicone. Mais contemporâneo é o tcheco Jan Savankmajer. Desde a década de 60 ele vem fazendo filmes nos quais os principais personagens são cadeiras, ossos, bifes, pedras, entre outras diversas coisas. O longa metragem "Alice", uma adaptação da obra de Lewis Caroll feita por Svankmajer em 1988, é uma obra prima do gênero. Seu último longa, "Otesanek" (O pequeno Otik, 2000), também é incrível.

Inspirou-se? Então, mãos à obra.

## Busque no Youtube

**Jan Svankmajer**
Amor Carnal (1989)
O Jogo de Pedra (1965)
Jabberwocky
Punch And Judy

**Georges Meliés**
The Conjuror
Melomaniac
Les Cartes Viventes
O Diabo Negro
Viagem à Lua

**Wladyslaw Starewicz**
O Natal dos Insetos
Os sapos que queriam um rei
The Mascot

## Faça você mesmo

Carregue sua câmera, seja ela qual for. Vale tudo: celular, câmeras amadoras ou profissionais. Defina um ou mais objetos e crie uma história. A partir daí, é só criar as condições para que ela aconteça: um cenário (natural ou feito à mão) e uma iluminação adequada (pode ser o spot da sua cama). Dependendo da lente que você possui, não importa a escala dos objetos. Pode ser até a história de um alfinete no maravilhoso país das almofadas estampadas. O principal é pensar na história como uma seqüência de movimentos – na verdade, a base do pensamento cinematográfico.

É legal perceber também que, para cada segundo de animação, serão 18 a 30 fotos. Para viabilizar o seu projeto, tente ser sucinto e lembre-se: a maioria dos comerciais de TV têm entre 15 e 30 segundos, o que é suficiente para passar uma mensagem.

Um grande aliado do animador é um elemento simples: o arame. Ele é a melhor base de sustentação para qualquer coisa maleável, pois é capaz de proporcionar movimentos pequenos e voltar ao anterior com facilidade. Pode ser usado por baixo de tecidos, espumas, folhas secas ou de papel ou pura e simplesmente arame.

Depois de prontas as fotos e descarregadas no seu computador, é hora de usar algum tipo de programa para criar a seqüência no tempo que você precisa para criar a ilusão de movimento. Comumente são usados programas como o After Effects, Final Cut ou Avid, mas, se seu computador não é possante, até o Nero e o Power Point podem servir como base. Uma outra boa dica é baixar algum software livre criado para Linux.

Feita a seqüência, é só compactar e colocar online.

# Modo por um fio

*Vestido Animale e*
*meia-calça Do Estilista*

*Vestido P`tit sobre camisa Carlota Joakina*
*e Cola Wave para P`tit.*

Vestido Do Estilista

*Vestido Glória Coelho*

*Camiseta Theodora sobre camiseta manga-longa Reinaldo Lourenço e Legging P`tit*

*Vestido Animale e*
*legging Apego*

## Moda em tempos de uma atmosfera delirante

por Fran Sperb

É composta pela busca de um equilíbrio delicado, passando por um caminho em que certos e errados se sobrepõem, a tal sustentabilidade na moda. A sustentabilidade que está na moda. Está porque é tema este ano do São Paulo Fashion Week, principal temporada de moda da América Latina, porque grandes marcas, como as redes de lojas Marks & Spencer e a Wal-Mart estão engajadas no uso de produtos fairtrade e algodão orgânico, porque a Levi's lançou seu eco-jeans, a jaqueta de Mizuno vem com MP3 player e traz também um carregador de bateria à base de energia solar, a Diesel fez campanha inspirada na questão... só prá citar poucos exemplos. Claro que sustentabilidade está na moda em todos os lugares, no cinema da "Verdade Inconveniente" de Al Gore, no Oscar, na música dos grandes shows que neutralizaram suas emissões de carbono, na fazenda de reflorestamento que Brad Pitt comprou aos pés do Himalaia e mais exemplos a gastar papel.

Só o fato de estar na moda já é delicado. O que está na moda, por conceito, é efêmero. Estar na moda significa também ganhar grande exposição. O que está na moda deixou de fazer parte de um pequeno grupo de entendidos e atingiu a "novela das oito", aquele ponto em que todo mundo usa, todo mundo fala, todo mundo sabe o que fazer. Faz-se então tocar o alarme: ao mesmo tempo que é bom que um assunto como esse tenha exposição máxima, não é legal que em breve se torne um tema saturado ou, pior, demodê (pra usar uma palavra cafona). Pior mesmo é que muito se fale e pouco se faça. E, antes ainda de fazer, é preciso saber o que fazer. Pra começar, se informar. Saber o que se está comprando. Pensar antes de comprar. Fazer a coisa certa, já dizia Spike Lee. Mas o que é o certo?

Só usar roupas de algodão orgânico seria o certo? Seria uma ótima atitude, principalmente se o algodão fosse proveniente de um fornecedor fairtrade. Mas, mesmo com a H&M tendo lançado uma coleção bacaninha, essa foi a primeira linha de roupas de que se tem notícia na história que foi produzida 100% com a fibra orgânica. Por enquanto, só 1% da produção de algodão mundial é orgânica. Seria difícil abraçar essa, mesmo que se quisesse. Mas nem só de abraçar grandes causas vive o estilo de vida sustentável.

Pequenas atitudes podem ter mais bons efeitos do que grandes causas. Um exemplo de pequena atitude é algo que já fazemos naturalmente: comprar roupas de estilistas amigos, camiseteiros, pequenas marcas, por exemplo. A camiseta que a marca do seu amigo faz teve o tecido comprado no Bom Retiro, pagou horas de trabalho prá costureira na periferia mais próxima, foi silkada numa pequena empresa e fez o dinheiro circular na sua cidade, até chegar no seu corpo na forma de uma camiseta bacana, sem ter que percorrer muitos quilômetros transportada por um caminhão emissor de gás carbônico. Bingo!

**. Fotos**
Cia de Foto

**. Styling**
Helena Sasseron

**. Ilustrações**
Nani Inisam

**. Make**
Lau Neves

**. Modelo**
Gabriela Dianui . Ford Models

**. Assistente de fotografia**
Alexia Santi

Confira o making of no site www.maissoma.com

*Jaqueta Alexandre Herchcovitch sobre blusa P`tit.*
*Calça e cinto Glória Coelho*

# VIRADA PUNK

## O RECOMEÇO DO FIM DO MUNDO

## CÓLERA+GAROTOS PODRES+INOCENTES +RATOS DE PORÃO+PLEBE RUDE

por Renato Silva . fotos Leandro Cunha

Dizem ser o Brasil um país que não valoriza sua história. Na cidade de São Paulo, essa relação distanciada entre o povo e a história da cidade não é diferente. Espaços que reúnem beleza arquitetônica ímpar passam despercebidos aos olhares do cidadão comum, aquele mesmo que caminha apressado por entre seus compromissos e tarefas típicas do dia-a-dia paulistano.

O centro da cidade de São Paulo é carregado de histórias e simbolismos. Particularidades que o centro de toda cidade traz e ali assumem ares de assombro e lirismo muito diferentes da época de sua criação. A paisagem do centro da capital de hoje, com o aparente descaso dos governantes, é pouco atrativa à apreciação e poucas são as iniciativas da prefeitura para revitalizar essa região da cidade.

Em contraponto a esse aparente "descaso", a prefeitura lançou em 2005 o projeto Virada Cultural, que busca restaurar esse velho quadro tão desgastado pelo tempo, promovendo um evento que atravessa as madrugadas do ano e que em 2007 aconteceu entre as 18 horas do dia 05 de maio e as 18 horas do dia 06. O projeto recheou com muita música e arte a noite vazia, reunindo um maior número de apresentações nos palcos do centro, favorecido pelo acesso aos ônibus e à rede de Metrô que, diferentemente dos dias normais, funcionou durante toda a madrugada.

Os eventos aconteceram por toda a cidade, das periferias mais longínquas aos bairros mais próximos do centro, passando por lugares inusitados como um cemitério e alguns teatros da rede SESC. Essa *Virada*, diferentemente dos anos anteriores, buscou juntar em alguns palcos artistas específicos, separando-os por estilo, fazendo com que o público pudesse se programar melhor de acordo com seu gosto e espírito.

A Rua Barão de Itapetininga – que em 1892, após a construção do Viaduto do Chá, se transformou num dos pilares do "Centro Novo" – foi escolhida para receber as bandas punk. Tudo ali girou em torno da história. O velho e o novo em contraste, das bandas ao público. A arquitetura do centro compunha um cenário especial para o evento, lembrando que ali, na própria Barão de Itapetininga, funcionou durante anos a sede da gravadora Ataque Frontal, e muito próximo estava a Galeria do Rock, na paralela 24 de Maio, uma espécie de reduto atual dos punks e outras vertentes.

Percebeu-se que a produção da *Virada Cultural* não sofreu a inspiração do "novo" para que fizessem a escolha dos artistas que ali tocariam. Privilegiou-se a história. Uma espécie de tributo às bandas que construíram a estrada do punk no país. Inevitável lembrar do festival "O Começo do Fim do Mundo", acontecido em 1982 e que entrou para a história do punk brasileiro. Nostalgia? Não era o que se via na cara do público, formado por muitos jovens que sequer estavam em projeto quando o Cólera fez seu primeiro show naquele já longínquo dezembro de 1979.

## Palcos e impressões

Chegando ao palco da Barão, um pouco antes do show do Cólera, primeira banda punk a se apresentar, percebeu-se uma certa inquietação por parte de alguns garotos, por conta de possíveis atritos que poderiam acontecer no meio do público. Uns, com camisetas dos Ramones, preferiram colocar seus agasalhos para esconder suas preferências. É estranho como, depois de tantos anos, os fantasmas de atritos entre facções de punks, carecas, headbangers, ainda rondam a atmosfera de um show que reúne uma quantidade maior de bandas desses estilos.

Philippe Seabra, da Plebe Rude, disse não saber o que esperar como reação da platéia, mostrando certa apreensão com relação a uma possivel vaia: "Cara, a gente realmente não sabe o que esperar... São tantas bandas consagradas e a Plebe aqui, tocando depois de tanto tempo." Essa apreensão foi devidamente trocada pela alegria ao final do show: "Foi maravilhoso tocar no mesmo palco de Cólera, Garotos Podres, Inocentes, Ratos e ainda ser bem recebido por essa platéia", disse um simpático e aliviado Philippe.

Percebeu-se que com o passar das horas o número de pessoas na platéia crescia. Alguns "Moicanos" começaram a apontar no mar de gente que tomava a Barão de Itapetininga. Garotos e garotas com vestimentas nostálgicas dos anos 70, época em que Vivienne Westwood e Malcolm McLaren difundiram para o mundo essa estética visual punk, mesmo tendo o punk surgido no final dos anos 60, com bandas como os Ramones.

Já com o sol reluzindo pelas vielas do centro paulistano vem ao palco o Cólera, trazendo seus 27 anos de estrada e com um fôlego incrível para quem tem tanta rodagem. Aos primeiros acordes de "Qual Violência", do disco "Caos Mental Geral", de 1998, o caos propriamente dito se instala na multidão. Uma verdadeira massa se aglomera diante do palco e sem trégua começa a "pogar", dando a noção do que seria aquele reencontro do velho punk nacional. Passeando por canções de toda a sua carreira, não faltaram ali as clássicas "Deixe a Terra em Paz", "Subúrbio Geral", "Palpebrite", e tantas outras que durante muitos anos serviram de trilha para shows marcantes.

Ao chegar ao final, tocando o hino "Pela Paz em Todo o Mundo", do talvez mais cultuado álbum que leva o mesmo nome, lançado em 1996 e que proporcionou à banda uma extensa turnê de cinco meses pela Europa - uma atitude pioneira em se tratando de rock nacional -, a expressão de felicidade estampada no rosto dos integrantes refletia a alegre algazarra que rolava na multidão que, nesse momento, já era bastante maior com relação àquela que estava desde o início do show. Ali Redson já vestia uma camiseta do grupo pernambucano Mestre

...NA VERDADE, É O INÍCIO DE UM POSSÍVEL MOVIMENTO DE ABERTURA PARA AS ARTES.

BOA PARTE DESSA GALERA QUE VEIO ASSISTIR AOS SHOWS TEM BANDA, JÁ FAZ ALGUMA COISA E ISSO TUDO PODE REFLETIR NA MANEIRA DELES PENSAREM.

REDSON. VOCALISTA DO COLERA.

Ambrósio, mostrando que muita coisa mudou na mente e atitude dos punks brasileiros.

Nota-se uma incontestável diferença entre a platéia dessa manhã e qualquer outra de um show punk nos anos oitenta. Não há pancadaria muito explícita nem qualquer espécie de confusão maior. Até mesmo a relação dos seguranças com a platéia, que tradicionalmente costuma ser bastante tensa nessas ocasiões, ali se mostrou amistosa. E os garotos, que invariavelmente passaram a cair na área restrita a convidados, após voarem por sobre a platéia, contavam com a ajuda dos seguranças para voltarem à massa.

Ao final do show, o vocalista resume suas impressões sobre o projeto da *Virada Cultural* como um movimento cultural de que o Brasil necessita. "Finalmente nós conquistamos a possibilidade de concretizar esse desejo que sempre tivemos de mudar alguma coisa. Na verdade, é o inicio de um possível movimento de abertura para as artes. Boa parte dessa galera que veio assistir aos shows tem banda, já faz alguma coisa e isso tudo pode refletir na maneira de eles pensarem."

Redson disse à platéia que se sentia um pouco responsável por tudo aquilo estar acontecendo ali. A razão e a história não me permitem achar o contrário. A tensão inicial foi se dissolvendo. Do palco já não se consegue enxergar o fim daquele mar de gente. Nos bastidores o encontro entre os artistas é o mais amistoso possível. Os filhos dos integrantes passeando pelo local dão um ar de festa. João Gordo ao celular assegura que está tudo tranqüilo. Espaço aberto para a família. Não fosse o som vindo do palco, com os roadies dos Ratos de Porão passando o som, a atmosfera poderia muito bem lembrar a de um churrasco dominical entre amigos.

E então o Ratos subiu ao palco com sua brutalidade latente que explode em alto grau. O Ratos é uma banda completa. Incrível como

o entrosamento entre os integrantes é visível. João Gordo é um perfeito "entertainment". Sua comunicação com a platéia é perfeita e sua presença de palco mostra que os anos de estrada fazem bem ao Ratos e ao próprio Gordo, que nem parece ostentar todo aquele peso, tamanha a desenvoltura que tem para gritar em meio à ensurdecedora barulheira produzida pela banda. Jão, Boka e Juninho, respectivamente guitarrista, baterista e baixista do Ratos, produzem o som afiadíssimo, característico de uma banda respeitada no Brasil e em vários lugares do mundo.

"Poluição Atômica", música que figura no álbum "SUB", coletânea de bandas punks lançada pela Devil Discos em 1983, estava no *set* dos Ratos, assim como as músicas do clássico "Crucificadas Pelo Sistema", no qual, além da canção que intitula o disco, a banda toca "Caos", que é nada mais que poucos segundos de violência sonora e também um dos pontos altos da apresentação. Em um momento do show, o "mosh" já rola em quase toda a extensão da Barão de Itapetininga e toda aquela massa humana assumia que ali a brincadeira virava coisa séria. Surge um pequeno incidente entre platéia e seguranças e João Gordo emenda: "Calma aí, segurança, por enquanto esse é o palco mais calmo, hein?" Sarcástico Gordo. Perto do final do show, a banda emenda "Amazônia Nunca Mais", "Plano Furado" e "Beber Até Morrer", transformando a atmosfera num culto explícito ao barulho e à diversão.

Em conversa com João Gordo, dos Ratos de Porão, logo após o incendiário show da banda, falou-se sobre o episódio do conflito no show dos Racionais (Houve um único incidente grave registrado, o tumulto entre polícia e platéia dos Racionais Mc´s no palco da Praça da Sé), fato que ele ficou sabendo ali no momento da conversa e que não o surpreendeu tanto quanto o fato de não ter acontecido nenhum atrito entre o público no show de sua banda realizado momentos antes. "Esse tipo de festival já acontece lá fora há muitos anos; sempre foi assim, todos os estilos, todo mundo junto sem treta. No Brasil as coisas sempre demoram a acontecer e somente agora é que essa molecada está se ligando que a coisa é bem melhor assim. Pelo menos o fato de o problema ter acontecido no palco do show de rap lá e não no palco do punk, que sempre foi visto como problema e foco de revolta, rebeldia e tudo mais, mostra que a molecada está melhor preparada para uma coisa mais organizada...", disse o Gordo.

ESSE TIPO DE FESTIVAL JÁ ACONTECE LÁ FORA HÁ MUITOS ANOS E SEMPRE FOI ASSIM.

TODOS OS ESTILOS, TODO MUNDO JUNTO SEM TRETA.

GORDO, VOCALISTA DO RATOS

Após uma sessão de fotos com a banda que, gentilmente, se colocou à disposição de nosso fotógrafo, saímos para um respiro. Entramos num bar próximo, na Praça da República, e sem surpresa alguma nos deparamos com uma multidão de punks. Não pude deixar de reparar que ali, num mesmo bar, um mesmo espaço, a disparidade de gostos e estilos reunidos era incrível. Para quem viveu esse ambiente nos anos 80, era impensável encontrar um rapaz com uma reluzente camiseta do "Deep Purple" debatendo tranqüilamente com outro trajando "Ramones", numa roda onde também havia punks moicanos e outros tantos, com "patches" do Cólera, Olho Seco e afins.

Busquei ali saber sobre as impressões da *Virada Cultural*. E opiniões foram unânimes sobre a importância do desenvolvimento cultural na cidade, da abertura dos espaços com essas iniciativas e do valor histórico de reunir tantas bandas punks juntas. Ao saberem que eu estava cobrindo o evento, perguntaram-me sobre a confusão no show dos Racionais Mc´s e opinaram sobre o rap com tamanha desenvoltura que me impressionou: "O rap é um movimento de vanguarda também, assim como foi o punk no início. Um movimento periférico, de contestação. O ódio à polícia e ao sistema é o mesmo, isso não muda. Assim como não muda a repressão policial contra os povos periféricos e de menor poder aquisitivo", opinam "Padaria" e Felipe, dos "Carniça ABC". Ao sair do bar ficou a impressão de que é histórico ouvir desses rapazes um elogio à prefeitura ou ao sistema propriamente dito.

Início de mais um show. Os Garotos Podres e sua temática socialista, com citações ao movimento operário, ainda encontra eco nas vozes dos garotos que, salvo raríssimas exceções, mesmo sabendo pouco sobre o operariado do ABC, lar da banda, e que tanto inspirou o movimento punk no ABC dos anos 80, buscam nos questionamentos dessas letras sua razão. Toda razão. O ambiente se transforma e em determinados momentos há tamanha integração entre público e banda que a impressão é de uma verdadeira atmosfera catártica. Mau ainda é o grande "Bufão", o vocalista continua soltando suas pérolas costumeiras e é costumeiramente irônico o bastante para fazer esse público rir e continuar respeitando-o. "Garoto Podre" abre o show e vêem-se poucos que não cantam a letra da música. Assim é o show inteiro e, em "Anarkia Oi!", o que era uníssono se transforma em "solo" por parte do público, que pouco permite ao vocalista cantar.

Vem o pedido do bis, que é prontamente atendido pela banda, que retorna com mais três músicas, tendo em sua última "Vou Fazer Cocô" outro momento de quase silêncio do vocalista Mau. Quando os

**FOI MARAVILHOSO TOCAR NO MESMO PALCO DO COLERA, GAROTOS PODRES, INOCENTES E AINDA SER BEM RECEBIDO POR ESSA PLATEIA**

*PHILIPPE, VOCALISTA DO PLEBE RUDE*

Inocentes, próxima banda a subir ao palco, inicia o seu show, percebe-se que há uma baixa no público e, principalmente, nota-se a ausência dos punks com visual mais tradicional. Isso não era indício de que os que ali ficaram fossem mais frios ou coisa parecida. Uma banda experiente como os Inocentes não deixa por menos, e faz um show tecnicamente perfeito, tocando diversas músicas muito conhecidas pelo público. "Rotina" abre o show. A banda toca um *cover*, já conhecido por parte de seus fãs, do grupo "365 São Paulo" e faz a alegria de um público que conhecia a música, bastante executada ainda hoje nas rádios que tocam rock em São Paulo.

No meio do show da banda, surgem os primeiros incidentes mais sérios. Uma briga entre alguns mais exaltados faz com que o vocalista Clemente pare o show para pedir calma. Nada muito grave, se levarmos em conta que foi um show com tantas bandas juntas, em local aberto, sem revista policial e com livre acesso a bebida e outros "aditivos". A banda então parte para o seu final apoteótico com "Pânico em SP" e fecha o show com outro cover, agora da banda inglesa The Clash, "I fought the law".

A tendência de mudança do público, que se deu no início do show dos Inocentes, se acentuou com a proximidade do show da banda Plebe Rude. Antes do show, conversei com o Philippe Seabra, vocalista e guitarrista, e com o baixista André X, simpáticos e atenciosos com todos os que chegavam a eles, um tanto diferentes de Clemente dos Inocentes, e que também hoje é também guitarrista da Plebe, substituindo Jander "Ameba", que, ao contrário dos outros integrantes, mostrou-se um tanto desinteressado em responder às nossas perguntas. Talvez pelo cansaço de tocar seguidamente dois shows... Enfim, voltamos a Phillipe, que frisa a importância da mudança da Plebe para o Rio de Janeiro nos anos 80 e depois sua chegada a São Paulo como fator determinante para o reconhecimento da banda fora do circuito brasiliense. Cita a importância do evento e o orgulho de estar ali tocando no mesmo palco de Cólera e Inocentes. André é bom sujeito, pacato e bastante conhecedor de música, e se interessa em contar as histórias da banda nos seus tempos de Brasília.

A Plebe sempre foi tida como a banda brasiliense que melhor tocava e compunha, inclusive por integrantes de bandas que viveram a época, como é o caso de Renato Russo, da Legião Urbana, que sempre foi um admirador confesso da banda. A banda abriu seu show já ao cair da tarde e nota-se a presença de um público mais velho, com muitos fãs cantando todas as músicas, bastante felizes. Esse clima de emoção dá à tônica da apresentação, com canções como "Minha Renda", "Proteção" e uma memorável versão da calma "A Ida", feita a guitarra e vocal por um Phillipe preocupado, num momento em que os bombeiros pediam calma à platéia. O timming perfeito de quem conhece bem o jogo. Com "Até Quando Esperar", o grande hit do primeiro disco da Plebe e ainda o maior de sua carreira, a banda encerra o festival punk no Palco do Rock numa apoteose perfeita para um final digno da festa que foi todo o encontro.

Voltamos para casa, cansados pela maratona. Um tanto reflexivos, é verdade, com o que acabávamos de assistir e com as agradáveis surpresas que aquele domingo nos reservou. Em minha mente ficou um pedido que um dos garotos punks me fez no bar em nossa saída para a continuação que se daria com os Garotos Podres no palco. Sério, ele segurou em meu braço e disse: "Ei, escreva lá na matéria que o punk não morreu."

Nem precisava, garoto, nem precisava.

# MZURI SANA

## ESCUTA ESSA!

*por Tiago Moraes. Foto por João Wainer*

Mzuri Sana é a bola da vez do hip-hop underground nacional. Basta você colocar o Ópera Oblíqua prá tocar para você perceber que eles não estão brincando. Mas vê se não economiza no volume e presta muita atenção no que os caras têm prá falar, porque a música deles não foi feita só pra dançar com a mão prá cima, mas prá escutar, entender, refletir e se inspirar.

Machado de Assis, Picasso, Spike Lee e Pablo Neruda são alguns dos ilustres personagens que habitam rimas que chegam a atordoar, tamanha a quantidade de informação despejada nos seus ouvidos. Em um tempo em que superficialidade e banalidade parecem ter dominado o mundo, vez ou outra surge uma luz no fim do túnel que nos prova que ainda é possível fazer música criativa e inteligente que fuja dos estereótipos.

Parteum, que já havia provado sua competência como produtor e MC com o projeto solo que leva o seu nome, ao lançar o disco "Raciocínio Quebrado", agora mostra ainda maior evolução e maturidade produzindo batidas fortes, imprevisíveis e recheadas de camadas sobrepostas. Seu raciocínio e levada continuam quebrando e entortando ouvintes desavisados.

Secreto nesse disco abriu o jogo e revelou-se uma ótima surpresa. Com participação mais tímida no primeiro EP do grupo, "Bairros, Cidades, Estrelas, Constelações", lançado em 2003, neste disco ele solta o verbo e prova que, assim como um bom vinho, o tempo só aprimorou suas habilidades.

No comando das pickups, Suissac também parece estar bem à vontade, com ótimas colagens, samples e scratchs, além de assinar também a produção de uma das faixas do disco. ◂

**▸▸ Para ouvir:**
**Mzuri Sana . Ópera Oblíqua**
Trama . 2006

**▸▸ Para ver:**
www.mzurisana.com

**▸▸ Contato:**
management@mzurisana.com

# música em gotas

**Liquidus Ambiento prepara sua mistura de jazz, eletrônico e música indiana para o primeiro álbum**

*por Jordana Viotto . Foto por Cauê Ueda/Tamago*

Depois de levar sua mistura de jazz, dub, eletrônico e música indiana a locais tão distintos como o SkolBeats, em São Paulo, o Universo Paralelo, na Bahia e a Concha Acústica de Santo André (SP), abrindo um show para o Nação Zumbi, o Liquidus Ambiento sente-se pronto para lançar seu primeiro álbum, que deve sair até novembro deste ano, com participações de Maurício Takara (Hurtmold), Flávio Lazzarin (Projetonave) e Gil Duarte (SoulZé).

"Já temos dez músicas e estamos em fase de produção", adianta San, responsável pelo baixo e pelos sintetizadores do Liquidus Ambiento e um dos fundadores do grupo. "Nesse momento, deixamos de ser um projeto para ser um grupo, com uma identidade sonora e visual também", diz ele.

A sonoridade do Liquidus Ambiento começou a ser construída em 2003, quando San e o baterista Fernando Eguchi se reuniam com músicos convidados em bares paulistanos para sessões de free jazz. Junto com o citarista Sallun, que participou de uma dessas sessões, os dois foram para o estúdio para transformar as improvisações em composições fechadas, sempre mesclando as batidas sincopadas a texturas orientais. Em 2004, o DJ e produtor Chris PhunkyDub completou o quarteto, levando influências da música eletrônica.

Com essa formação, o grupo gravou um EP de quatro faixas e um videoclipe da faixa Pop.Drop, roteirizado e dirigido pelo cineasta Cauê Ueda, da produtora Tamago. As músicas foram lançadas tanto em suporte físico (CD) quanto em formato digital para download. Seguindo a mesma linha, o vídeo foi feito para ser veiculado exclusivamente pela internet. "Queremos aproveitar o potencial de distribuição da rede e transformá-la em nossa plataforma principal. Outra idéia é aliar as novas músicas a outros vídeos, sempre seguindo a identidade que criamos em Pop.Drop", diz San. ◂

**▸▸ Para ouvir:**
http://www.myspace.com/liquidusambiento

**▸▸ Para ver:**
http://www.liquidusambiento.com.br/

## Passagens e Interferências

*por Alexandre Charro. Imagem cedida por Marcelo MJP*

Projeto de som profundo produzido por Marcelo MJP aliado ao DJ ASMA (Luiz Rodriguez). Neste lançamento instrumental e minimalista, MJP se inspira em breakbeats clássicos do Hip-Hop 93, é influenciado pelo pós-punk e experimentalismo, passando pelo jazz e reggae. Uma trilha abstrata que transmite uma sensação de verdade crua por trás de melodias e samples, como uma viagem insensível e sem destino à procura de beleza e sentido dentro do ambiente urbano fragmentado e caótico.

DJ Asma se utiliza dos toca-discos para compor – Turntablism –, sem soar como um Globetrotter. Existe técnica, mas principalmente sensibilidade sobre as produções de MJP. Com o uso da programação de sampler, teclado e softwares, e a gravação e mixagem sendo totalmente lo-fi, possui uma "pegada" obscura, perfeita para pensamentos complicados e decisivos.

O nome Passagens remete ao conceito de tempo e as rápidas transformações, evoluções e revoluções. Interferências são os obstáculos e a adaptação contínua. A fotografia de Renato Custódio (100% Skate), a arte da capa pelo próprio Marcelo MJP e o uso do papel reciclado retratam muito bem esse disco.

Também participam do CD, Marcos Gerez (Hurtmold, Van Damien), Omig One (Spntrec e Primeira Audição) e Munhoz Prof. M Stereo (Contra Fluxo e Mamelo Sound Sistem). Dj ASMA fez parte do Plano B com Rincon, Musquito, Tengu e Nocivo. Atualmente integrante do Lunattackz Crew Djs, Rinconsapiencia e Porqueeu. CD Inspirador e fortalecedor. ◂

**▸▸ Para ouvir:**
**MJP - Passagens e Interferências - ft. DJ A.S.M.A.**
Independente . 2007
http://www.myspace.com/marcelomjp
www.myspace.com/djasma

**▸▸ Para ver:**
www.mjpsp.blogspot.com

**▸▸ Contato:**
mjpstudio@gmail.com

MONSEY TOURS

Low_res nyc trash mobile cam shots por Keke Toledo / Lu Krás

# Como você está se sentindo agora?

por Gustavo Mini

Um prenúncio de tempestade toma conta da cidade no fim do dia. As nuvens estão carregadas e o lixo é jogado de um lado para outro pelo vento que também forma redemoinhos junto ao meio-fio. Pó está sendo espirrado nos nossos olhos. Está um pouco mais difícil de enxergar, de respirar, de parar prá pensar. São seis da noite. De vez em quando, um folheto vem voando até as nossas mãos. Na maior parte do tempo, é publicidade barata. Mas, num dia mais iluminado, podemos ter a sorte de nos tornarmos o destino do pedaço da vida de alguém na forma de uma folha de agenda rasgada, um naco de bilhete com uma mensagem de amor ou quem sabe uma receita médica de tarja preta. Um fragmento com essa qualidade que consegue abrir caminho no meio dessa bagunça tem a propriedade de nos conectar instantaneamente com uma outra vida, com as angústias, compromissos ou amores de um outro ser.

Na rua, isso acontece de forma inesperada e caótica. Na internet, o que era pra ser um acidente pode se tornar um ato deliberado de conexão humana se você digitar wefeelfine.org.. Inicialmente, você será jogado em um ambiente tomado por palavras e imagens aparentemente desconexas. Mas, à medida que sua testa se franze, seus ombros se encolhem e seu corpo se debruça física e mentalmente sobre o conteúdo do site, você começa a enxergar pontinhos coloridos que dançam na tela e reagem ao seu mouse como pequenos organismos unicelulares que carregam vidas concentradas. Você clica e uma frase é destacada.

“Me dá vontade de vomitar só de tentar descobrir por que eu me sinto assim de vez em quando”, disse alguém 28 minutos atrás.

Estamos compartilhando um pouco da visão de mundo de Jonathan Harris. Mas não foi Harris que escreveu a frase aí atrás. Na verdade, junto com o Especialista em Personalização do Google, Sep Kamvar, ele criou o site que pinçou esse momento particular. O projeto de Harris e Kamvar parte de um software que rastreia a internet de dez em dez minutos, buscando em blogs frases que contenham as expressões “I feel” ou “I am feeling”. O pequeno espião poético aproveita a viagem e captura também (se houver disponível) alguma imagem e informações básicas do post como local, horário e sexo de quem escreveu. Prá terminar, ainda cruza essas informações com a previsão do tempo local.

Mesmo quando não encontra todos esses dados, “We Feel Fine” oferece interessantes recortes da realidade. Com uma frase prosaica e uma informação simples, se constroem pontes para momentos do dia de alguém que você nunca viu e nunca verá na vida. Mas que, curiosamente, podem lembrar muito de coisas dentro de você.

Jonathan Harris nasceu e cresceu na bucólica Shelburne, rodeado pelas Green Mountains e pelo Champlain Lake, encantadores acidentes geográficos que ajudam o estado de Vermont a fazer fronteira com o Canadá. Mesmo saindo de lá e passando anos estudando ciência da computação na Universidade de Princeton, Harris sempre se viu mais como um contador de histórias e um artista do que propriamente como um técnico. Na sua busca por narrar, desenvolveu websites mais humanos para setores da universidade, uma mitologia para a marca de roupas Distilled Spirit e uma revista universitária que misturava turismo com arte e literatura, combatendo a xenofobia que se instalou nos Estados Unidos após o 11 de setembro. Harris também nunca parou de tentar fazer com que interfaces gráficas amigáveis e coletas de dados convivessem harmoniosamente, tanto em projetos comerciais (Daylife.com) quanto puramente investigativos (tenbyten.org, word count.org, Lovelines.com).

Nessa conversa por e-mail, Harris esclarece a relação entre dados e estética, fala sobre o gap que existe entre mundo online e offline, cita suas inspirações e explica por que se define como um contador de histórias.

**Mini.** O que move você a fazer coisas como "We Feel Fine" e "Ten byTen"?

Harris. Há tempos que eu comecei a notar que a web, geralmente vista como um espaço frio e sem humanidade, na verdade reúne uma quantidade absurda de expressão humana. E fiquei interessado em revelar essa humanidade escondida. Desde então, a maior parte do meu trabalho envolve a análise de dados em larga escala para produzir insights a respeito do mundo humano e não do mundo dos dados.

**Mini.** Qual sua motivação por trás da busca de padrões humanos no meio do caos de informação?

Harris. O mundo está submerso em informação e isso pode ser sufocante. Recursos como padrões, listas e "zeitgeists" permitem que a gente gerencie um pouco melhor o caos. Além disso, padrões também podem oferecer insights a respeito de quem somos, o que nos preocupa, como nos sentimos, como nos comportamos, geralmente revelando aspectos nossos que ainda não percebemos. Isso leva a uma melhor compreensão de nós mesmos e do mundo.

**Mini.** Então você acha que "Human behaviour is pattern recognition", como disse William Gibson no romance Pattern Recognition?

Harris. Numa escala maior, sim. Mas, numa escala menor, as pessoas são maravilhosamente surpreendentes.

**Mini.** Seu objetivo é tocar as pessoas ou apenas expressar seu ponto de vista?

Harris. Eu não tento forçar meu ponto de vista. O que faço é criar sistemas que têm limites, ainda que caóticos e abertos dentro desses limites. Dessa forma, cada pessoa que acessa meus sistemas os experimenta do seu próprio jeito.

**Mini.** O que você está tentando dizer com isso?

Harris. Em vez de apresentar conclusões sobre o mundo, eu estou mais interessado em produzir sistemas que levam as pessoas a desenhar suas próprias conclusões sobre o mundo.

**Mini.** Como você acha que isso toca as pessoas?

Harris. Eu acho que realidades tocam as pessoas. Então tento fazer com que meu trabalho reflita a realidade. Isso pode ser muito inspirador, porque a realidade é muito inspiradora.

**Mini.** Mas esse mapeamento que seu trabalho faz acaba sendo parcial, porque muita gente não está conectada ainda, especialmente no Terceiro Mundo. Os mapas gerados pelo We Feel Fine deixam isso muito claro. Qual a sua preocupação quanto a isso? Você acha que o padrão dos blogs reflete o padrão do mundo offline?

**Harris.** Não. Eles representam o mundo dos blogs, que de fato não é uma representação exata do mundo offline. Mas, no momento, é a melhor representação da realidade global que existe. Eu acredito que o mundo se torne mais conectado ao longo dos próximos anos e, na medida em que isso aconteça, acredito que o mundo online se aproxime mais da realidade offline.

**Mini.** Marshall McLuhan diz que "O ambiente é invisível". A web é seu ambiente?

**Harris.** Não, não estou interessado na web desse jeito. Eu simplesmente uso a web porque atualmente é o melhor reflexo do mundo que eu posso encontrar.

i am not in the least bit proud of my status as a consumer in our capitalits money a god economy but it really does make me feel better to get stuff
57 mins ago / from a 26 years old male in daynton area ohio united states

**Mini.** Geralmente quem trabalha com padrões e dados são pessoas que não têm um interesse na interface visual. Padrões são geralmente estudados mais em disciplinas matemáticas. Mas o seu trabalho é mais visual. Como você relaciona a visão mais humana, intuitiva e visual com os padrões matemáticos?

**Harris.** A representação visual permite que os padrões sejam compreendidos por mais gente. Eu estou interessado em comunicar idéias da forma mais simples, lúdica e clara possível. Assim mais gente se interessa por essas idéias.

**Mini.** Você tem mania de procurar padrões no seu dia-a-dia? Como uma prática pessoal?

**Harris.** Sim, eu vejo padrões em tudo.

**Mini.** Por exemplo...

**Harris.** Quando eu caminho pela cidade, ou ando de metrô, ou estou sentado no parque, eu sempre fico observando as pessoas, procurando por similaridades nas roupas, nas conversas, na postura, no comportamento. Às vezes isso até me atrapalha, porque em vez de aproveitar as situações eu fico analisando, procurando padrões e significados, quando geralmente o melhor é simplesmente relaxar e viver a vida. Estou tentando mudar isso.

**Mini.** Como você separa seu trabalho pessoal do trabalho comercial? Um alimenta o outro? Como funciona?

**Harris.** Eu tenho tido bastante sorte nisso... Tenho sido pago para desenvolver trabalhos como Yahoo Time Capsule, Phylotaxis e Daylife, que exploram as mesmas questões do meu trabalho mais pessoal. Tenho conseguido andar sempre na mesma direção, seja por amor ou por dinheiro.

**Mini.** Onde você costuma trabalhar?

**Harris.** A maior parte do meu processo criativo acontece em parques, caminhadas, cafés, restaurantes, observando pessoas, ouvindo pessoas. Primeiro eu desenvolvo minhas idéias no papel e só sento ao computador quando estou certo do que eu quero fazer. Eu acho difícil pensar criativamente direto no computador.

**Mini.** Enquanto eu navegava nos seus projetos, eu tive a sensação de que as pessoas precisam se educar no seu sistema para realmente se conectar com seu trabalho. Quero dizer que não basta sair clicando por alguns segundos, abrindo páginas e escaneando o conteúdo com os olhos. É preciso ler os manifestos, entender o que está por trás e se acostumar com a ferramenta. É quase como se a pessoa tivesse que imitar o seu jeito de pensar. Por que isso?

**Harris.** As pessoas desenvolveram um tempo de atenção muito curto na internet, então geralmente elas esperam tirar conclusões a respeito do que elas vêem em poucos segundos. Mas meu trabalho não se parece com nada que elas viram antes, então leva algum tempo até você se orientar. Isso é normal. Eu luto para produzir trabalhos que são, como diz Golan Levin, "instantâneos no reconhecimento e infinitos no potencial de maestria". Por exemplo, o piano e o pincel: são ferramentas que uma criança pode pegar e usar, mas que um virtuose vai passar sua vida inteira tentando dominar. Além disso, eu não quero que meus trabalhos recebam a mesma atenção superficial que recebe um vídeo no You Tube. Eles demandam mais de quem entra em contato com eles, mas por outro lado também oferecem muito mais. Há muitas sutilezas, muitas camadas, há reentrâncias e fissuras a serem exploradas.

**Mini.** Quem inspirou e quem ainda inspira você?

**Harris.** Bob Dylan, Tibor Kalman, Hayao Miyazaki.

**Mini.** Eu vi que você já viajou bastante. Em que cidade você adoraria viver?

**Harris.** Eu sou um garoto do campo. Eu vivo em Nova Iorque agora, mas nasci em Vermont e espero me mudar de volta prá lá algum dia. Eu também adoraria morar numa casinha no morro no sul da França, com uma esposa maravilhosa (ainda estou à procura!), onde a gente pode trabalhar todos os dias, cozinhar toda noite e conversar sobre tudo bebendo um bom vinho tinto.

**Mini.** Por que você se considera um "contador de histórias"?

**Harris.** Histórias são, em última instância, sobre ajudar as pessoas a enxergar suas similaridades em vez das diferenças. E meus trabalhos tentam ilustrar as similaridades que existem no mundo - todos nós amamos ou ficamos tristes de vez em quando, todos acreditamos em alguma coisa. Quando as pessoas começam a pensar dessa forma sobre seus vizinhos do outro lado da rua e do outro lado do mundo, o sentimento de "estrangeiro" se dissipa e um âmbito comum emerge. E eu acho que esse âmbito comum, que se alcança contando histórias, é a melhor esperança que temos para o futuro.

» www.wefeelfine.org

## Recortes de realidade

Grande parte da beleza de "We Feel Fine" está em colher dados matemáticos e fazê-los brotar na tela sob a forma de uma animação lúdica, formada por pequenos objetos geométricos coloridos dançando no melhor estilo "poderia ser alguma coisa do Flaming Lips". A colisão de matemática com estética surge no trabalho de Harris como resultado de seus interesses pessoais (que misturam computação, exploração geográfica e humana do mundo, belas artes e contar histórias), mas se alinha com toda uma tendência atual de encontrar beleza na organização de dados.

O blog Infosthetics (http://infosthetics.com) é um dos pontos de conexão mais interessantes para quem costuma retirar mais informação do desenho dos gráficos do que do papo furado que os acompanha. Mantido pelo belga Andre Vande Moere, professor-assistente de Design Computing na Universidade de Sidney, os posts do Infosthetics reúnem periodicamente novidades em visualização de dados com a informalidade que um blog permite. Isso significa textos concisos e muitas vezes bem humorados, além da correlação de assuntos próximos, como videoclips inspirados em infográficos e outras áreas de arte eletrônica. Se você curtiu o assunto da matéria, o Infostethics é um bom ponto de partida para mergulhar nesse curioso mundo.

Outra dica interessante é o projeto The Dumpster, de Golan Levin. Usando recursos parecidos com os do We Feel Fine, The Dumpster rastreia blogs de jovens americanos em busca de posts que revelem um dos pontos de maior concentração de energia na adolescência: tomar um pé na bunda do namorado ou da namorada, "being dumped". A interface gráfica chega a ser bem humorada: os posts que revelam o pé na bunda são traduzidos em bolinhas que "caem" o tempo todo, uma referência ao "dumped", que pode ser traduzido por ser "jogado fora".

Já o tênis Onitsuka Tiger aproveitou a onda e lançou o site madeofjapan.com, no qual mostra seus modelos de tênis construídos com fotos que tenham alguma coisa a ver com o Japão capturadas em sites e blogs.

Na outra ponta do espectro, está o Week In Review (http://www.weekinreview.org/), criado em Los Angeles e que traduz cada semana em uma folha de papel preenchida com impressões trocadas por qualquer que se disponha a aparecer no bar onde os participantes se encontram. O resultado parece mais o desenho de uma criança do ensino fundamental, mas não deixa de trazer um insight poderoso: meia dúzia de canetinhas e uma mesa de bar são a essência da web 2.0.

## Alguns projetos de Harris

- **universe.daylife.com** - O projeto mais recente de Harris parte de representações gráficas de constelações astrais para reunir imagens, textos e frases capturadas dos sites de notícias globais. O objetivo de Universe é determinar uma espécie de mitologia relacionando as pessoas e temas mais citados nas notícias com a idéia de mitos sendo contados no céu. Ambicioso e um tanto quanto complexo de navegar, mas faz pensar bastante sobre o peso real das figuras preponderantes na mídia mundial.

- **tenbyten.org** - O mecanismo de busca de 10x10 coleta as cem imagens mais representativas dos sites de notícias e as transforma em um grid de dez por dez fotos. Forma, assim, um instigante panorama visual diário da situação do planeta Terra visto sob a ótica do jornalismo na web.

- **wordcount.org** - Esse site parte do database do British National Corpus, uma compilação de cem milhões de palavras em língua inglesa do século XX coletadas das mais diferentes fontes. O Wordcount seleciona as 86.800 mais usadas e as coloca em ordem de uso em uma linha única horizontal. O mais legal é que você pode pesquisar palavras e descobrir seqüências que formam frases curiosas como "SEX CLAIMED ORGANIZATION HOLDING" ou "RAP TUMMY MONTREAL DECORATIONS".

- **oralfix.com** - Não é propriamente uma investigação artística na web, mas uma incursão de Harris e dois amigos no mundo das pastilhas refrescantes. Segundo ele, o objetivo era simplesmente pegar um produto comum do dia-a-dia e torná-lo mais bonito e mais interessante.

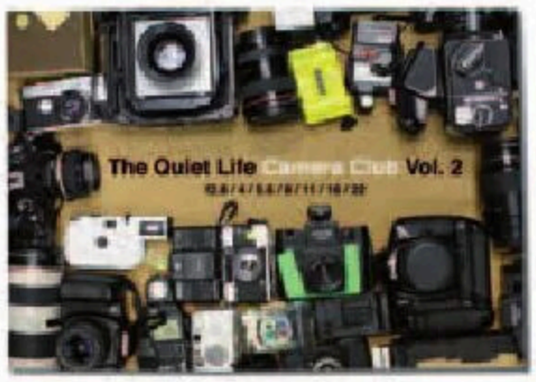
- **number27.org** - O site que compila todos os trabalhos de Jonathan Harris. Você pode ficar dias lá. Você vai ficar dias lá.

# +REVIEWS

### Navidad de Reserva

***El mato a un policia motorizado*** . Laptra / 2007

Após lançar seu auto-intitulado álbum de estréia em 2004, o quarteto de La Plata deu inicio a uma trilogia de EPs que ilustra o nascimento, a vida e a morte e o fim dos tempos. O passo inicial é este Navidad de Reserva, onde misturam, na definição deles, guitarras distorcidas e melodias de fogo negro. Numa tradução livre, significa um passeio pelo indie-kraut do Yo La Tengo, a lisergia shoe-gazer do Jesus & Mary Chain e os drones do Velvet Underground. ◂ *Por Guilherme Barrela*



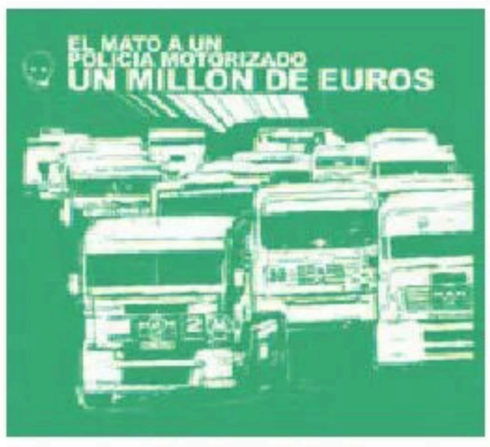

### The Quiet Life Camera Club Vol. 2

Segundo livro do projeto Camera Club lançado pela Quiet Life, conta com a participação de 94 fotógrafos que enviaram seus trabalhos através do site www.thequietlife.com. O projeto é aberto para fotógrafos do mundo inteiro, de qualquer nível. Portanto, se você se considera um bom fotógrafo e gostaria de participar da próxima edição, basta entrar no site, enviar suas fotos e torcer para ser escolhido. O lema do projeto é "Shooters Unite!". ◂ *Por Tiago Moraes*

### Conta

***M. Takara*** . Desmonta / 2007

Em seu terceiro disco solo, Maurício Takara não esconde mais o jogo. Estreando o próprio selo, faz um álbum mais acessível, com batidas marcadas, samples de voz e melodias bem definidas. Completamente à vontade, até se dá ao luxo de dar nomes às canções. Acessível, claro, usando sua bagagem rica e diversa, caminhando pelo jazz, idm, post-rock e hip hop, registrando um único instante dos temas que respiram livres em suas apresentações ao vivo. ◂ *Por Guilherme Barrela*




### Un Millon de Euros

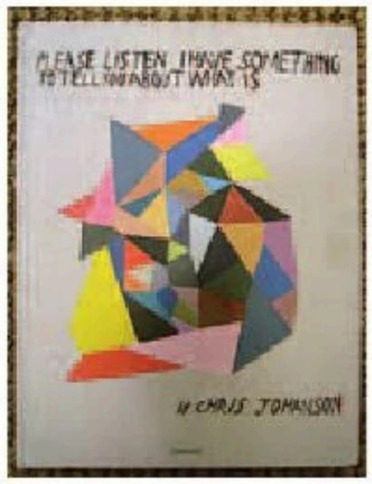
***El mato a un policia motorizado*** . Laptra / 2007

Parte dois da trilogia de EPs do grupo argentino, que é tão bom no som quanto nos títulos e definições. "O novo disco fala da vida, amigos, viagens, reis, festejos primaveris e sonhos sadios de riquezas infinitas, de punk espacial, garotas estradeiras, do novo kraut campestre, imagens de um mundo melhor, o indie rock áspero e elegante e estradas metálicas da mente humana. A calma e iluminação que precedem a tormenta". Foda, kraut campestre é genial. ◂ *Por Guilherme Barrela*

### CD Dubversão volume2

***Ranking Joe + Dubversão*** . Independente / 2007

O jamaicano Ranking Joe, um dos maiores toasters do mundo, fez uma apresentação histórica na segunda edição da festa Black Jackie em São Paulo, no dia 19 de novembro de 2006. Ele começou sua carreira na década de 70, como um dos mais notáveis e originais discípulos de U-Roy no artifício do "DJing", termo usado na Jamaica para designar a rima de forma quase falada dos hits jamaicanos. Por quase 3 horas, Ranking Joe cantou ao estilo Sound System, ou seja, sobre bases selecionadas por Magrão e Yellow P, que se revezaram também na operação dos efeitos do sistema de som Dubversão. CD ao vivo lo-fi, 17 faixas. Editado por Yellow P. Documento histórico. ◂ *Por Alexandre Charro*




## Please listen i have something to tell you about what is

***Chris Johanson*** . Alleged Press / 2007

A primeira monografia desse artista traz os desenhos, pinturas, instalações e esculturas produzidas no período compreendido entre 1992 e 2006. Mostrando o início de sua carreira nas ruas de San Francisco até os seus trabalhos mais atuais produzidos em Portland, é possível observar a evolução de Chris ao longo do livro. Cheio de formas geométricas coloridas, homens e mulheres nuas, suas figuras estão sempre ocupadas, conversando, abraçando ou atravessando a rua.

O livro também mostra algumas colaborações de Chris com outros artistas, entre eles sua mulher Jo Jackson. Outra contribuição são as fotos de Chris caçando madeira no lixo feitas por Tobin Yelland.

O livro é o segundo título da Editora Alleged Press, criada por Aaron Rose, fundador da pioneira Alleged Gallery (1992-2002) e curador da exibição itinerante Beautiful Losers, que contou com artistas como Barry McGee, Phil Frost, Spike Jonze, Harmony Korine e o próprio Johanson. ◂ *Por Rodrigo Brasil*

## Nike SB

***Zoom Paul Rodrigues II*** . 2007

Acaba de chegar às prateleiras o segundo modelo da Nike SB assinado por P-Rod. O garoto, com apenas 22 anos, é sem dúvida um dos melhores skatistas da atualidade e representa prá Nike no skate o que o Ronaldinho representa no futebol. O tênis é fabricado com o que existe de mais moderno em termos de materiais e tecnologia para skate. Seu design é super clássico, mas cheio de pequenas surpresas. Super confortável, ele praticamente abraça o pé e sua sola adere na medida certa na lixa do skate. Além disso, conta com tecnologia Zoom Air no calcanhar e também na parte da frente, o que alivia bastante os impactos. ◂ *Por Tiago Moraes*

## God of war 2

***Playstation 2*** . 2007

Se você está cansado de jogar "winning eleven" - jogo com mais de 50 times, que você provavelmente só joga com o Real Madrid, Barcelona, Manchester ou Brasil - e está procurando um jogo diferente para aquele sábado sozinho em casa, o God Of War 2 é uma opção.

Você deve estar pensando que é coisa de nerd, muito RPG pro seu gosto (ah! é "role play game", não vá confundir com aquela "parada" de fisioterapia), é aí que você se engana! Pergunte para aquele seu amigo nerd que já jogou o primeiro. É um ótimo jogo de ação e vou te dar duas razões para começar a jogar GW2: primeiro, ele tem uma história "meio distorcida" da mitologia grega com todos seus personagens (Zeus, Athenas, Chronos, Medusa, Minotauro... e por aí vai), além de você voar no Pégasus e roubar as asas de Ícaro. Segundo, se você não está nem aí para mitologia, e quer só um jogo de descer porrada, esse é o jogo. Você pode dar um pau em Zeus, degolar medusas, matar gigantes, destruir um exército inteiro sozinho; ou seja, fazer uma carnificina.

Na história, você é "Kratos", o "fortão" careca que quebra tudo e todos com facas presas ao seu corpo por correntes: ele é uma espécie de "wolverine". No primeiro jogo, você vende sua alma para ganhar a guerra de Esparta e vira o "Deus da Guerra", mas logo Zeus retira seus poderes e o mata. Auxiliado por Gaia, a "deusa da terra", você volta do mundo dos mortos e vai atrás de Zeus para se vingar.

Para vivenciar tudo isso você deverá resolver alguns quebra-cabeças com muita porrada! Pode jogar! Você não vai virar um nerd por causa disso, tirando o fato de que os gráficos são de uma beleza ímpar (isso sim, é coisa de nerd) e a trilha sonora poderosa mostra por que o jogo foi tão esperado pelos fãs.

GW2 é um jogo épico, é a aula de história que você queria ter. Com ele você vai começar a prestar mais atenção aos jogos de ação ou relembrar aqueles dias em que você jogava "Castlevania" no nintendinho "amarradão". Bem melhor que dar carrinho no Beckham... ◂ *Por Breno Tamura*

# +REVIEWS

## DBS 2007 - O Clã Prossegue

***DBS & A Quadrilha*** . Manicômio Sonoro / Sky Blue

Em seu segundo álbum, DBS, rapper da Zona Oeste de São Paulo, exerce novamente sua levada sinuosa e se firma como um dos bons contadores de história no rap nacional, como atestam "Qui Nem Judeu", uma fábula sobre rolês no Rio de Janeiro conduzida por conversas, toques de celular e uma linha de baixo gorda como o MC, e "Tudo Novo", onde conta sua própria morte e a conseqüente vingança - tema caro ao seu ídolo maior, Notorious B.I.G.. Sabiamente, DBS corrigiu a principal deficiência de sua estréia, os arranjos que contemplam as participações especiais. Não que os convidados do anterior fossem ruins, pelo contrário, mas aqui suas presenças estão mais bem resolvidas. Os versos cantados de Rappin Hood em "Pra Registrá", por exemplo, poderiam ter virado um refrão, mas estão no final da música, como um lamento inspirador - termina e você quer ouvir de novo. DBS desenvolveu o uso de sua voz fina desde sua estréia em "Respeito É Pra Quem Tem", do Sabotage, para construir um novo sotaque dentro da linguagem do rap nacional, um balanço malandro cheio de bordões - o seu "Negroooooooooo", largamente usado durante o disco, é excelente. Aliás, uma das últimas faixas do CD, o som duplo "Agora Escuta/Salve, Salve Neguinho", é a homenagem mais bonita feita ao falecido Maestro do Canão até agora. A profusão de gírias da rua exige atenção prá quem não é desse convívio - e isso é uma qualidade. O rapper também assina a maior parte da produção. Um disco que começa com boas-vindas de Milton Sales, um dos principais articuladores do movimento hip hop no Brasil, só pode estar com os caminhos abertos. ◂ *Por André Maleronka*

## Arquivos Educacionais

***Históricos, Histéricos*** . Fantoma Films / 2003

A Fantoma Films tem uma coleção peculiar. Uma delas é a reunião de filmes educativos usados como prevenção ao uso (ou abuso) de drogas e ao mau comportamento nos Estados Unidos, entre as décadas de 40 e 80.

Divididos e compilados em dois DVDs, "Sex & Drugs" e "More Sex & Drugs", são seqüências de pequenos filmes originalmente produzidos em 16mm. Entre eles, algumas obras do cultuado diretor Sid Davis com a participação de atores como John Wayne.

Esses filmes "educacionais" foram patrocinados pelo governo americano para formar cidadãos conscientes, e eram projetados nas escolas para as crianças e adolescentes. Havia outros para adultos, como auxilio à educação de seus filhos e empregados.

São "pérolas" as abordagens e produções sobre os efeitos diabólicos das novas drogas da época, como o LSD e a anfetamina, e das mais antigas como a maconha e o álcool. Introduzem o medo através de uma noção deturpada e histérica dos riscos e danos provocados pela droga. Em alguns, a imitação da vida cotidiana mostra a banalidade da vida familiar e social daquela cultura que passava por um grande distanciamento entre gerações, do pós-guerra à transição para o tempo do Medo, com o começo da Guerra Fria, que coincide com os tempos de busca pela liberdade e superação de preconceitos: Juventude Transviada, Beatniks, Hippies, Jazz, Blues, Rock & Roll. Um filme da meia-noite de hoje em dia. ◂ *Por Marília Arantes e Alexandre Charro*

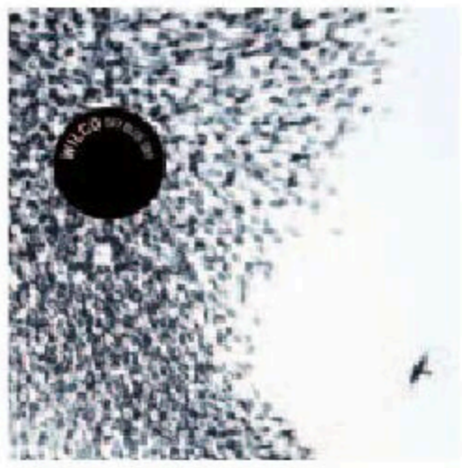
## Tapete Tampa . *Fogo design*

Do trabalho prá casa, da casa pro trabalho, depois prá balada e volta prá casa novamente. Essa é sua vida? Cada vez mais as pessoas equipam suas casas com uma infinidade de bens de consumo a fim de se amortecerem pela falta de direcionamento na vida. O tapete Tampa graceja com os limites entre a casa e a rua, transferindo para dentro do ambiente doméstico um objeto da paisagem urbana - a tampa de bueiro -, divertindo-se com a dualidade: da água da chuva para a água do chuveiro.

A transferência desse elemento urbano do seu contexto original é uma das facetas mais divertidas desta peça. Ele é produzido em PVC injetado e em cores mais fortes, diferente dos tapetes de banheiro à venda no mercado. Curioso, bonito e criativo! ◂ *Por +SOMA*

## Camisetas Quiet Life

Agora que você já conferiu a entrevista do Andy Mueller aqui na revista, não deixe de entrar no site www.thequietlife.com e conferir os produtos da QL. As estampas são muito bacanas e todas as camisetas têm tiragem limitada. Os preços são bem honestos e a qualidade é de primeira. Pros designers de plantão, tá rolando um concurso de desenho de estampas e é por uma boa causa. Confira! ◂ *Por Tiago Moraes*



## Sky Blue Sky

***Wilco*** . Nonesuch Records / 2007

Azul é cor da frieza. Azul é a luz que ilumina as canções de Jeff Tweedy. "Sky Blue Sky", nono disco da banda, tem todos os ingredientes para transformar o Wilco numa das grandes bandas americanas. Grandes no sentido de legendárias. Daqui a 20 anos, ao ouvir "*Sky Blue Sky*", é possível imaginar o Wilco incluído no Hall of Fame do cancioneiro americano, junto a outras bandas históricas, como The Band ou Allman Brothers. Analisando as obras mais recentes, como Yankee Hotel Foxtrot, A Ghost Is Born e a compilação de Kicking Television, a banda de Chicago caminha para a mitologia. Mas a mitologia que faz parte da cultura pop americana, que consegue refletir, muito mais do que a música, um território habitado por deuses e heróis. Heróis urbanos, heróis bêbados, heróis caipiras, heróis apaixonados e todas as pequenas crônicas cotidianas que cada alma dessas representa e ilustra em cores que vão parar em um céu azul ou de um incolor cheio de idiossincrasias, que talvez seja a cor que melhor reflita e defina os Estados Unidos. São 12 faixas que flertam diretamente com o folk, o soft-rock e o country dos anos 70, além de uma psicodelia suave de solos de guitarras onipresentes. A textura dos acordes, a epifania caseira das letras, o coro de almas azuis de cada canção celebram a grandiosidade das coisas simples, de gente ordinária, como nos romances de Faulkner e seus desvalidos e desgraçados que insistem em não se entregar ao destino. Destino que Tweedy resolveu pintar de azul.

*Por Zico Farina*

## God Save the Clientele

***The Clientele*** . Merge / 2007

Em seu terceiro LP, os ingleses do Clientele criam um novo universo - eles parecem deixar as ruas chuvosas de Londres rumo a uma viagem ensolarada ao interior da Inglaterra. Nas letras podemos ouvir um coração que toca como um violino, mas, como Maclean canta, nem tudo é um mar de rosas: "happiness just comes and goes". O som desse trabalho, gravado em Nashville com a ajuda de Mark Nevers, do Lambchop, é mais alegre, novo e diversificado, mas não temos como falar que se trata de uma nova banda. Uma coisa que realmente impressiona é o senso de dinâmica que o grupo possui e a habilidade na mudança de humores e tempos ao longo do disco. Cada música soa perfeita para uma mixtape feita para ganhar um coração, alegrar um amigo ou curtir uma tarde ensolarada. *Por Rodrigo Brasil*

## Ga Ga Ga Ga Ga

***Spoon*** . Merge / 2007

É um pouco complicado não nos questionarmos sobre o nome do novo disco dessa banda de Austin. O que significa "Ga Ga Ga Ga Ga"? Uma referência a bebês falando? Uma piada interna? Na verdade o título surgiu a partir de uma música do disco chamada "The ghost of you", que no estúdio ganhou o apelido de "Ga Ga Ga Ga Ga". Uma das questões que preocuparam a banda após ter lançado o aclamado disco "Gimme Fiction", em 2005, foi como conseguir fazer algo novo e interessante. Uma das armas que o Spoon encontrou foi gravar alguns sons pouco comuns - incluindo um "koto" (instrumento de cordas japonês) e um "harpsichord" (uma espécie de teclado originário da Europa). Todo esse esforço resultou em um disco que traz o pop alternativo típico do Spoon, que desta vez está ainda mais apimentado. *Por Rodrigo Brasil*

## Tênis da Bangoo . *Bangoo*

Em tempos de sneakers, a grife de idéias Bangoo lançou um tênis em canvas silkado, com sola de borracha e estampa inspirada no trabalho de Keith Haring. A marca utiliza-se do mascote "Bangolino" para criá-la. O forro é silkado com uma estampa de poá colorida nas mesmas cores da estampa externa. Com ele, você com certeza será notado em sua turma, mas existe também uma versão cano alto PB (preto, com a estampa em branco) para os mais discretos. Por enquanto, os produtos Bangoo só podem ser comprados online, mas eles entregam em todo o território nacional. *Por +SOMA*

NIKE SB

ZOOM PAUL RODRIGUEZ II

BY NIKE SB

06.2007

VARIAL HEELFLIP

DA
BAHAJIS

JMA SENTENÇA,
MANO
RAP

6453